



Cartas e memórias (com)partilhadas

Organizadoras:

Maria Laís dos Santos Leite

Maria Clara F. A. de Paiva

Maria da Graça Costa



Capa e design editorial

Ivy Francielle Higino Martins

Projeto editorial

Maria Laís dos Santos Leite

Diagramação:

Rafael Saldanha Demarco
Maria Laís dos Santos Leite
Francineide Pereira de Souza



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

C327 Cartas e memórias (com)partilhadas [recurso eletrônico] / Maria Laís dos Santos Leite, Maria Clara F. A. de Paiva, Maria da Graça Costa (Organizadoras). – Ed. do Autor – Juazeiro do Norte, CE : UFCA, 2026.
PDF (135 p.)

ISBN 978-85-67915-57-9

Capa e Design Editorial: Ivy Francielle Higinio Martins.

Projeto Editorial: Maria Laís dos Santos Leite.

Diagramação: Rafael Saldanha Demarco; Maria Laís dos Santos Leite; Francineide Pereira de Souza.

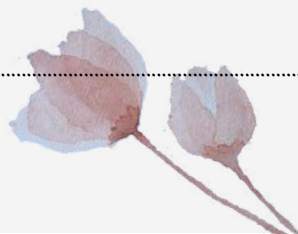
1. Literatura brasileira - Coletâneas. 2. Cartas - Narrativas. 3. Memória coletiva. 4. Afetividade. 5. Escrita criativa. I. Leite, Maria Laís dos Santos (Org.). II. Paiva, Maria Clara F. A. de (Org.). III. Costa, Maria da Graça (Org.). IV. Universidade Federal do Cariri. V. Título.

CDD 869.6

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355

Sumário

Prefácio	10
Andrielle Mendes	
Apresentação	12
Maria Laís dos Santos Leite, Maria Clara F. A. de Paiva, Maria da Graça Costa	
Poesia entre normas: Para aqueles e aquelas que escrevem além das regras acadêmicas	23
Angélica de Souza Lima	
Bruxas, Curandeiras: Cartas para mulheres que curam	32
Wanne Belmino, Raquel Pimentel, Bruna Improta, Lorena Schalken	
Cartas enviadas de um lugar que não existe mais.....	38
Rubens Venâncio	
Onde as cartas de amor não chegam.....	42
Maria Stein	
Escritas indomesticáveis: lendo e escrevendo com trabalhadoras domésticas.....	46
Gabriela Maria Vieira dos Santos, Letícia Cardoso Barreto	
Cartas sobre o Amor em Paulo Freire	62
Wagner Pires da Silva, Diönvera Coelho da Silva	
Carta a meu bisavô Francisco das duas mortes.....	76
Wamberto Medeiros	



Sumário

Carta para future.....	78
Edilson de Jesus Santos	
Conversas tecidas no encontro entre academia e vida: o que as cartas fazem fazer em psicologia?	84
Deborah da Silva de Souza, Laura Cristina de Toledo Quadros	
Cartas de uma jovem psi: sobre as delicadezas dos (des)caminhos da clínica.....	95
Taynara da Glória Martins, Bruna Pinto Martins Brito	
Carta de amor para quem nunca voltou	111
Ágeson Christian da Silva	
O amor e seus hiatos.....	115
Belisa Parente	
Carta para uma mulher.....	117
Ana Aparecida Rocha	
Para a minha querida mulher dissidente sertaneja: das capturas de gênero ao encontro de comunidades amorosas	130
Iasmin Sharmayne Gomes	
Entre eu e eu: Um abismo à um átomo de distância.....	147
Gabriela Ferreira dos Santos Tinoco	

Sumário

É para dona Anita.....	152
Tiago Coutinho Parente	
Carta para Yayá	153
Ana Cecília Ferreira	
Nomear é (re)existir.....	155
Elisa Silva Lucas	
Uma carta às ex-namoradas do meu parceiro	160
Larissa Guilherme Pessoa de Assis e Souza	
Sobre minha experiência com Grupos com Homens Autores de Violência.....	163
Talles Fabião Lacau da Silveira	
Bark-pusgo.....	180
Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi Savadogo	
Às irmãs de cor que vivem na fronteira.....	190
Franciele Alves dos Santos	
A todas nós	205
Marcela Costa	



Sumário

Entre cartas e artigos: um afeto agroecológico entre orientadora e orientanda	207
Maria Leticia de Oliveira Bianchini, Dolores Cristina Gomes Galindo	
My amygdala, se apresse e me salve	221
Barbara Buonaduce	
Querida Cecília.....	234
Wesley Marques	
Saída Criativa.....	253
Milena Cerqueira Porto	
Escrevivências e a escrita de nós: narrativas de estudantes negras(os) no ambiente acadêmico.....	254
Luíza Helena de Sousa Borettes, Leonardo Cavalcante de Araújo Mello	
Uma carta ao meu avô: seus passos, sua história, nossas raízes.....	260
Maria Laís dos Santos Leite	
Histórias para cuidar das nossas mortas.....	266
Maria da Graça Costa	
Em memória da pequenina aprendiz de costureira do Delta Orinoco.....	274
Maria Clara Fernandes Araújo de Paiva	



Prefácio

Andrielle Mendes

Eu achava que só escrevia prefácio quem era importante. E eu sempre me achei tão desimportante. Mas quando o convite chegou, apenas aceitei. Aceitei, porque de cartas eu entendo; pelo menos um pouco. Houve um tempo em que eu não conseguia falar; a voz não saía, e as palavras ficavam presas, sem passar da garganta. Dores de garganta constantes e visitas frequentes ao médico marcaram a minha infância. Os médicos queriam extrair as amígdalas, mas não foi preciso. A solução foi achar um modo de extrair as palavras!

Encontrei outro jeito de colocar as palavras para fora, e, com isso, as dores foram diminuindo, diminuindo, até que a cirurgia foi descartada. Foram as cartas que devolveram a minha voz, e afastaram as minhas dores. Eu não conseguia falar, mas eu conseguia escrever!

Olhando em retrospecto, percebo agora que as cartas foram a primeira estratégia que eu usei para recuperar a minha voz própria e exercitar a minha capacidade de autodeterminação (enquanto mulher indígena nascida na cidade) – como aprendi muitos anos depois lendo Patrícia Hill Collins e Audre Lorde. Quando tudo ao redor era incerto, quando o mundo parecia um lugar muito hostil, as cartas foram um lugar seguro onde eu podia me expressar. Para quem eu escrevia? Penso que tão ou mais importante quanto responder esta pergunta, é se interrogar: por que é que escrevemos?

Assisto ao noticiário, dou uma boa olhada no feed, ouço um programa no rádio, e o mundo ainda me parece um lugar muito

hostil. Então, pego papel e caneta – às vezes um aplicativo de notas no celular resolve – e escrevo. Escrever é a forma que encontrei para suspender o céu; foi a forma que eu encontrei para criar espaços dentro de mim e respirar um pouco melhor em um mundo onde imagens de tragédias emparedam o nosso olhar e nos asfixiam.

O papel em branco, a tela em branco, se transforma numa espécie de feitiço, encantamento, mandinga, benzimento para libertar o futuro. Por meio de uma “fabulação crítica”, de uma “poética documental” – como aprendi com Hartman –, podemos criar futuros possíveis em meio à crise ecológica, social, política, econômica, em que nos encontramos.

Dias atrás encontrei um pássaro morto, um bico de lacre, na calçada da minha casa; seu coração perfurado. Minha primeira reação foi virar o rosto para o outro lado; negar. Lembrei de Sontag, no livro Diante da dor dos outros; das imagens que gostaríamos de não ver, que preferiríamos “desver”, para não sentir, para não entrar em contato com a dor dos outros e, sobretudo, com as nossas. Voltei. Apanhei duas folhas caídas próximo. Envolvei o pássaro e fui enterrá-lo no quintal.

Lembrei imediatamente de Ailton Krenak dizendo que “a terra dá e a terra come” e de Nêgo Bispo dizendo que a “terra dá e a terra quer”. E me veio a imagem das montanhas de roupa no deserto do Atacama, das pilhas de lixo que se acumulam na Ilha de Jeju, na Coreia do Sul, dos destroços nas zonas de guerra (quando foi que nos acostumamos mesmo com a expressão “zonas de guerra?”).

A Terra não consegue mais comer tudo o que a gente produz, e estamos comendo mais do que a Terra é capaz de dar. Se estamos, de fato, à beira de um abismo, como noticiam os jornais, nossas cartas são nossos “paraquedas coloridos” - usando aqui uma metáfora de Ailton Krenak, em Ideias para adiar o fim do mundo; elas nos permitem cair em si antes de atingir o solo. Não nos distraímos.

Apresentação

Maria Laís Leite, Maria Clara de Paiva e Maria da Graça Costa

Eu acredito na potência dos encontros e da amizade. Digo que sou uma romântica e ao contrário do que diz a música, talvez eu não seja a última.

Em novembro de 2023, comentei com Maria Clara que estava escrevendo, no dia de finados uma carta para o meu avô, quando vi estava “contando a ele” sobre os projetos que estamos fazendo no Distrito Arajara, onde ele nasceu, viveu e foi assassinado, no engenho de rapadura em que trabalhava.

Clara também contou sobre uma carta que havia escrito... e então pensamos em fazer um livro reunindo cartas que são para uma pessoa ou um grupo, mas que também podem gerar reflexões para outras... podem ensinar, inspirar, fortalecer. Pensamos então em chamar mais uma psicóloga “diferentona” para fazer junto e aí convidamos a Maria da Graça. [Laís]

E posso afirmar, Maria Laís: (ainda bem) você não é a última romântica - e o que acabo de dizer me provoca um riso no meio do peito, um alívio talvez. Os encontros nos transformam e encorajam na direção da vida, da circulação dos afetos. Não à toa, eu estava às voltas de endereçar narrativas às pessoas interlocutoras de meu trabalho de mestrado (refugiados indígenas), quando Laís puxou o fio de prosa debaixo de uns 30°C em Niterói. Conversamos e uma outra sensação me tomou: estava em casa, falando das cartas não enviadas às avós, aos avôs, das histórias antigas, das dores e delícias que é existir, ser e sentir saudade - até daquilo que não se viveu, mas daquilo que só se escutou. [Clara]

Recebi o convite de Laís e Clara no final de 2023 para me juntar à organização de uma obra que elas estavam gestando a partir da escrita de cartas. Já havia conversado com Clara anteriormente sobre como a escrita de cartas estavam me ajudando a construir um “caminho de volta” para minha ancestralidade, então recebi esse convite como uma dádiva, uma oportunidade de tecer juntas reflexões que vinha fazendo de forma solitária até então.

Duas questões nos conduziam como ponto de partida: por onde estão as cartas que não enviamos, ou ainda, que não escrevemos? O que elas podem resgatar sobre nossas identidades, ancestralidades, memórias, territórios, gerações e afetividade?

Ao conversar com minhas companheiras, sugeri que além de cartas, recebessemos também artigos, ensaios teóricos, e outros modos de expressão artística e de produção de conhecimento, ressaltando como as cartas podem ser vistas como uma política de escrita que rompe com a lógica da neutralidade e impessoalidade da escrita acadêmica. [Graça].

Esse processo tocou-nos mais do que esperávamos. Em meio a correria do fazer acadêmico, com seus prazos que nos fazem constantemente devedoras, das urgências da militância e sobretudo, das demandas muitas vezes negligenciadas da vida pessoal, topar escrever em um outro ritmo, de forma não cartesiana.

Depois conversando, fomos as ‘três marias’, partilhando, gestando... nos intervalos das correrias que as vidas que escolhemos nos impõem, alguns meses passaram até que a chamada pudesse ser publicada, mas a cada vez que nos falávamos compreendemos que mesmo que demorasse valeria a pena.

Durante a construção desta obra aprendemos tanto com estas mulheres incríveis e depois com cada texto que ia chegando, cartas tão diferentes, poesias, reflexões... pensamos-sentimos que esse livro tem um potencial incrível, que felicidade que tantas pessoas tenham se sentido também mobilizadas a escrever e fazer parte dis-

so e que honra construir com vocês, arminina! [Láís]

Depois dos vinte e oito textos recebidos, lidos, aprovados ou com pontuações a serem conferidas com as e os autores, era chegada a hora de organizar como eles seriam distribuídos para gerar um “todo com sentido” o que nos pareceu muito mais difícil que num livro acadêmico... nos reunimos mais uma vez para propor uma ordem para os textos que compõem a obra.

Assim, as leituras dos textos foram nos tomando em corpo. Curiosamente, eles também pareciam conversar, em uma cadência bonita, entre si. Indubitavelmente, vivências são singulares, mas também coletivas. Escutando cada palavra escrita, sentimos que seria interessante iniciar nosso livro com uma bela provocação às formatações ensinadas para o ofício da escrita: quem somos nós enquanto escrevemos? Para quê e para quem endereçamos? Como podemos nos relacionar com as normas acadêmicas diante os desafios que elas nos impõem? Qual é o nosso compromisso ético-político diante do que é produzido (e privilegiado) pelas vias da memória oral e da memória escrita? Ou ainda, qual é a nossa relação com a memória?

Sensíveis à importância dada às perguntas ou à circulação das palavras, ainda mais do que às respostas ensimesmadas, lembramos quando Ailton Krenak (2018) nos fala sobre o “sujeito-coletivo”. Sustentando-se como uma integração de sentido à vida, o “sujeito-coletivo” se compõe pela via da transmissão de narrativas e do resgate à oralidade profunda de eventos que não foram normatizados pela literatura, percebendo a figura ancestral que conta aos(às) mais novos(as); mas também, o(a) mais jovem que compartilha com o seu coletivo algo do que viveu. As cartas possibilitam, sobretudo, o bordado de um sujeito-coletivo, pensando-as enquanto meios de compartilhamento de experiências e memórias que nos resgatam um lugar social (também político) de coletividade e pertencimento, transmitindo as memórias ancestrais, de matriarcas, de ruas, de interpelações ao amor mas também à divisão sexual do trabalho, ao racismo, ao futuro, ao passado, aos papéis e performances de gênero e ao espaço-tempo da vida.

Iniciamos nossas histórias com o texto *Poesia entre normas*: para aqueles e aquelas que escrevem além das regras acadêmicas, de Angélica de Souza Lima que compartilha reflexões sensíveis e pessoais sobre o processo de escrita acadêmica, propondo uma abordagem mais fluida, afetiva e identitária. A autora defende que escrever não deve ser apenas uma obediência a normas formais, mas também um espaço de expressão subjetiva, de conexão com a própria história e com quem se deseja alcançar. A partir de sua trajetória como pesquisadora, Angélica propõe três caminhos para repensar a escrita: *Quem sou eu na escrita?*; *Para quê e para quem escrevo?* e *Normas acadêmicas: de obstáculo à transformação*. Ao unir teoria, vivência e poesia, ela convida as(os) leitoras(es) a valorizarem seus próprios processos, enfrentando os desafios da escrita acadêmica com mais leveza, autenticidade e potência transformadora.

Em *Bruxas, Curandeiras: Cartas para mulheres que curam*, Wanne Belmino, Raquel Pimentel, Bruna Improta e Lorena Schalken escrevem cartas para as rezadeiras, benzedadeiras, raizeiras, como guardiãs das tecnologias ancestrais de cuidado e das medicinas da natureza. Mulheres que historicamente foram chamadas de bruxas e tiveram seus saberes invalidados, suas existências negadas, seus corpos violentados e suas práticas condenadas.

Cruzamos a esquina com as fotografias e palavras de Rubens Venâncio, mas também com uma pergunta crucial: o que resta das nossas cidades em nossas memórias? Como nos relacionamos com elas e com quem/o que nos impede de nos relacionarmos com elas?

No texto *Onde as cartas de amor não chegam*, Maria Stein nos fala sobre corpos com deficiência para os quais as cartas do amor (romântico) nunca chegam. Em diálogo com a poesia, Maria tece em suas palavras uma rede de afeto que aponta para a potência da criação, da invenção do amor em suas singularidades e na diferença. Nos aponta, desse modo, para um sentido próprio para o amor, como uma política e uma ética de vida.

Escritas indomesticáveis: lendo e escrevendo com trabalhadoras domésticas, Gabriela Maria Vieira dos Santos e Letícia Cardoso Barreto é uma carta escrita a partir das vivências acadêmicas e coletivas da primeira autora, filha e neta de trabalhadoras domésticas. Essa escrita que vem de “vem de mãos cansadas, calejadas e muitas vezes sujas” propõe uma noção de intelectualidade que brota do trabalho do cuidado realizado pelas mulheres, do trabalho agrícola, mas também da potência das narrativas literárias feitas por trabalhadoras domésticas que as possibilitam recontarem suas histórias, que sempre foram escritas a partir da lógica de outras pessoas.

Junto a Belisa Parente, sentimos o lacerar mas a esperança de um amor em seus vários hiatos - como nos lança a autora -, perguntas, marcas no corpo, desejos e esperas. Tão logo encontramos Taynara da Glória e Bruna Brito, vivemos e vimos, junto a elas as suas experiências bonitas na graduação, nos estágios, na residência até o trabalho da psicologia clínica - e pensamos que sorte grande a de quem desfrutou de suas escutas!

Retornando aos hiatos, mais ainda, à compreensão do silêncio das palavras e das páginas, Wesley Marques resgata a doçura de um amor-alento que ensina o movimento, “tudo passa”. Inevitavelmente, costura-se com as correspondências entre Diônvera e Wagner: abraçados a Paulo Freire e bell hooks, erguem o estandarte do amor ao e com o ensino, do povo, da liberdade.

Esse mesmo povo - colonizado (ou não) por referências patriarcais, burguesas, brancas, cis e heteronormativas - que pode propor uma transformação de discursos, práticas e performances a exemplo do que nos toca Talles Lacau a partir de suas vivências em um grupo reflexivo com Homens Autores de violência.

É, também, esse mesmo povo, diz-nos Pingréwaoga Savadogo, que acolhe e que é acolhido, tecendo uma grande comunidade diaspórica amorosa, atravessando oceanos com suas importantes narrativas e contribuições, de um aviso carinhoso de que estejamos atentas e dispostos pois “tudo fala, tudo é fala”.

Toca-nos, também, o encontro em sonho entre Wamberto Medeiros e seu bisavô Francisco - não vivemos e fazemos memórias, apenas, com os olhos abertos, mas também, quando estão fechados. Ou, por outro lado, não sonhamos apenas de olhos fechados.

Em Carta para future, Edilson de Jesus Santos fabula outros futuros de liberdade e respeito para corpos, povos, territórios abjetos, questionando assim nossa distopia contemporânea forjada a partir do projeto da colonialidade.

Deborah da Silva de Souza e Laura Cristina de Toledo Quadros refletem sobre como trocar cartas tornou-se uma metodologia de pesquisa no fazer da Psicologia, a partir da tessitura entre vida e academia, como uma aposta política que brota da materialidade dos territórios por elas habitados.

Ágeson Christian da Silva na carta-poema que escreve para quem nunca voltou, falando da saudade, lembranças, afetos e dúvidas ao recordar de forma poética a presença constante de Kamilla em seus pensamentos. O texto revela o conflito entre o desejo de reencontro e a necessidade de despedida, numa escrita carregada de sentimento ele revela tanto a beleza do amor que persiste quanto a dor da ausência que ainda o acompanha.

Em Carta para uma mulher, Ana Aparecida Rocha, tece com delicadeza e profundidade uma reflexão sobre o ser mulher em sua multiplicidade e complexidade, evocando imagens, canções, dores e potências que atravessam o feminino. A autora nos convida com suas perguntas, para abrir caminhos e brechas onde cada mulher possa se reconhecer, se reinventar e, sobretudo, se afirmar. A carta é, ao mesmo tempo, homenagem e provocação: um chamado para que cada mulher escute sua própria voz, reconheça suas marcas e desejos, e assuma a liberdade de construir-se à sua maneira, entre os silêncios herdados e as palavras que ainda precisam ser ditas.

Iasmin Sharmayne dialoga com autorias feministas e com si mesma em *Para a minha querida mulher dissidente sertaneja*: das capturas de gênero ao encontro de comunidades amorosas, onde se despede da cishnorma e da monogamia para construção de uma relação com o amor como uma prática que constrói coletividade e rompe com a ideia de cuidado e violência como sinônimos para o amor.

Gabriela Ferreira dos Santos Tinoco escreve em *Entre eu e eu*: Um abismo à um átomo de distância, ao seu eu do passado, em um exercício sensível de memória, acolhimento e cura. Com ternura e franqueza, ela revisita dores, ausências e pressões vividas na infância e adolescência, reconhecendo a força e a resistência que ela foi gerando em sua trajetória. Ao longo do texto, Gabriela compartilha momentos decisivos de transformação: a descoberta do afeto como potência, o encontro com o feminismo decolonial, a vivência da sexualidade e a busca por saúde emocional. A escrita se revela como espaço de reconexão e amor-próprio, onde passado e presente se entrelaçam em um gesto de autoacolhimento. Em um mundo que tantas vezes quis silenciar sua voz e apagar seu brilho, Gabriela reafirma a beleza de ser quem é - com luz, intensidade e presença - em uma travessia que é, sobretudo, feita de afeto.

Depois lemos a carta encaminhada por Tiago Coutinho Parente para sua avó Dona Anita, reacendendo memórias afetivas a partir do espetáculo "Interior", do Grupo Bagaceira. Em tom íntimo e sensível, ele narra cenas da infância vividas com a avó, com quem ele nutria uma relação de cumplicidade e com quem tantas vezes contou com a ajuda para comprar um picolé, um brinquedo, um livro, um ingresso de teatro... Depois que sua vó se foi, Tiago quis apenas uma herança, uma caixa de sapato em que sua avó guardava fotos dele, dela em distintos momentos da vida e de muitas pessoas que ele não conhece... a caixa de memórias é também uma das formas de reconectá-las.

Ana Cecília em *Carta para Yayá* nos conta sobre criar sua própria liberdade, sua relação com as ausências e com a saudade através das memórias construídas com outros elementos além do humano, como o mar. A arte e a poesia surgem em seu texto como um lugar

de compartilhamento de cuidado e saúde.

Deparamo-nos com o encontro entre Elisa e sua avó no texto Nomear é (re)existir, de quem herdou o nome, reescrevendo a suas histórias, retomando lugares que foram negados às suas ancestrais, mulheres negras, permitindo-se às delicadezas que lhes foram roubadas pelo imperativo da sobrevivência.

Larissa Pessoa, partilha conosco uma carta que escreveu às ex-namoradas do seu parceiro, o texto é quase um chamado para quebrar a lógica da rivalidade feminina que visa manter as mulheres divididas e enfraquecidas, Larissa nos diz que este é um 'projeto político, um projeto de libertação de todas nós, e vale a pena investir nele'. A carta é, ao mesmo tempo, um gesto de reparação e resistência, propondo que as mulheres se reconheçam e se respeitem mutuamente, em vez de reproduzirem disputas. Mais do que um desabafo, trata-se de um manifesto feminista que aposta na solidariedade entre mulheres como um caminho de liberdade e cura coletiva.

Em Às irmãs de cor que vivem na fronteira, Franciele Alves dos Santos aborda o não pertencimento daquelas que experimentam o limbo racial da mestiçagem, e ao contar a sua história, nos conta também a história de um Brasil forjado pela violência racista e sexista, etnocídio e genocídio de povos racializados.

Maria Leticia de Oliveira Bianchini e Dolores Cristina Gomes Galindo refletem sobre os trânsitos entre ruralidades e urbanidades dentro do espaço da universidade e sobre a relação entre mulheres camponesas/agricultoras com as espécies companheiras, sejam animais ou plantas, através de uma agroecologia dos afetos, no texto Entre cartas e artigos: um afeto agroecológico entre orientadora e orientanda.

Em Minha amigdalá, se apresse e me salve, Barbara Buonaduce expressa com sensibilidade a saudade que sente dos seus avôs e de sua mãe que já partiram, mesmo reconhecendo que eles seguem presentes de forma espiritual. Apesar das conquistas pessoais e profissionais, como o diploma e a carreira artística, ela revela que sente a falta de poder compartilhar esses momentos com seus entes queridos. Entre reflexões sobre a eternidade e a brevidade da vida, ela fala sobre as lembranças, o desejo do reencontro e a esperança de sentir novamente o abraço e o afeto daqueles que tanto ama.

Em A todas nós, Marcela Costa escreve para as mulheres “que vieram antes e fizeram o caminho com cada passo dado, para aquelas que estão aqui conosco, lado a lado, caminhando juntas o caminho traçado e traçando outros para aquelas que estão por vir”. A autora nos inspira a pensar na escrita como um gesto de herança, de resistência, de construção de mundos, de conexão com a ancestralidade. Transbordando em palavras e sentimentos, Marcela nos lembra que escrever é um ato político e vital, e que somos muitas, caminhando juntas, com palavras afiadas que cortam amarras e abrem caminhos.

Milena Cerqueira Porto compartilha conosco um poema que reflete o turbilhão de sentimentos e contradições, em que os pensamentos se misturam, crenças se confrontam, e que sua fuga é “saída criativa”.

No artigo Escrevivências, formação docente e o entrelaçar de saberes, Luíza Helena de Sousa Borettes e Leonardo Cavalcante de Araújo Mello propõem uma reflexão sobre a escrita de si como prática pedagógica, destacando a escrevivência como uma forma potente de articular memórias, afetos, ancestralidade e saberes plurais nos processos formativos. A partir de experiências vividas e narradas por educadoras, evidenciam como a escrita autobiográfica, especialmente de mulheres negras, pode tensionar epistemologias hegemônicas e afirmar outras formas de conhecimento, centradas na escuta, no corpo e na vida. O texto defende a importância de criar espaços de acolhimento e legitimação dessas narrativas na formação docente, valorizando a

dialogicidade entre saberes acadêmicos e saberes da experiência.

Em Uma carta ao meu avô: seus passos, sua história, nossas raízes, Laís escreve uma carta simbólica ao avô que nunca conheceu, mas cuja história e legado marcaram profundamente sua vida. Ela reflete sobre as memórias compartilhadas pela mãe, como o trabalho no engenho, o amor pela cultura e a generosidade do avô, além do impacto de sua trágica morte ao defender sua irmã da violência doméstica. A autora conecta essas histórias com sua própria trajetória, destacando como as raízes familiares influenciaram sua escolha de pesquisar-atuar com agricultura familiar e contextos rurais do Cariri. A carta é uma homenagem ao avô e à família, celebrando suas conquistas e resiliência, enquanto reflete sobre as mudanças sociais e educacionais que têm permitido maior inclusão e oportunidades para pessoas de diferentes origens.

Maria da Graça escreve Histórias para cuidar das nossas mortas, como uma forma de elaborar o luto atravessado pelo trauma colonial. Diante da impossibilidade de reconstruir histórias apagadas violentamente, há no exercício da artesanania das memórias e da fabulação, a afirmação da agência e da voz de sua avó Terezinha, como uma forma de cura coletiva e um cuidado ético com as mulheres que se foram.

Por fim, Maria Clara de Paiva resgata memórias encarnadas de encontros e desencontros com uma pequenina criança indígena da etnia Warao em condição de migração nas ruas de Natal/RN, ao mesmo tempo em que se dá conta dos entrelaçamentos de suas histórias, mesmo em territórios, idiomas, corpos, racialidades e tempos diferentes.

Como políticas de escrita indisciplinadas, as cartas aqui publicadas nos convocam a sentir-pensar formas de escrita e pesquisa que atravessam e ecoam em nossos corpos e rompem com a centralidade da racionalidade na produção de conhecimento. Muito além de formas de comunicação, as cartas possibilitam a territorialização das memórias e afetos através das narrativas individuais e coletivas.

As cartas ecoam, nessas vozes-mulheres, narrativas que, ao serem contadas, não dizem respeito apenas às histórias individuais, mas muitas vezes nos contam da história dos muitos brasis que resistem a despeito do projeto da violência colonial.

Esperamos que essa carta-livro inspire outras histórias, encontros, memórias e poemas.

Com carinho,

Maria Laís, Maria Clara e Maria da Graça.

Referências

Krenak, A. (2018). Ailton Krenak – A Potência do Sujeito Coletivo (Entrevista concedida a Jailson de Souza e Silva). Revista Periferias, 1. <https://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>

Poesia entre normas: *Para aqueles e aquelas que escrevem além das* *regras acadêmicas*

Angélica de Souza Lima

Caras e caros colegas da escrita, após tanto produzir trabalhos dentro das normas e regras da academia, me vejo em um lugar inquietante em que a escrita se desdobra para um enredo mais leve e menos engessado. No paralelo entre escrever poesias e composições livres me percebi resistente ao enrijecimento de uma escrita rigorosa e pautada em regras no qual a vida universitária nos convoca. É fato que pesquisar e escrever tem o seu teor satisfatório, mas é inegável que a escrita acadêmica muitas vezes para quem lê e para quem escreve entra em um modo robótico e pouco prazeroso tornando-se cansativa e tensa.

Foi pensando nisso que decidi propor essa reflexão, lançar talvez algumas ideias do que eu mesma venho me propondo para escrever academicamente, me convencendo e compartilhando de que é possível escrever de maneira fluida e até poética nesse contexto tão formalizado. Penso que a escrita é um modo de conversa, e por assim dizer não quero que meu diálogo seja entediante para quem lê, pelo contrário, gostaria que minha mensagem fosse reverberante, inquietante, e que através dela possa emergir emoções e novas ideias.

Diante disso, pensei em três caminhos que orientam essa carta, o primeiro, Quem sou eu na escrita? no intuito de pensar a nossa identidade naquilo que escrevemos, o segundo caminho, Para quem e para quem escrevo? no sentido de refletir a nossa motivação e as nossas perspectivas no momento da escrita, e por fim, Normas acadêmicas: de obstáculo à transformação, em uma tentativa de desconstruir a ideia de que escrever é algo temível e desagradável e tecer sobre contribuições da escrita fora dos formatos tradicionais.

Destaco que essas reflexões partem das minhas próprias experiências de escrita, sendo motivada pelo prazer em escrever e orientar, mas também guiada pelo desejo de tornar a escrita mais sensível e agradável, ousadamente até mais artística quando possível. Já adianto que não são fórmulas mágicas, afinal escrever é um processo pessoal e subjetivo, mas arranho algumas pistas de como tornar a experiência mais convidativa.

E aí, vamos?

Quem sou eu na escrita?

Durante a minha pesquisa de mestrado fui atravessada pelo lance da identidade, havia escolhido trabalhar com ruralidades dentro da psicologia, mas aos poucos fui me angustiando por não ver a princípio uma conexão pessoal com aquilo que estava escrevendo. Precisei em algum momento na terapia pensar a minha escolha temática, entender a história que me trazia até ali e sobre o que e quem eu gostaria de falar. Foi um processo intenso, mas necessário. Perceber as motivações pessoais e sociais que faziam parte daquele movimento foram significativas para entender quem eu era naquela escrita, de onde estava partindo e qual o sentido ela tinha para mim.

Por mais que na minha escolha metodológica eu trabalhasse com narrativas de outras pessoas, de algum modo eu também falava de mim mesma e resgatar um sentido pessoal no movimento dessa escrita tornou o processo mais leve. Não é que escrever tenha sido uma delícia do início ao fim, mas me ver ali de alguma forma naquele texto, trouxe mais energia, maiores motivações, maior conexão com as palavras de modo que eu pude me permitir analisar, poetizar, errar e reescrever sem medo, afinal era minha escrita e meu trabalho.

Esse encontro pessoal com a escrita me fez pensar na capacidade simbólica e representativa que a escrita tem. Se olharmos bem a escrita é um reflexo das nossas emoções, se travamos ou nos empolgamos, se colocamos pontos e vírgulas de mais ou de menos, se conectamos os parágrafos ou os deixamos avulsos. Certa vez minha orientadora disse: você usa muitas vírgulas, mas nunca pontos finais nos seus parágrafos. Curiosamente isso refletia um momento pessoal em que eu precisava tomar decisões e encerrar ciclos na minha vida pessoal e a dificuldade em finalizar coisas na vida concreta refletia-se no meu texto.

A partir disso comecei a prestar atenção em mim mesma enquanto escrevia, onde especificamente eu tinha mais dificuldade em escrever, e o que variava no meu contexto que me permitia fluir ou travar. Com isso fui aprendendo a ter mais respeito com meu processo, escrever não é algo mecânico e robótico, é um aspecto cognitivo complexo no qual eu preciso ler, fichar, reescrever, interpretar, analisar ao mesmo tempo em que também é um processo emotivo e afetivo que reflete como me sinto e como estou vivendo, inclusive como sinto e vivo em relação ao que escrevo.

E não foi só no ato de escrever que me vi nessa análise, nas leituras isso também me cercava. Certa vez precisava ler alguns artigos e ficha-los para escrever um tópico específico da dissertação, mas simplesmente não conseguia ter foco e levei dias pra terminar leituras simples. No momento em que isso ocorre fui inundada de pensamentos e sentimentos de incapacidade, preguiça e até irresponsabilidade, mas passado um tempo recordei que se tratavam de textos extremamente pesados, que abordavam sobre violências de povos camponeses no norte da Amazônia. Eram conteúdos que me causavam pesar e eu precisava citar aqueles relatos no meu próprio texto.

Hoje percebo que não era incapacidade, preguiça ou coisa parecida, eu estava conectada e sentindo tudo que lia e escrevia e por ser um assunto difícil eu precisava ir com calma pra assimilar tudo. Havia em mim uma vontade gritante de trazer aquelas “denúncias” para a minha produção, mas ao mesmo tempo era doloroso ler tanto sofrimento e dessa forma as pausas foram necessárias e fizeram parte do meu movimento de escrita.

Diante de tudo isso, minhas primeiras orientações no processo de escrita é pensar: qual o sentido que essa escrita tem para você? O que te conecta a esse tema? Qual o seu lugar de fala naquilo que aborda? E por mais que se tenham formalidades e normas ainda há naquele texto uma representação sua que vale pensar, o que esse escrito traduz de você?

A identidade na escrita é algo pessoal que conta uma história, às vezes sua, às vezes de outras pessoas ou nem aborda diretamente sobre alguém, mas traz à tona um assunto que de alguma forma te atravessa. Até em textos de trabalhos práticos como um relatório ou um relato de experiência, trata-se de algo que você fez e que pode ter sido frustrante ou satisfatório. De algum modo você pode encontrar maneiras de se colocar nessa escrita a posicionar o teu sentimento e a tua criticidade sobre aquilo que foi vivido.

Ao mesmo tempo também destaco a importância de conhecer o seu modo de escrita, suas estratégias, pausas, formas de estudo. Existem vários métodos de estudo disponíveis na internet, eu mesma já me vali várias vezes do Método de Pomodoro (de forma adaptada ao meu contexto), mas é interessante conhecer como a sua escrita acontece, afinal é uma forma de expressão. Isso permite viver o processo de maneira leve e respeitosa, olhando para a sua produção e se percebendo nela.

Um conselho importante que ouvi da minha orientadora de mestrado e levo para minhas escritas e orientações, mesmo que não consiga escrever em algum momento, esteja em conexão com a sua escrita, através de músicas, filmes, contextos, lugares, pessoas, escrever não remete apenas ao ato da escrita em si, mas na conexão, nas inspirações, no enredo, quando você pensa na sua produção já está atrelado a ela. Do mesmo modo observar-se na escrita, afinal a escrita é simbólica, como você está escrevendo, em qual ponto do texto você sente mais dificuldade, existe um reflexo expressado ali que também conta uma história sobre você e merece ser valorizado.

Para quê e para quem escrevo?

Lembro-me de quando era estudante de psicologia, já introduzida nos projetos de iniciação científica e me deparava com leituras de pesquisas produzidas, ficava pensando como teria sido aquela experiência, como a pessoa havia se sentido etc. Quando finalmente cheguei ao mestrado e fui conduzir meu próprio estudo me deparei com várias sensações, inclusive fui assumindo aos poucos a identidade de pesquisadora e achava isso muito incrível.

Passada a etapa de vivência em campo e em fim chegado o momento da escrita queria descrever exatamente todo o percurso que havia traçado, fiquei pensando nos estudantes de graduação que leriam minha produção e poderiam se imaginar naquele lugar, talvez até se inspirassem em algum aspecto, também fui pensando nas pessoas que eram representadas nas minhas narrativas como poderiam se sentir. Fui beneficiada pela escolha metodológica que fiz, estudo em campo de abordagem qualitativa na psicologia social, utilizando como perspectiva teórica o construcionismo, esses aspectos me deram certa liberdade no modo de escrita.

Especialmente no tópico da metodologia apresento todo o meu percurso, inclusive como me senti, fazendo uso dos meus diários de campo.

Enquanto escrevia pensava os rumos que meu trabalho poderia levar, quem poderia ler, que repercussões teria. Tinha motivações em relação a psicologia, por se um campo científico muito formalizado e urbanocentrado, minha proposta de estudo incomodava certas linhas conservadoras e eu me sentia revolucionária, inclusive ouvi isso de uma professora na minha seleção do mestrado, queria incomodar a galera pomposa da psicologia, também queria dar voz a populações historicamente negligenciadas de territórios não urbanos, e de alguma forma, também queria contar um pouco da minha história.

Haviam motivações pessoais e sociais, havia uma esperança de que meu trabalho se tornasse algo importante, primeiramente pra mim, depois para os outros. Penso que isso é importante, tecer expectativas em relação a sua própria escrita, onde gostaria que ela chegasse? O que te motiva nessa escolha temática e no que se propõe a escrever? Quem gostaria que lesse seu estudo? O que gostaria essa experiência propiciasse a você?

A escrita é uma expressão que vem de dentro para fora e busca um lugar de chegada, não vem do nada, mas do seu íntimo e se não houver desejos na sua própria produção ela se torna vazia, pesada e sem destino. Sua produção precisa primeiramente fazer sentido para você para depois fazer sentido para o mundo.

Normas acadêmicas: de obstáculo à transformação

Escrever academicamente é muitas vezes sentida como um fardo, tantas regras, palavras rebuscadas, não à toa pausamos e procrastinamos várias e várias vezes, especialmente quando ainda não dominamos todas as normas. Somado a isso, também ocorre o receio em escrever pelo medo de errar, esquecendo que escrever é também um processo de aprendizagem.

Em outros momentos adiamos esse momento como se a inspiração viesse de uma maneira mágica de fora para dentro, o que curiosamente é o contrário uma vez que para que seu cérebro entenda que você está realizando uma ação e libere as substâncias neuroquímicas para o corpo, você precisa se colocar em movimento e iniciar aquela atividade.

Não existem ferramentas mágicas e por isso permitir-se aprender com o processo é o caminho mais saudável. No entanto, nem sempre aprendemos na faculdade os caminhos reais da escrita, foi somente com o tempo que diminui a autocobrança ao entender que escrever requer um processo cognitivo complexo e emocional.

Escrever é um conjunto de características, desde a escolha do tema, busca por produções já publicadas, leituras e fichamentos para daí sim a escrita de fato. No caminho ainda temos as normas acadêmicas, com uma série de regras que parecem não ter fim, mas os recursos tecnológicos de hoje nos permitem acessá-las com mais facilidade e com a prática esse processo vai se tornando mais tranquilo e aqueles detalhes podem até se tornar um hábito. Gosto de dizer que a escrita não se faz do nada, não se tira do além, não é milagre e nem passe de mágica, escrever é complexo e desafiador!

Do mesmo modo, vejo que a escrita é também um ato político, pelo qual nos colocamos, expressamos, reivindicamos e existimos de certo modo. Por isso valorizar a nossa escrita é tão importante, afinal é sua produção não é mesmo? A primeira pessoa contemplada precisa ser você.

Somente quem escreve tem a dimensão do que foi necessário emergir da mente para as linhas, por isso valorize cada linha produzida pelo seu suor, isso é significativo para que outras linhas possam nascer.

E assim, chegamos ao momento de pensar a escrita fora da caixinha, revolucionária, descolonizada, desconstruída, ousada, entre outros nomes que façam sentido. Ouvi de uma querida professora que para enfrentar as normas precisamos dominar as normas. Desse modo, aprender a escrever formalmente faz parte do processo acadêmico, mas desconstruir-se das formas enrijecidas da escrita também. Assim, pensar formas diferentes de se colocar, também é um desafio acadêmico e identitário, indo desde o assunto abordado, termos utilizados, formas de escrita e estrutura textual.

Acerca disso fiquei pensando nos manejos artísticos, como poderiam ser inseridos em meio as formalidades, na minha dissertação busquei algumas ferramentas diferentes das tradicionais, inserindo entre um capítulo e outro alguns poemas e músicas autorais, como uma maneira de trazer um pouco de leveza para a produção, já que se tratava de um tema tão sensível.

Em alguns tópicos como a metodologia preferi utilizar a primeira pessoa e descrever o percurso como uma história narrada, na apresentação dos relatos das participantes entrevistadas tentei utilizar da transcrição, uma ferramenta de análise mais utilizada na literatura, a partir desses elementos, ainda que não fugindo totalmente as regras tradicionais sinto ter trazido mais personalidade para a minha produção.

Outro aspecto que me coloco a pensar nesse processo de uma escrita mais livre da formatação tradicional, é a possibilidade de circulação fora do meio acadêmico, chegando em populações e comunidades que talvez não chegasse por um manejo mais formal.

Assim vejo a possibilidade das cartas, das poesias, de propostas textuais que circulem no espaço acadêmico, mas também fora dele. Destaco que a escrita precisa ser ampla, permear encontros e conexões, mas para que isso aconteça nós autoras e autores precisamos nos permitir vivenciar outras formas de escrever.

Com isso, encerro por aqui minhas reflexões e compartilho que escrever sobre escrita foi profundamente prazeroso, dispensando um pouco das formatações cotidianas e me propondo em um diálogo mais íntimo. Finalizo desejando que suas experiências de escrita sejam potentes, sensíveis e revolucionárias, mas antes de tudo que seja identitária.

Um carinhoso abraço!



Bruxas, Curandeiras: Cartas para mulheres que curam

Wanne Belmino, Raquel Pimentel,
Bruna Improta e Lorena Schalken

Queridas benzedeadas,

A vida nos uniu de forma curiosa e, desde então, temos encontrado na força desse encontro aquilo de comum que nos atravessa. Além de uma sensibilidade e abertura para a vida, somos mulheres viventes nesse país amplo e diverso, nesse tempo de agora que marca nossos corpos. As histórias de outras mulheres, nossas ancestrais, deixaram-nos também um importante legado de saberes, conhecimentos da terra, do mistério que é a vida, mulheres que tiveram as marcas de um sistema opressor e de todo um conhecimento feminino construído ao longo de séculos. Somos filhas e aprendizes de bruxas, curandeiras, benzedeadas.

Por meio dessa carta, nós quatro, de cantos diferentes do Brasil, gostaríamos de contar brevemente sobre nossa experiência com essas figuras tão especiais representadas no arquétipo da mulher sacerdotisa, sábia, espiritualizada e com poderes de cura.

Wanne traz as suas experiências com as benzedeadas no interior do Ceará desde muito pequena:

“Há sempre muito a ouvir de vocês. Suas experiências nos quintais e nas matas trazem uma imensa sabedoria da relação corpo-natureza. Ser tocada por suas mãos é sentir o calor de gerações e gerações de mulheres incompreendidas, violentadas, queimadas. Hoje gostaríamos de agradecer por persistirem, por cavarem túneis de resistência em meio ao patriarcado.

Graças a essa luta eu pude sentir o poder do seu rezo logo nos primeiros meses da minha vida

Estava, como se diz no interior do Ceará, com quebranto e meus pais me levaram até você. Você era uma velhinha de uns 70 anos e eu uma bebê com olhar caído e corpo mole. Você pegou seus ramos, se aproximou de mim no colo de mainha e começou a falar palavras baixinhas. Não demorou muito e já voltamos para casa. Depois de algumas horas eu já estava brincando no chão da sala de novo.

Essa história se repetiu muitas vezes, com algumas benzedeadas diferentes da região. Cada uma a seu modo, derramando sua fé sobre meu corpo, dedicando seu tempo a minha cura, acreditando na magia das ervas. Pequenos templos sagrados em casas simples do sertão. Mulheres que dia a dia colhiam feijão, milho, macaxeira, cuidavam dos afazeres domésticos e cultuavam a natureza transmitindo oralmente o saber recebido de suas mães e avós.”

Raquel tensiona tempo e espaço e escreve do futuro para sua falecida bisavó:

“Nasci no mesmo dia que você e, desde então, tempo e espaço nos distanciam metafisicamente, você no interior de Minas Gerais em 1900 e eu no interior de Santa Catarina em 1980. Queriam me nomear tal como você: Delfina. Nome mitológico, carregando mistério, espiritualidade e força, assim como imagino você no começo do século passado. Mesmo sem ter te conhecido pessoalmente, sinto como se a conhecesse bem.

Sinto, minha querida bisavó, a força da ancestralidade cada vez que me chamam pelo teu nome por engano. Assim como sinto teu desejo por liberdade e por fazer as coisas tal como você desejava, mesmo com tantos empecilhos e julgamentos, afinal, para a sua época “uma mulher que fuma não presta”... tampouco, uma mulher que sonha.

Nas minhas buscas e andanças pela vida, deparei-me com mulheres que me lembraram do que sou feita, do que me move, dos meus poderes disponíveis e que estou buscando lapidar, de ensinamentos que sua filha deixou olhando nos meus olhos e da força que tem quando nos fortalecemos estando junto de outras mulheres. A Essa força chamavam de bruxaria antigamente.

Vim parar no sul do Brasil ainda pequena, em uma cidade cercada de bruxas em seu folclore e cultivo profundo de espiritualidade: a ilha da magia. Aqui eu tenho o suporte de muitas bruxas: astrólogas, tarólogas, xamãs, curandeiras, sábias com conhecimentos das ervas e plantas, yoginis, benzedeadoras... mulheres que vêm me fortalecer e me lembrar quando estou cansada sobre quem estou, sobre quem veio antes e seu legado, sobre meus sonhos de liberdade, o fio condutor que nos conecta, querida bisavó.”

Bruna escreve sobre sua experiência com uma preta velha curandeira que marcou sua infância:

“Uma sala pequena, algumas velas, uma bruma delicada energética percorria meus olhos e lá estava você, Mãe Marina, a preta velha que foi o primeiro contato espiritual em que eu senti uma verdadeira escuta da minha alma.

Um alcance do meu coração.

A sua alquimia mística vinha de uma cantiga africana antiga entoada, junto a palavras serenas e doces, sempre acolhedoras, nunca, nunca mesmo, julgadoras.

Você vinha com um corpo curvado, um sorriso de canto de boca, acalmando a agitação das crianças que ficavam a rodeando, numa paz de quem carregava um oceano no coração.

Aquela configuração estranha, misteriosa, sempre me fazia interessada. Eu, criança também, sentia um misto de medo com curiosidade, com uma vontade de chegar cada vez mais perto, mas um respeito diferente pairava no ar.

Um espaço quântico com cheiro de incenso natural e cera de vela. A você, no corpo da minha tia, devo talvez o meu primeiro contato direto e memorável com a energia curadora e espiritual de uma benzedeira.

Você me ensinou, talvez sem saber, sobre algumas qualidades que ainda me são de imenso apreço. O seu respeito à diversidade, ao oculto, à força da sensibilidade, o acolhimento e atenção plena a mim, que era "apenas" uma criança inquieta com sua imensidão interna. O desejo de me escutar, a sensação de ser genuinamente cuidada e amada, me fazendo sentir importante e especial.

Você tinha o poder de suavizar angústias, de limpar o lodo das minhas emoções.

Você me tornou mais leve e me fez, hoje, honrar o lugar espiritual e o solo emocional de onde viemos.

Meu desejo de trabalhar com outras mulheres, de ser uma buscadora ferida do mistério, de mergulhar nas minhas próprias águas e de outras, de estudar a magia da Natureza, do oculto, da teia da vida, vieram em partes daquilo que posso honrar em você.

No profundo do meu coração, agora, aqueço a gratidão, o respeito e a vontade de reverenciar as muitas curadoras que pude reconhecer desde então.

Curvo a minha cabeça, ponho as mãos no coração e respiro fundo te materializando em uma sincera saudação.”

Lorena escreve suas memórias com o saber das plantas e remédios naturais, cultivados por erveiras e pessoas próximas de sua família. Situada na região Amazônica, especificamente na Amazônia Paraense, em Belém do Pará, suas vivências com as plantas trazem aos sentidos o cheiro dos chás de erva-doce, boldo e hortelã para as dores no estômago e intestinos; a copaíba e a andiroba para as dores no corpo e machucados diversos.

“Queridas erveiras, posso chamá-las assim?

Há quem chame vocês de bruxas, matintas, mulheres da floresta. Há quem diga que ao ouvirmos um assobio durante a noite, o grito de um pássaro, são vocês passando para dar algum aviso importante.

Escrevo esta carta com um profundo sentimento de respeito e gratidão, desejando compartilhar um pouco da minha história e da conexão que tenho com as plantas medicinais, um vínculo que me remete às minhas avós materna e paterna, às tias e outras mulheres de minha família.

Desde cedo, fui ensinada a valorizar a sabedoria que vem da terra e das mãos de quem conhece as plantas como antigas amigas. Minhas primeiras lembranças são permeadas pelo aroma de folhas e ervas que minha avó utilizava para curar ferimentos, extraindo o óleo medicinal. Ela, como tantas outras mulheres que vieram antes dela, carregava consigo o conhecimento ancestral, passado de mãe para filha, um saber que nunca foi escrito em livros, mas que permanece vivo no corpo e na memória.

As plantas medicinais sempre foram mais do que remédios em nossa casa; eram parte do cotidiano, desde o pequeno quintal de casa até o ritual de ir até a feira do ver-o-peso em momentos específicos do ano para fazer o famoso Banho de Cheiro, composto por patchouli, alecrim e folhas de louro.

Aprendi que as plantas possuem ensinamentos, seja por meio do trato e mistura com outras ervas, quanto pela intenção que se coloca para o preparo.

Quando criança, ajudava a separar as plantas para o Banho de Cheiro do Ano novo e das festas juninas, a defumação em casa ou o cheiro e a textura do óleo de copaíba, que quando toca o corpo, esquenta e gerava sensação de alívio nas ranhuras das minhas pernas de criança que gostava de brincar e correr na rua.

Receitas variadas e cada uma com procedimentos de ordem e horários que devem ser respeitados para que o ritual funcione. Beth cheirosinha, uma de vocês todas, ainda leva todo seu conhecimento para quem precisa. Elo com nossos antepassados que, em tempos difíceis, confiavam na força da natureza para sobreviver e renovar as energias para finalização e abertura de novos ciclos.

Esta carta, queridas erveiras, são para vocês e para todas aquelas que buscam cuidado, amor e acalanto diante da dureza do dia-a-dia. É com grande respeito e admiração que escrevo a vocês, reconhecendo a importância de manter viva essa herança. Agradeço por continuarem a compartilhar esse conhecimento e por serem uma ponte entre o passado e o futuro, mantendo a sabedoria por meio da oralidade e da generosidade no partilhar.”

Agradecemos imensamente vocês por nunca terem desistido de seus saberes, transmitindo-os oralmente, deixando registros nos grimórios e permitindo que tivéssemos acesso a um conhecimento milenar de cura pela natureza. Suas histórias são inspiração para que também abracemos com força nossas habilidades, sonhos, projetos e potências. Honramos suas existências e lutaremos sempre para que o mundo seja um lugar mais acolhedor para vocês.

Com amor,

Wanne Belmino, Raquel Pimentel, Bruna Improta e Lorena Schalken.



Cartas enviadas de um lugar que não existe mais

Rubens Venâncio

De: São Pedro, SZN
Para: Ohana

"é tipo um mirante", assim tu disse, né?

... o que você verá?
... mar a vista, disse tu logo no primeiro lance de escada ... notei seu medo em subir e a atenção aos detalhes de meu espaço ...
... foi uma das primeiras vistas para o mar, acompanhei a ocupação da praia; sou um das abandonadas mais ~~antigas~~ ^{antigas} da cidade", você falou em outro lance de escada ... como também que eu poderia ser espaço cultural, lugar de memória, centro de estudos ... marcas-impressões futuras de tempo, tão efêmeras quanto meus ~~antigos~~ antigos vizinhos ...
... para você já fui ponto de encontro, despertei apreensão, afeto, fui mural para projeções (no dia gritei alto e fora bolsenara), fiz lembrar-lhe do galeano ... se eu tivesse mais humor me divertiria com suas músicas, canções de meu rádio ...
... você disse que não é daqui, ~~eu~~ vem de outro lugar ... já pensou que há momentos de deixar a geografia de lado e se ater as histórias?
... sempre vejo esquecimentos, mas na visita avistei memórias sendo iniciadas ...
... ao achar as fotos você possibilitou o álbum, inaugurou narrativas... imagens para vocês pensarem em um lugar que existiu, em um presente que me permite ver algo, apesar de sentir o álbum como uma carta enviada de um endereço que não existe mais ... espero que seja mirante para você ...

Fortaleza, 29 de Junho de 2011



Cartas, um álbum de família esquecido, a visita: um velho que olha para o mar acha um conjunto de fotos de família e envia uma carta com essas fotos para estranho(a)s que o visitaram em agosto de 2021.

A partir de um processo de ficcionalização que gira em torno da escrita, da produção de fotografias e da descoberta de antigas fotos, trago à tona a história de uma das edificações mais simbólicas da cidade de Fortaleza, Ceará: o edifício São Pedro, prédio comercial e residencial demolido em 2024 após anos abandonado e ocupado por moradore(a)s em situação de rua. Durante anos foi ameaçado de demolição em meio às ruínas, a especulação imobiliária e ao desinteresse do poder público.

Ao fabular o prédio como um velho que acha fotografias em sua gaveta e as envia, toco em assuntos como o sertão, os livros, afetos e o tempo. O edifício torna-se protagonista dessa narrativa e as fotografias produzidas por mim são seu olhar sobre as ausências da cidade e as memórias que a envolvem, com questionamentos sobre sua demolição, o futuro – mesmo que o passado seja para ele mais largo –, sobre as pessoas e o mar e o que queremos para nossas cidades.

* Cada carta é acompanhada por duas fotografias (uma do álbum e outra que representa o olhar do velho).

* Originalmente o trabalho é composto por seis cartas e suas respectivas imagens.

Você sempre entra na minha vida para ganhar, é impressionante! Mas quero saber quem além de mim foi presenteada com fotografias do álbum da infância, foto 3X4, gritos de amor ao pé da janela, telefonemas na madrugada. Quem você apresentou ao seus pais além de mim? E outras lembranças indestrutíveis ao sabor do tempo... Quer saber quem além de você eu consigo dividir tranquilamente o mesmo copo de cerveja? Ninguém!

Desculpa o meu olhar longo indizível na despedida e as meias verdades para te provocar ciúmes, para te provar que posso recomeçar mais uma vez, para te deixar recomeçar pleno longe de mim. Mais uma vez o sentimento voltou com força, me apaixonei profundamente, depois de tantas histórias, e exatos 10 anos – é realmente mágica a força das dezenas. Quero ouvir você dizer mais uma vez que sabia que iríamos nos reencontrar... Até lá. Até lá.



Onde as cartas de amor não chegam

Maria Stein

A quem - talvez - possa interessar.

Eu estava tomando café quando o aplicativo de música do celular tocou “Charles Jr.” e senti muito de mim fazer sentido ao ouvir Jorge Ben cantar:

“Só quero viver em paz (paz, paz)
E ser tratado de igual para igual (vai, vai)
Pois em troca do meu carinho, do meu amor (vai, vai)
Eu quero ser compreendido e considerado (vai, vai)
E se for possível, também amado (vai, vai)”

A xícara esvaziou à medida em que a música foi encerrando, mas a sensação predominante foi de uma fita sendo rebobinada. Era pandemia. O isolamento social era realidade, assim como as incontáveis vezes que evitei encarar o espelho por mais de três segundos. Um. Você é. Dois. Uma pessoa. Três. Com deficiência. A luz é apagada e o espelho fica para trás quando a porta é fechada, mas ela - a deficiência que me acompanha e sempre esteve aqui - gritava sem sequer emitir som. E eu apenas ouvia. Como ruídos insistentes e irritantes. Até escolher escutá-la. Um abismo entre uma coisa e outra.

Cresci acreditando no amor romântico. Almejando, buscando e desejando algo que pudesse validar minha existência. Afinal, é isso, não é? A busca por validação e a busca por amor não caminham lado a lado? O amor, como fizeram-me crer as referências fantasiosas e idealizadas, não é questão de merecimento?

É curioso, pois venho me esforçando dobrado desde que chegaram até mim os filmes, livros e desenhos. Mas aparentemente, não foi suficiente. Ou talvez, eu só cresci acreditando no amor de maneira equivocada. O que uma pessoa que nunca viu um corpo como o seu sendo representado e ligado ao desejo poderia saber sobre amor?

A minha deficiência nunca foi uma dúvida, é física e visível. Enquanto outras crianças se preocupavam em brincar, minha família tentava equilibrar o “ser criança” com todos os médicos, consultas, terapias, fisios e cirurgias. Só me dei conta de que nasci “ao contrário” quando não tinha mais como postergar os meus processos de socialização e alfabetização. A diferença não era bem vinda. Então, eu também não era. Revelou-se algo incômodo. Para os olhares alheios e, conseqüentemente, para os meus. Passei boa parte da vida negando, tentando esconder e matando - aos poucos - qualquer faísca de autoestima.

Quando fui vencida pelo cansaço da fuga do eu, a palavra capacitismo apareceu através de um vídeo em uma rede social. Na legenda, uma citação de Mia Mingus - que logo marcaria minha trajetória acadêmica - convocou algo até então enjaulado: “Devemos deixar provas. Evidências de que estivemos aqui, que existimos, que sobrevivemos, amamos e sofremos (...) evidências de que existem outras maneiras de viver.” Novamente, sinto a fita rebobinar. Eu sou uma pessoa com deficiência. Sem pausas desta vez.

Eu via o mundo dormir e acordar pela varanda de casa, e era lindo. Ao mesmo tempo, eu via o mundo colapsar através do noticiário da televisão, e era desesperador. Eu estava no quarto período de psicologia, as aulas eram remotas e não tinha previsão de retorno ao presencial.

Uns períodos depois, na disciplina de Saúde Mental, tive o espaço e a brecha - através da escrita - que eu precisava para questionar o que vinha latejando: onde estão os corpos com deficiência e a manutenção do cuidado voltado para eles dentro dos cursos de graduação? Foi a primeira vez que me coloquei em cena como uma mulher com deficiência, apesar da obviedade. A partir desse dia, novos questionamentos surgiram e junto deles, novas possibilidades que desaguaram em minha monografia guiada pela escrevivência, conceito de Conceição Evaristo.

Tratando-se de amor, registro nessas páginas - que pouco falam e falarão sobre mim - que amei. E sigo amando, pois o amor está longe de ser apenas romântico. Mas referindo-se a ele, também afirmo que amei. Escrevi cartas de amor sem dizer que eram de amor, e as recebi sem saber que também eram de amor. Eu encarei o sentimento nos olhos, mas vi que ele não estava preparado para caso eu fosse cega e precisássemos recalcular a rota. O meu amor não poderia caber onde o meu limite era sacrificado. O amor não tolera tudo, e não deve. Em “Mensagem”, Maria Bethânia declamou que “as cartas de amor, se há amor, têm que ser ridículas” e lembro-me da identificação imediata: eu nunca tive medo de ser ridícula nas minhas paixões. Até fazerem com que me sentisse envergonhada de almejar o amor. Entendo que querer estar com alguém não deve ser a nossa maior ambição, mas dizer para um corpo não pertencente e desconsiderado de afeto que desejar o amor é errado, beira a violência. A experiência de amar e ser amada é privilégio, mas deveria ser direito. Eu cansei de morar onde as cartas ridículas não chegam, onde preciso percorrer sozinha um caminho não acessível para tê-las.

Pergunto-me quanto de mim deixo nas relações que vivencio, mesmo aquelas que não acabaram tão bem, que um ou outro ou os dois saíram machucados.

Foi um longo caminho até chegar no entendimento de que estou presa em uma teia de medos. Antes, o medo era amar e não ser correspondida. Hoje, o medo é de me permitir ser amada. Com o amor, vem a vulnerabilidade, o cuidado, o apreço, o respeito e a admiração. Nenhuma dessas coisas está ligada ao merecimento, como aprendi. Eu não deveria me esforçar por elas. E com isso, caem por terra os achismos e tudo o que eu acreditei que sabia sobre esse tal de amor. E que bom que estive errada. Devo mergulhar para desvendar, assim como mergulhei em minha deficiência. Espero ter fôlego.

Aqui me despeço, escrevendo uma carta não endereçada e sem remetente, com o desejo pulsante de que alguém, em algum lugar, leia e sintase acolhido, parte de algo muito maior e nada solitário. Que tenha uma história consigo mesmo melhor que a que tive comigo, pois hoje é nítido que o segredo é não se abandonar pelo caminho. Ainda estou construindo os meus possíveis, as trilhas viáveis. O amor chega. A qualquer momento. Demorado ou ligeiro. Cego, surdo, amputado, com mobilidade reduzida ou de cadeira de rodas. Visível ou não. Com ou sem deficiência. Mas é bom lembrar que também sempre podemos buscá-lo. Exijam caminhos acessíveis para tal. No fim das contas, Jorge Ben foi mais que certo. O amor é troca de valor não estimado, sem prazo e dosagem. O mínimo é ser amado. Não é mais preciso rebobinar fita alguma.



Escritas indomesticáveis: lendo e escrevendo com trabalhadoras domésticas

Gabriela Maria Vieira dos Santos e Leticia Cardoso Barreto

Belo Horizonte, 08 de julho de 2024

Para as trabalhadoras domésticas que me afetam,

Queridas leitoras, trabalhadoras domésticas, me chamo Gabriela Maria, sou graduada em psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais, na cidade de Divinópolis/MG. Sou uma mulher parda, de vinte e quatro anos, bissexual, filha e neta de trabalhadoras domésticas, a segunda pessoa da família materna e paterna a acessar uma universidade pública e nascida e criada em uma fazenda no interior de São Paulo. Durante quase toda a minha graduação me interessei a compreender um pouco mais sobre como é ser uma trabalhadora doméstica, como forma de dizer o que aprendi lendo e escrevendo com vocês, resolvi escrever esta carta. Penso que assim seria uma maneira de trocarmos ideias do que tenho percebido enquanto pesquisadora, tecendo uma escrita feita pelas minhas andanças pela universidade, lembranças de encontros com algumas trabalhadoras, leituras de produções artísticas e textuais sobre o tema e outras memórias.

Imagino que por muitas vezes vocês estão ocupadas limpando, passando roupas, varrendo, cozinhando, cuidando dos filhos e animais domésticos de suas patroas, tudo simultaneamente, que quase não tem tempo para descansar e quando isso acontece é no quatinho, aquele lugar apertado e escondido.

Então, convido agora vocês a se sentarem à mesa comigo e enquanto nos imaginamos tomando um bom café mineiro com pão de queijo, biscoito de queijo, broa, bolo de chocolate, chá e cafezim, conversamos sobre o que eu aprendi ouvindo, lendo e escrevendo com mulheres como você que me lê agora. Para além dos saberes que aprendi com vocês, minha escrita caminha com outras intelectuais que abordam essas temáticas, por isso, em alguns momentos da carta destaco nomes e textos como forma de demonstrar quem são essas mulheres que sustentam o que quero dialogar.

Então, por que eu me interessei por este tema? Hoje em dia, penso que para responder essa pergunta é necessário chamar para a conversa três mulheres da minha família: minhas avós e minha mãe. Primeiro, queria falar com a minha avó paterna, Dalva. Que saudades de você, vó, sinto que a gente não tem muita intimidade, nossas conversas são sempre muito rápidas e sobre assuntos amenos, mesmo assim sempre me senti muito amada por você.

Esses dias, me peguei pensando como não temos fotos recentes juntas e penso que isso significa muito a forma como me relaciono com a senhora. Isso porque nessa lógica de apenas usufruir dos cuidados que você oferece e faz tão bem, como por exemplo o pão de queijo quentinho no café da manhã quando vamos te visitar nas férias, eu naturalizei que não precisava reconhecer você, que não precisava estar junto de alguma forma.

Hoje vejo como é importante valorizar todos os saberes que vem do cuidado que você tem com comigo e todos os outros da família. Como é bom saber que alguém pensa em mim quando vai rezar e fica tão feliz quando recebe uma ligação minha. Nas entrelinhas, sinto que a senhora guarda consigo muita dor por ter se doado tanto aos seus patrões, filhos, marido e netos, mas queria dizer, sem tentar romantizar, que todo o seu carinho e amor reverbera em mim e me dá forças para me constituir enquanto pessoa amada.

Outra mulher que me faz refletir sobre o cuidado, é a minha avó materna, a Benvinda. Benvinda ou Nega, como suas irmãs te chamam, quando penso na senhora, vem muito a mente uma personagem do livro “Solitária” de Eliana Cruz (2022) a D. Codinha que é mãe de Eunice (trabalhadora doméstica) e avó de Mabel, ela apresenta falas como: “Mabel, no dia que você entrar naquela faculdade, vai esquecer que lhe ensinei a curar dor de cabeça com chá de folha de louro e casca de cebola – questionou d. Codinha” (Eliana Cruz, 2022, p. 103).

Mais do que conselhos ou orientações pragmáticas, Codinha é uma pessoa que possibilita descanso, afeto, cuidado para as personagens que estão sendo constantemente violentadas pelos empregadores. Ela me lembra muito a senhora, que era a principal casa que me acolhia quando estava de férias e queria sair da fazenda onde meus pais moram e trabalham. Como é bom ter a senhora para me acalantar seja com a receita de um chá, também me colocando em suas prezes ou até mesmo fazendo um doce de mamão, que na minha opinião é o melhor doce do mundo. Você e Codinha me fazem pensar como precisamos fortalecer as lembranças que nos nutrem enquanto sujeitas, construindo e consolidando memórias, oferecendo proteção e nos ajudando a resistir.

E para completar essa trinca de mulheres que germinam em mim, falo com a minha mãe, Solange, filha da Benvinda. Com você, Sol, queria compartilhar uma ideia da Djamila Ribeiro que ela fala em uma entrevista como cresceu não querendo ser igual a mãe dela, não queria ser uma mulher que ficava em casa e cuidava de todos. E para mim vejo que eu reproduzia esse discurso, acreditava que não sendo dona de casa isso seria um progresso. Mas ao mesmo tempo penso como essas ideias nos distanciam, não me faziam reconhecer que graças a roupa lavada, a comida fresquinha, as histórias contadas a noite, tudo feito por você, é que garantiam todo o meu tempo voltado exclusivamente para estudar.

Penso como por acreditar que você falava muita abobrinha, não deveria me importar muito com as reclamações e ponderações que você fazia por cuidar de uma casa sozinha, achando que tanto o seu cuidado com a nossa casa, quanto o seu serviço como trabalhadora doméstica era algo sem muita relevância.

Dialoguei brevemente sobre essa “trindade” de mulheres para localizar como a minha existência é potencializada por essas. Meu conhecimento vem dessas ambiguidades, desse lugar que prioriza a mulher como alguém que precisa ser dócil e isolada no meio privado, mas são essas mesmas mulheres que me ofertaram cuidado e força, possibilitaram que eu concluísse a minha graduação. Foi você, Sol, que mesmo com todas as atividades domésticas, ainda assim encontrou tempo e disposição para conseguir me auxiliar na tarefa de casa, me ensinar a escrever e a ter criatividade para pensar meus trabalhos escolares.

E reconhecer isso é muito significativo, pois dentro do espaço de formação como a universidade por muitas vezes banalizamos esses processos e entendemos mulheres como minha mãe, minhas tias e avós apenas como “donas de casa” ou trabalhadoras domésticas que precisam servir e cuidar de todos e de todas. Pois, como diz Patricia Collins (2019) popularmente acreditamos que intelectuais ou produtoras de saberes são aquelas que estão dentro das universidades, ignorando que as pessoas, que experenciam uma dada situação, são capazes de dizer e refletir sobre essa. Minha escrita e meu desejo de pesquisar vem de mãos cansadas, calejadas e muitas vezes sujas.

Sãos mãos que limpam a sujeiras dos ricos, que organizam as casas e cozinham para esses, que plantam hortaliças e verduras. E então, escrevo e pesquiso como uma “necessidade de registro”, necessidade de dizer que a produção de saber não se limita apenas ao que fazemos dentro da universidade, mas que aquelas que cuidam de nós também nos ensinam e resistem juntas.

Até os meus dezenove anos vivi nesta fazenda no interior de São Paulo, um local que a renda gerada é da cana-de-açúcar. Eu e meus pais moramos em uma casa ao lado da casa das empregadoras, mas esses não residem lá. É um local muito grande e bem arborizado, algumas plantas foram plantadas pela minha mãe, outras já estavam lá quando ela chegou. Adorava caminhar com pés descalços e sentir várias texturas, grama, terra, pedras, gostava também de nadar na represa que lá possui, mas embora eu circulasse livremente por esse espaço, é difícil me entender pertencente a esse.

Aprendi a me relacionar com o rural, a colher a manga, amoras, morango, pegar os ovos das galinhas, a fazer pamonha quando o milho já estava na época, correr com os cachorros, brincar com a terra; neste local “herdei valores, modos de ver e de viver”. Contudo, por ser filha da empregada, sempre havia a insegurança de sermos mandadas embora. Então, vivi como uma “mulher rural”, mas com limites.

Experienciei aquele espaço, mas sabendo a posição que ocupava ali, isso era demonstrado para mim ao passo que eu não poderia usar a terra como eu bem entendesse: se minha família quisesse plantar em alguns pedaços de terra e lucrar com isso, será que seria permitido? Logo, eu, minha mãe e meu pai vivenciamos a lógica de ser empregadas domésticas: minha mãe com serviços gerais, meu pai como administrador e caseiro e eu como a filha deles.

O que percebo é como ser filha de trabalhadora doméstica e uma mulher em uma sociedade patriarcal implica em constantemente ser a ensinada a ser obediente, a ficar caladinha para não incomodar os demais. Sempre fui orientada a esperar os homens da família manifestarem os seus desejos, para que só depois eu pudesse falar e ainda assim ponderando para que nenhum desses ficasse chateados ou irritados comigo. Então, a maneira como as patroas se relacionam com as trabalhadoras, influencia em nós que somos filhas.

Fui naturalizando esta obediência e certos controles sobre meu corpo, mas vejo que houve uma quebra, uma rachadura nessa norma.

Essa quebra veio pelo apoio à educação, as mulheres da minha família me incentivaram a estudar apesar de qualquer obstáculo, demonstrando como essas resistiam. Como diz uma mulher no início da música “Comigo Ninguém Pode” de Mc Tha (2020): “Deu né Thais/ Eu não falei pra você Thais/ Vai na fé que dá certo/ Vai com a minha fé/ Se Você não tem, vai com a minha fé/ Liberte sua mente pra ela não desandar/ Tem que ser valente Thais” sempre que me sentia desanimada, ouvia frases como essas que me motivavam a continuar estudando.

São palavras de cuidado, palavras que me nutriram e me deram forças para acreditar cada vez mais em mim. Se de um lado temos um sistema que faz a gente destruir nossos sonhos e pensar que lugar da filha da empregada é continuar servindo, aprendi com essas mulheres a não sucumbir a esses discursos.

Logo, ao longo da minha graduação, comecei a cada vez mais ler obras literárias escritas por trabalhadoras domésticas ou por suas familiares. Ler é um ato que aconteceu de maneira afetuosa em minha vida, isso porque desde pequena era incentivada, recorro aqui a um gesto de cuidado que a minha mãe me ofertou quando era criança, ela lia para mim todas as noites diferentes histórias de princesas e outros temas. Aguardava ansiosamente para que chegasse a hora de dormir e poder escutá-la, era um momento que podia criar, imaginar e desejar livremente.

Alguns livros eram ganhados dos filhos da patroa da minha mãe, outros ela que comprava. Do encantamento com as histórias de princesa, chego à fase adulta e me deparo com as literaturas das trabalhadoras domésticas, que não me permitem mais ser aquela mera ouvinte que idealiza, mas que me mobilizam a lutar por mudanças.

As obras possibilitam assim a pensar novos mundos. Se há uma sociedade que tenta constantemente dizer como somos: a trabalhadora que só usa roupas desbotada, que cheira a água sanitária, que tem o cabelo sempre preso, a literatura permite repensar essa imagem. Ao ler criamos repertório para conseguirmos imaginar e conseqüentemente construir uma sociedade mais igualitária que desejamos. Não se trata de apenas ler obras escritas por essas pessoas que experienciam a violência e conseqüentemente todas as desigualdades sumiram, mas ao ler essas é possível recriar histórias, florescer e sobreviver diante do atual cenário.

Logo, a partir dessa podemos criar novos imaginários políticos e sociais, seria como se tivéssemos um suporte para planejarmos pelo que desejamos lutar. E por mais que imaginar possa parecer um exercício banal e que pouco poderia influenciar em nossos cotidianos, recorro as falas de Jota Mombaça (2021) de que sem imaginar não conseguimos construir, ou seja, a experiência de imaginar é o que faz com que consigamos mudar as estruturas. A nossa imaginação é o que possibilita o nosso encontro com o outro e desencontro consigo mesmo. Pois, caso não estejamos abertas e dispostas a imaginar, estaremos sempre reproduzindo ideias estereotipadas das outras pessoas.

Quero trazer mais uma vez o livro “Solitária” (Eliana Cruz, 2022), no qual a autora se inspirou em sua tia-bisavó que morou toda a sua vida com seus empregadores e que criou assim uma dependência em relação a esses. Eliana diz em uma entrevista que:

Em Água de barreira, a saga romantizada de minha família a partir do século 19, há uma personagem, a minha tia-bisavó, a quem dedico Solitária. Ainda pré-adolescente, ela foi mandada para a casa de uma família branca em Salvador e ali ficou até morrer. Ninguém conseguia resgatá-la; havia uma amarra psicológica que vinha do tempo da escravidão, e ela achava que tinha uma dívida de gratidão para com aquela família. A menina do interior mandada novinha para trabalhar em casas de família continua sendo a história de um montão de gente (Quatro cinco um, 2022).

Ou seja, ela está dizendo de como sua familiar não conseguiu se libertar da condição de opressão que vivenciou por tanto tempo e como bem conclui a escritora, essa ainda é a realidade de muitas mulheres. Mas ao olharmos para a personagem construída por Eliana Cruz, chamada Eunice, vemos como ela parece muito com a tia-bisavó: sempre muito prestativa e vivendo pela família de empregadoras, sua filha Mabel percebe esse movimento e descreve como entendia a sua relação com a sua mãe e os patrões: “Eu e mamãe, dois satélites no entorno daqueles planetas.

Dividíamos o quartinho, mas, à medida que eu e a filha única daquele casal crescíamos, eu e minha mãe fomos nos distanciando uma da outra e, acredito, de nós mesmas” (Cruz, 2022, p. 70). Em outro trecho Mabel afirma: “Minha mãe abria mão de si” (Cruz, 2022, p. 45). Ou seja, Eunice é uma mulher que fazia de tudo por seus empregadores, ia se anulando e isolando na dinâmica da família empregadora.

Porém, Eliana Cruz nos surpreende demonstrando que a sua personagem não precisa seguir os caminhos de sua tia-bisavó, ela consegue romper com esta dominação. Isso ocorre na história, quando Eunice está diante de uma tomada de decisão delicada: Camila, a filha de sua empregadora e pessoa que ela havia cuidado desde o nascimento, havia cometido um crime, por negligenciar o cuidado de um filho de uma outra doméstica, permite que esse caia do apartamento e morra.

Eunice que presenciou a situação é orientada por sua patroa a mentir para os policiais e dizer que a responsável pelo ato teria sido a mãe de Camila. Mas Eunice não obedece a patroa e resolve denunciar Camila, declarando então: “Eu de certa forma, fui criada-muda. Não serei mais” (Eliana Cruz, 2022, p. 117). O que quero demonstrar para vocês, leitoras é como Eunice embora por muito tempo estivesse “presa” àquela família, entendendo que precisava servi-los o tempo todo, em um dado momento consegue agir e denunciar a situação.

Então, queridas trabalhadoras domésticas que me leem, quero dizer para vocês como compreendo que ler outras trabalhadoras domésticas é algo que possibilita construirmos um projeto político de esperança. Sara Ahmed (2022) afirma como a esperança é aquilo que nos mobiliza a lutar, pois ao esperar conseguimos ter certo apoio para conseguirmos buscar a mudança que acreditamos.

Assim, é necessário esperarmos e imaginarmos qual o cenário queremos diante do constante controle de nós. Que possamos cada vez mais sermos como Eunice e Mabel que conseguem se desvincular a família empregadora e ver que patrões por mais cuidadosos que sejam, não nos consideram como pessoas da família. Que ao ler diferentes histórias nos tornemos mais fortes para compreender que um ato de violência não é nossa culpa e que outras pessoas podem ter passado pela mesma situação e que assim coletivamente podemos desnaturalizar essas ações.

Ler as narrativas literárias de trabalhadoras domésticas, me levou a uma outra questão, como a nossa escrita (de trabalhadora ou familiares) pode ser algo que auxilia a recontarmos nossas histórias, que sempre foram escritas a partir da lógica de outras pessoas. Penso a escrita muito por uma lembrança que tenho de minha avó materna, que uma certa vez, quando eu era criança, ela pegou uma das revistas de receita da minha mãe e estava tentando copiar manualmente, percebi que ela tinha certa dificuldade, escrevia de acordo como falava e por isso algumas palavras não ficavam iguais; a própria caligrafia a confundia, pois fazia as letras grandes e não obedecia aos limites das linhas, mas ainda assim ela tentava escrever.

Não me lembro ao certo qual era receita e se a minha avó conseguiu transcrevê-la por completo, naquela época aquilo me pareceu banal, mas hoje vejo que ela só queria escrever, mesmo não sabendo ao certo como. Então, partimos dessa teimosia de escrever, de tentar tornar o papel e o lápis nossos aliados para contarmos nossas próprias memórias.

Desse modo, ler autoras como Triscila Oliveira, Eliana Cruz, Lilia Guerra, Eliane Marques e Conceição Evaristo que são mulheres negras que foram trabalhadoras domésticas ou acompanharam suas familiares pude aprender a escrever de maneira diferente, uma escrita na qual o corpo, as vísceras, a sensação de estar viva são elementos fundamentais; por isso a vida cotidiana transparece nesses escritos, não tem como escrever sobre temáticas glamourizadas que ignoram a realidade vivida.

Então todas as vezes que acompanhei você, mãe, sendo trabalhadora doméstica e dona de casa ao mesmo tempo, vendo como seus braços cansavam por torcer tantos panos de chão, as mãos ásperas por mexer com tantos produtos de limpeza, as costas cansadas por ficar em uma posição desconfortável para plantar mudinhas de verduras, são situações que me mobilizam, atualmente, a repensar como escrever e como produzir conhecimento.

Valorizando assim cada vez mais um saber que advém do cuidado e que me inspira a construir laços. Logo, tomar a escrita do nosso jeito, a partir de vivências nossas e de nossas familiares, ainda que a letra não caiba na linha ou não obedeça às regras gramaticais, faz com que não limitem as nossas experiências a um corpo brutalizado, sexualizado ou provocante.

Constantemente, nos fazem acreditar que ficar calada e achar atos de violência como algo que merecemos é o melhor caminho. E pode até parecer, afinal, dói muito ter que expor e relembrar situações que foram tão difíceis de serem vividas. Mas se continuamos nos escondendo, fingindo que nada aconteceu, muitas de nós continuarão sofrendo da mesma maneira. Então poder escrever e publicizar o que pensamos sobre o nosso cotidiano, faz com rompamos com o silêncio que nos é imposto.

bell hooks (2019) relata algo que pode ser uma experiência comum a nós que é o fato de como a voz dos homens em nossas famílias são sempre escutadas, enquanto as mulheres precisam se calar, ou seja, aprendemos a ficar em silêncio de maneira forçada. Mas se foi algo aprendido, podemos também desaprender e bell hooks (2019) demonstra como a escrita auxilia nesse processo.

Mas ao mesmo tempo, penso em minhas familiares que possuem rotinas “garradas”, cheias de compromissos, e com muitas demandas de cuidado. Realmente, a escrita nos pede um certo tempo, mas como diria a feminista Gloria Anzaldúa (2000) escrever por muitas vezes é algo glamourizado, sendo associado à imagem de pessoas brancas em um lugar calmo, silencioso e com tempo para se dedicar a isso. Não podemos nos limitar a essa visão, há mulheres que escrevem apesar das condições precárias.

Como o caso de Carolina Maria de Jesus, uma escritora negra que residiu por um tempo em uma favela e resolveu escrever um diário que foi mundialmente reconhecido. Outra escritora que reforça o argumento para escrevermos apesar das dificuldades é a Françoise Ega (2021) que faz alguns relatos de como está sempre com muitos serviços, seus filhos pegam seus lápis para brincar e seu marido acredita que não há motivos para ela escrever. Em outro momento Françoise Ega (2021) relata que:

Enquanto escrevia as últimas frases, Carolina, encostada na máquina de lavar (é preciso encontrar um cantinho tranquilo), meu marido, desanimado, disse que o que eu escrevia seria um fiasco, que não era necessário falar de coisas que não me diziam respeito. [...] Eu poderia ter desanimado. Mas, Carolina, vejo você escrevendo á luz de vela, sem a presença de ninguém para lhe dizer que tipo de mamoeiro você é, me debruço então sobre uma nova página e a encho de realidade (Ega, 2021, p. 33).

A Carolina citada pela Ega (2021) é a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, mulher negra, que trabalhou como doméstica, mas o seu livro que popularizou foi Quarto de Despejo (1960) o qual ela relata a sua vivência em uma favela em São Paulo e como era ser catadora de papel.

Para além de Ega desejar escrever entre os seus afazeres doméstico, ela direciona a sua escrita para uma mulher que ela não conhecia, pois ela morava na França e Carolina, no Brasil, mas ainda assim a escrita é algo que as une. Algo que explicita o que bell hooks (2019) diz de como uma escritora negra ao se tornar um sucesso, não deveria ser entendida como uma conquista individual, mas como um movimento artístico que auxilia outras de nós a escreverem também.

Lutamos, assim, cada vez mais para que não sejamos reduzidas a uma única história de trabalhadoras e filhas dessas. Uma coisa que eu aprendi morando na fazenda e acompanhando as safras da cana-de-açúcar é de como plantar um único tipo de produto empobrece o solo, pois esse pega sempre os mesmos nutrientes, até se esgota a fertilidade do local.

Esse processo de plantar apenas uma espécie chama-se monocultura, e na agricultura como forma de evitar o empobrecimento de nutrientes, é necessário fazer as rotações de cultura. Então, na minha casa planta-se a cana e de tempos em tempos a soja. Essa ideia pode ser uma metáfora para nossas escritas, muitas vezes fortalecemos e criamos monoculturas narrativas, ou seja, no nosso caso, estamos sempre pensando uma única história sobre quem são as trabalhadoras domésticas e suas familiares. Logo, não conseguimos germinar ter autonomia para caminhar.

Ainda que escrever doa, seja algo fora da rotina dos cuidados com a casa, ainda que lembrar de cenas de violências nos faça chorar e não ter tantas forças para escrever.

Escrevemos, como forma de deixar aterrada as nossas vidas, saberes e corpos na história. Escrevemos, para que sempre nos lembremos de quem nós somos e não permitir que patroas, chefes, patrões, maridos ou qualquer outra figura tente nos definir e limitar!

Com amor e carinho,
Gabriela Maria.

Referências

ADCHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

AHMED, Sara. Viver uma vida feminista. São Paulo: Ubu, 2022.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feminista, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 08 jul. 2023.

ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. Confinada. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2021.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. Cartas: um exercício de cumplicidade subversivas para a escrita acadêmica. Currículo sem fronteiras. V.21, n.2, p. 679-701, 2021. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss2articles/battistelli-oliveira.pdf>. Acesso em: 08 de jul. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro. 1 ed. São Paulo: Boitempo. 2019.

CRUZ, Eliana Alves. Solitária. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DJAMILA Ribeiro, Tom Farias e Eliana Alves Cruz. Roteiro: Fliaraxá. Araxá, 2024. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rzfHngOZAYg>. Acesso em: 02 jul. 2024.

DINIZ, Debora. Imaginar. In: DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. Esperança Feminista. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022. p. 39-62.

EGA, Françoise. Cartas a uma negra. São Paulo: Todavia, 2021. 256 p. Tradução Vinicius Carneiro e Maria-Claro Machado.

EVARISTO, Conceição. Maria. In: EVARISTO, Conceição. Olhos D'água. Rio de Janeiro: Pallas Fundação Biblioteca Nacional. 2016. p. 24-26.

EVARISTO, Conceição. Macabéa, Flor de Mulungu. Rio de Janeiro: Oficina Raquel. 2023.

GUERRA, Lilia. Um céu para os bastardos. São Paulo: Todavia. 2023.

hooks, bell. Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, Carolina Maria. Diário de Bitita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de Despejo. Rio de Janeiro: Ática. 1960.

LORDE, Audre. Irmã outsider. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó. 2021.

MC THA. Comigo Ninguém Pode. Elemess: 2020. 3min15s.

MARTINS, Leda M. O feminino corpo negrura. Revista de estudos de literatura, v. 4, n. S.I, p. 111-121, out. 96. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso em 13 jun 2023.

NUÑEZ, Andrea et al. Uma Marqueza entre as domésticas. Campinas: Puc-Campinas, 2013. Disponível em: https://issuu.com/dehnunez/docs/vers__o_issuu. Acesso em: 12 ago. 2022.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; Rocha, Késia Anjos; Moreira, Lisandra Espíndula; Hüning, Simone Maria. “Meu lugar é no cascalho”: políticas de escrita e resistências. Fractal: Revista de Psicologia, v. 31, n. spe, p. 179-184, dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/HJTxSpSnxYdMfgpFHfc9WxJ/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 29 nov. 2023.

OLIVEIRA, Veronica. Minha vida passada a limpo: Eu não terminei como faxineira, eu comecei. 1 ed. Cotia/SP: VR Editora. 2020.

PRETA-RARA. Eu empregada: doméstica a senzala moderna é o quartinho da empregada. Belo Horizonte Letramento, 2019.

PORFÍRIO, Tamis. A cor das empregadas: a invisibilidade racial no debate do trabalho doméstico remunerado. Belo Horizonte: Letramento, 2021.

QUATRO CINCO UM. Eliana Alves Cruz: novo romance da escritora, roteirista e jornalista carioca traça a saga contemporânea das trabalhadoras domésticas no Brasil. 2022. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/entrevistas/fichamento/eliana-alves-cruz>. Acesso em: 30 nov. 2023.

RASCUNHO. Vozes solitárias. 2022. Disponível em: <https://rascunho.com.br/entrevista/vozes-solitarias/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

RIBEIRO, Julyanna de Melo. O saber-existência das mulheres rurais: histórias de vida a partir dos feminismos subalternos e decoloniais. 2020. 141 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

ROCHA, Késia dos Anjos; DIAS, Alfrancio Ferreira. Narrativas Literárias Desbocadas: inspirações para (des)fazereres educativos e metodologias queer. Revista Online de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 00, n. 26, p. 1-14, jan/dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/17200/14450>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SANTOS, Gil. Minha vida, Minhas Histórias. 1 ed. Rio de Janeiro: AG Publicações. 2021.

VEIGA, Livia Affonso da; OLIVEIRA, Luiza; SANTOS, Abrahão; PENNA, William. Sobre encontros com Vovó Catarina e como as mulheres negras podem ensinar à psicologia sobre memória. In: SILVEIRA, Marília; MORAES, Marcia; QUADROS, Laura Cristina de Toledo. PesquisarCOM: caminhos férteis para a pesquisa em psicologia. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2022. p. 201-2014.



Cartas sobre o Amor em Paulo Freire

Wagner Pires da Silva e Diônvera Coelho da Silva

Carta 1: de Wagner a Diônvera

Minha amiga, Diônvera,

Começo esta nossa conversa, sentindo-me seguro diante da acolhida que tive por parte do grupo da disciplina e por você ao aceitar refletir sobre o amor comigo. Ao ler *A Pedagogia do Oprimido*, um tema chama a atenção diante de tantos que a obra apresenta: o amor. Freire deixa muito claro a necessidade do amor não apenas na educação, mas para a própria transformação social.

Escrito nos anos 1960, durante seu exílio no Chile, no momento em que a extrema direita brasileira, através dos militares espalha o ódio e persegue a todas e todos que considera inimigo, mostrar que o amor é uma ferramenta essencial para responder ao ódio dos opressores é algo revolucionário.

Mas, que amor? Um amor que se realiza no compromisso do afeto com o outro, por isso mesmo um ato de coragem, para com o outro. Amor que se realiza na luta dos oprimidos por sua libertação. “Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores” (FREIRE, 2020, p. 43).

Entendendo que os opressores acabam por negar a humanidade dos oprimidos, a rebelião destes, sua resposta à violência que lhes nega a humanidade é um gesto de amor. É mesmo quando uma expressa por atos de violência em resposta às violências do opressor, “este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor” (FREIRE, 2020, p. 59).

Ao negar a humanidade do outro, o opressor nega a sua própria, porque como pode ser humano, aquele que desfruta do comer e do beber, do bem vestir-se, etc., enquanto outros tantos nem tem o que comer, enquanto se vestem de farrapos. Daí que a libertação dos oprimidos é também uma libertação dos opressores. A realização da humanidade de um corresponde a realização da humanidade do outro.

É preciso abrir um diálogo crítico e libertador, objetivado à práxis. Uma prática, uma ação realizada junto com os oprimidos e não para eles. Pois estes devem ser os sujeitos de sua própria libertação, afinal, “não basta que os homens não sejam escravos; se as condições sociais fomentam a existência de autômatos, o resultado não é o amor à vida, mas o amor à morte” (FREIRE, 2020, p. 76). A pedagogia deve buscar dar liberdade para criar, aventurar-se, ir além. Deve permitir que o educando veja a si mesmo como pessoa e não como coisa.

Não se pode esquecer da influência cristã na formação de Freire e do que o amor representa na tradição cristã. Daí seu apelo tão forte ao amor enquanto resposta, não um amor idealizado, estático, mas dinâmico, um ato, que como diz a escritura é capaz de lançar fora todo o medo. Medo que domina os opressores, presos a uma concepção de mundo, no qual eles devem obedecer e sujeitar-se. Ao mesmo tempo o amor cristão é um entregar-se pelos outros, ao mesmo tempo em que é capaz de revoltar-se contra as injustiças e desigualdades. Um amor que transforma os homens e as suas relações entre si e com o mundo.

E aqui se resolve o desafio de que um mundo sem mulheres e homens não seria mundo. Ao faltar quem lhe problematize, quem lhe pronuncie, deixa o mundo de ser mundo. Por isso a urgência no cessar as opressões, pois estas impedem a todas e todos, opressores e oprimidos de se realizarem enquanto mulheres e homens, de se humanizarem, perdendo assim a si mesmos e o mundo que os rodeia.

Sabendo-se inconclusos devem mulheres e homens buscar sua completude, que está nelas e neles mesmos. “Esta busca do ser mais, porém, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos” (FREIRE, 2020, p. 105), por isso, não nos serve uma educação que reforce o fato de que, para que alguns tenham outros devem ficar sem ter.

Isso exige um compromisso do educador, um ato de coragem, que é um ato de amor na medida em que este é um compromisso com mulheres e homens para a libertação. Um compromisso dialógico, que suprime a situação de opressão, em que estão imersos os sujeitos, permitindo-lhes ir além do que nos permitem os opressores.

O amor perpassa as lutas e se coloca como elemento central para estabelecer o diálogo, pois sem amor, o diálogo é simples exposição, vazio de sentido, de significado e incapaz de fazer a comunhão. Sem amor, portanto não há diálogo.

Que podem fazer os revolucionários sem amor? Apenas substituir uma opressão por outra. Que podem fazer os educadores sem amor? Manter a mesma educação bancária, que longe de libertar mulheres e homens, os acomodam na visão de que suas relações lhe são incompreensíveis e de que eles são coisas, enquanto as coisas se afiguram como sujeitos.

Que podem fazer os revolucionários sem amor? Apenas substituir uma opressão por outra. Que podem fazer os educadores sem amor? Manter a mesma educação bancária, que longe de libertar mulheres e homens, os acomodam na visão de que suas relações lhe são incompreensíveis e de que eles são coisas, enquanto as coisas se afiguram como sujeitos.

É dessa forma que vejo a forma como entendo o amor em Paulo Freire e como é importante a amorosidade para uma educação libertadora, para transformar o mundo.

Que outros elementos podemos acrescentar seguindo a perspectiva Freiriana, tanto acerca do amor, quanto da educação?

Juazeiro do Norte, Ceará, 05 de dezembro de 2021

Carta 2: de Diônvera a Wagner

Querido Wagner,

Fico feliz em poder direcionar essa carta a você, nas aulas que compartilhamos neste semestre, sentia em sua fala um enorme comprometimento, sobretudo quando falava sobre a importância de uma educação libertadora. Para isso, você trazia as contribuições do pensamento de Paulo Freire, educador que buscava em sua prática e sonhava com uma sala de aula Amorosa e Anticolonial. Ele defendia e acreditava nessa possibilidade, ainda que a temática sobre o Amor não tenha sido aprofundada por ele, podemos perceber a dimensão do Amor sendo referida como uma potência política para mudarmos o mundo.

Confesso, que me surpreendi com a sua vontade em escrever sobre o Amor, afinal, não é uma tarefa fácil, ainda mais porque vivemos num mundo onde o Amor é banalizado e compreendido de uma forma equivocada pelas pessoas. Contudo, é importante falarmos sobre o Amor, e tirarmos ele desse lugar dúbio em que as pessoas sentem medo de senti-lo, ou acreditam senti-lo, mas na verdade não o sentem.

Li seu texto, assim que recebi, e grifei algumas partes que me chamaram a atenção, assim, pretendo lhe apresentar uma autora que eu não sei se você conhece, mas acredito que ela irá contribuir muito com o tema que escolhemos dialogar e aprender. bell hooks é uma escritora preta, feminista, professora e uma das pessoas que assim como nós admira Paulo Freire, ela o considera um mestre, alguém que serve como uma bússola para os seus questionamentos e encontros, enquanto pessoa e professora.

bell hooks, me ensinou muito sobre o feminismo negro, e também sobre o ato de educar através de uma práxis que respeita as diferenças e as realidades de cada pessoa, e para além disso tudo, ela também tocou numa parte que é essencial para que possamos desenvolver uma sala de aula pautada no respeito e cuidado.

bell hooks fala sobre o Amor, e por isso comecei, problematizando sobre o que pensamos ser o Amor. Você poderia me dar uma definição? Poderia pensar sobre o que seria o Amor para você? Lhe pergunto essas coisas, porque para bell hooks, é fundamental descobrirmos o significado do Amor. Em sua vida, ela apenas pôde conhecer e viver o Amor quando fez essas perguntas, mas teve outra pergunta que foi muito importante para o seu processo de descoberta do Amor.

Onde está a opressora que existe dentro de mim?

Essa pergunta foi feita por Paulo Freire também, e eu noto várias questões que esses autores lançam para nós, com uma complexidade que pode nos mobilizar imensamente. Porque precisamos saber quando somos opressores/as para entender o significado do Amor, muitos podem se perguntar, e talvez ter um pouco de dificuldade para entender essa questão. Exatamente porque nossa ideia sobre o Amor, ainda está próxima das questões relacionadas a violência e produção de opressões. Mas, investigar como nos inserimos nas relações, quando temos o potencial de oprimir e de sermos oprimidas/os é essencial para que possamos nos conscientizar acerca do que queremos para nós e para a nossa sociedade.

No livro Tudo sobre o amor, bell hooks (2020) afirma que, Amor e dominação não podem coexistir, portanto para essa intelectual, não podemos Amar, se continuarmos a perpetuar qualquer forma de desumanização da/do outra/o, e isso se relaciona perfeitamente com o primeiro parágrafo que você escreveu, o primeiro grifado por mim; em que Freire (2020) compreende que Amar perpassa a luta para acabar com o desamor contida na violência dos/das opressores/as.

Portanto saber, quais são os nossos “pontos cegos”, quais são as nossas dificuldades, e as formas que nos inserirmos nas práticas de desamor impostas neste mundo, é um passo para que possamos romper com as estruturas de dominação e desamor. Sendo assim, para Amar precisamos estar comprometidas/os com o fim das opressões, pois todas elas nos afastam do Amor, enquanto estivermos contribuindo para as lógicas de dominação estaremos longe de Amar e sermos amadas/os.

bell hooks (2020) compreende que às vezes, "muitos de nós precisamos nos apegar a uma ideia de amor que torne o abuso aceitável ou que ao menos faça parecer que, independente do que tenha acontecido, não foi tão ruim assim."(p. 48). Assim, lhe questiono, você já precisou envernizar uma relação para que ela se parecesse com o Amor, mesmo sentindo a ausência dele? bell hooks durante muito tempo, tentou negar que não foi verdadeiramente amada pela a sua família, ela entendeu que as práticas de humilhação vivenciadas na infância se estenderam aos seus relacionamentos na vida adulta, e que muitas vezes era mais seguro se relacionar com pessoas que não sabiam Amar. Assim,

Muitos de nós escolhemos relacionamentos de afeição e carinho que nunca se tornarão amorosos porque eles parecem mais seguros. As demandas não são tão intensas quanto as do amor. O risco não é tão grande. Muitos de nós desejamos amor, mas nos falta coragem para correr riscos. Embora sejamos obcecados com a ideia do Amor, a verdade é que a maioria de nós leva uma vida decente, relativamente satisfatória, ainda que sintamos a falta de amor (hooks, 2020, p. 52-53).

bell hooks (2020) nos convida a confrontar o desamor que vivemos em nossas vidas, pois olhar para as nossas histórias de uma forma realista faz parte do processo de cura. Ela também faz uma crítica a nossa cultura sobre a forma como ela nos faz acreditar que homens e mulheres amam de forma diferente o que faz mulheres acreditarem que devem se "adequar" e se ajustarem para serem amadas. A autora compreende que para nos tornarmos pessoas amorosas é necessário que nossas práticas sejam amorosas, pois o Amor é uma ação, uma escolha.

Portanto, primeiramente precisamos aprender o significado do Amor, e segundo aprender a como ser uma pessoa amorosa. A escritora aprendeu o significado do Amor, já com os seus 25 anos de idade, para ela o Amor, é a "vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa." (hooks, 2020, p. 52).

A dimensão espiritual não está relacionada à prática religiosa, mas a compreensão de que somos seres integrais, constituídos de corpo, mente e espírito, como partes indissociáveis, assim crescer espiritualmente "aumenta nossa capacidade de sermos inteiramente autorrealizados e aptos a nos relacionarmos em comunhão com o mundo ao nosso redor." (hooks, 2020, p. 55).

Sobre a Comunhão Freire (2020) comenta que para ser mais é preciso que estejamos em contato com as pessoas, coletivamente em solidariedade, em prol de um mundo melhor, essa ideia também é compartilhada por bell hooks (2020) e Sobonfu Somé (2007), principalmente quando buscamos Amar em nossas relações junto a comunidade que pertencemos, escutando a sabedoria daquelas e daqueles que vieram antes de nós.

Para hooks (2020, p. 161) "comunidades alimentam a vida - não as famílias nucleares nem o "casal", e tampouco a dureza individualista. Não há lugar melhor para aprender a arte do amor que numa comunidade." Quando Freire comenta que a condição de oprimida/o nos afasta da humanização, e que por sermos inconclusas/os, estamos numa constante busca por completude e realização, percebo uma semelhança e também uma diferença com o conceito de Autorrecuperação de bell hooks (2019, p. 76), para a autora a,

Dominação e colonização tentam destruir nossa capacidade de conhecer o eu, de saber quem somos. Nós nos opomos a essa violação, essa desumanização, quando buscamos autorrecuperação, quando trabalhamos para reunir os fragmentos do ser, para recuperar nossa história" (hooks, 2019, p. 78).

Todo esforço do oprimido, do dominado, para desenvolver consciência daquelas forças que exploram e oprimem; com os esforços de educar para uma consciência crítica, para criar resistência efetiva e significativa, para fazer a transformação revolucionária. (hooks, 2019, p. 78).

À medida que nos Autorrecuperamos consolidamos a sensação de estarmos e sermos completas/os, e isso se relaciona com o fato de nos sentirmos pessoas livres da dominação, pessoas que podem Amar e ser Amadas, assim a Autorrecuperação pode ser definida como sendo,

bell hooks percorreu um caminho longo, e doloroso até encontrar o significado e o sentido do amor em sua vida, para isso ela precisou olhar para a sua infância, e refletir sobre a forma como foi tratada pela sua família. Assim, ela descobriu que podemos ser cuidadas/os, e que ainda assim, isso não é suficiente para realmente sermos amadas/os. Para ela, o amor possui vários ingredientes como: "carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade e comunicação aberta." (hooks, 2020, p. 47).

Geralmente acreditamos que quando investimos sentimentos e emoções em uma pessoa estamos amando-a, porém hooks (2020) chama isso de "catexia" o que é diferente de Amor. Muitas pessoas acreditam que pensar amorosamente em alguém e falar sobre o Amor que sentem, é uma demonstração legítima de Amor, contudo, hooks (2020) entende que não basta dizer que amamos uma pessoa se somos abusivos e nocivos com ela, que "o amor não pode coexistir com abuso." (hooks, 2020, p. 48).

Assim como bell hooks, acredito que precisamos desenvolver responsabilidade e comprometimento em relação à prática do amor, que amar consiste em lutar pelo fim da dominação e do abuso, portanto amar é um ato político. E isso, dialoga com a pergunta que você fez no seu texto, sobre o "Que podem fazer os revolucionários sem amor?".

Eu diria, que absolutamente nada! Porque apenas com Amor podemos dialogar, respeitar, cuidar e vislumbrar um mundo sem opressões e por mais que pensar e refletir sobre isso, me faça às vezes, me sentir inadequada ou até mesmo, esperançosa demais, o que não é ruim, acredito que é isso que nós, revolucionárias/os precisamos acreditar, em outros mundos, em outras formas de viver, já que o que temos hoje são as políticas de morte que despotencializam as políticas de vida e de Amor.

Querido colega, espero que o nosso diálogo sobre o Amor não se encerre aqui, me mande mais cartas se possível, e textos, quando puder. Inicialmente foquei em construir uma definição sobre o Amor a partir de bell hooks, dado que Paulo Freire não se aprofundou nesta parte, mas gostaria de me esforçar para pensar sobre o Amor na Educação, algo que o seu texto reflete.

Quero lhe agradecer pela paciência que você teve em esperar o meu texto, e entender as atribulações que me atravessaram nas últimas semanas, provavelmente se eu tivesse entregado meu texto antes, teríamos mais tempo para escrevermos sobre outras questões, mas tenho certeza que conseguimos teoricamente lapidar alguns pontos desse diamante bruto que é o Amor.

Por fim, quero compartilhar aqui, um trecho do livro de Paulo Freire que me fez sentir muito acolhida, me fez pensar todas as vezes que atribuíram a minha fala, a minha postura a falta de amor. Freire (2020) conseguiu mostrar que aquelas e aqueles que desamam são justamente as pessoas que não querem a transformação das estruturas de dominação da nossa sociedade, que eu feminista preta, acadêmica, mulher africana em diáspora Amo, porque luto por uma sociedade amorosa.

Abraço forte, com carinho,

Diônvera da Silva.

Pelotas, 10 de dezembro de 2021.

Como poderiam os oprimidos dar início à violência, se eles são o resultado de uma violência?

Como poderiam ser os promotores de algo que, ao instaurar-se objetivamente, os constitui?

Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão.

Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que oprimem como outro.

Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas se amam.

Os que inauguram o terror não são os débeis, que a ele são submetidos, mas os violentos que, com seu poder, criam a situação concreta em que se geram os “demitidos da vida”, os esfarrapados do mundo.

Quem inaugura a tirania não são os tiranizados, mas os tiranos.

Quem inaugura o ódio não são os odiados, mas os que primeiro odiaram.

Quem inaugura a negação dos homens não são os que tiveram a sua humanidade negada, mas os que a negaram, negando também a sua.

Quem inaugura a força não são os que se tornaram fracos sob a robustez dos fortes, mas os fortes que os debilitaram.

Consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor. (FREIRE, 2020, p.58-59).

Carta 3: de Wagner a Diônvera – É possível ser revolucionário sem amor?

Minha amiga, Diônvera,

Recebi sua carta em um momento em que estou encerrando alguns ciclos e iniciando outros. No início do ano parto aqui do Ceará em destino a Pelotas e sinto que esse distanciamento das pessoas e coisas que amo, pelo período do curso vai me ajudar a refletir sobre elas e sobre o Amar, que longe de ser apenas um sentimento é uma práxis, pois se fundamenta nela. Afinal, como amar sem comprometer-se, sem apresentar seu amor por meio de atitudes?

Poucas pessoas sabem mas durante um bom período da minha vida fui missionário de uma igreja evangélica. Percorri o interior do Ceará e tive contato com sertanejas e sertanejos do campo e das cidades, gente humilde, que chegava até mim em busca de acolhimento, segurança, diante de um mundo que mudava rápido demais e que no mais das vezes os desnaturalizava e os impedia de reconhecerem-se a si mesmos como protagonistas de suas vidas. Pessoas que me recebiam em suas casas como mais do que um familiar. Gente que aprendi a amar e trocar afetos, saberes e impressões das coisas de Deus e do mundo. Olha isso: um garoto negro, pobre, da periferia de Fortaleza, que vivenciara uma realidade tão diferente da realidade sertaneja, agora partilhava suas perspectivas, sonhos e apreensões. E vi que na instituição em que estava faltava amor: amor pelo povo que ia aos cultos, amor a tantos jovens como eu que se dedicava desinteressadamente a ir a locais tão distantes de casa e da família a serviço de uma igreja que afinal só via importância em bens e não nas coisas do espírito.

Foi por amor a essa gente que me desliguei de uma igreja que queria sempre mais, sem nada lhes oferecer em troca. Que exigia um compromisso de fé cega, julgando que àquelas pessoas, já carentes de tudo fossem também carentes do pensar. Foi daí que me lancei a um voo maior, acreditando que não se pode cuidar do espírito e descuidar do corpo. Foi quando retornei ao estudo e pesquisa, para encontrar formas de poder dar aquela gente o que estavam buscando. Me formei, vim trabalhar em uma universidade, estabelecida em pleno sertão semiárido, fiz mestrado e agora cursando doutorado, querendo sempre auxiliar a essa gente, sertaneja ou periférica, pobres, pretas e pretos a transformar sua realidade.

Retomo aqui essa parte da minha trajetória para te responder quando me perguntou “o que seria amor para você?” Foi nessa experiência que pensei. Porque para mim amor é entrega, é preocupar-se com a outra, o outro, sem esperar nada em troca. No evangelho, Jesus afirma que não existe amor maior do que aquele que o levava a dar a vida por seus companheiros. Aqui se funda o que acredito que seja amor: entrega. Então, quando ouvir Freire falar do amor, de como ele é indispensável para mudar, transformar o mundo, me vi novamente diante dessa opção de poder construir com as oprimidas e oprimidos um mundo novo, bem diferente deste, no qual impera o interesse e a ausência do amor.

Por isso é inimaginável que ao revolucionário falte amor. Não basta substituir uma opressão por outra. Escolher novas e novos opressoras e opressores. Porque para tocar na dimensão espiritual não nos pode faltar amor! Aqui concordo com hooks, a qual me apresentou aqui e a qual já vejo como uma referência importante para minhas reflexões. Diante da exacerbação do individualismo e, pisme, da religião individualista, precisamos investir nessa dimensão autorrealizadora da espiritualidade, afinal, a comunhão, o senso de comunidade, as atividades coletivas dão o tom de uma transformação revolucionária que pode interromper essa marcha da mercantilização da vida social.

Cartas sobre o Amor em Paulo Freire

Por vezes deixamos o Amor e Amar fora da sala de aula. A busca da neutralidade na ciência, a qual considero impossível acabou por relegar o Amor para o círculo pessoal e familiar, deixando-nos mais áridos e reservados em nossas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão. Mas é preciso AMAR para que possamos nos desarmar de nós mesmos para construirmos coletivamente o mundo novo, livre da dicotomia entre opressores e oprimidos. Pareço pessoal de mais aqui, relatando experiências e vivências, mas como fazer uma educação libertadora sem a presença de nós mesmos?

Precisamos ter em mente que quando Freire escrevia, no exílio, em plena ditadura militar era impossível imaginar que eu, você e tantos colegas pudéssemos chegar a universidade, ainda mais cursar uma pós-graduação. E nosso compromisso precisar ser este: transformar esse espaço de branquitude, elitizado, em um espaço nosso, pois não basta estar na universidade é preciso transformá-la.

Fazer, como dizia Guevara, pintar-se de negro, de mulato, de operário, camponês, que se pinte de povo. Reconhecer que avançamos muito, mas é preciso avançar ainda mais, a despeito do que desejam uns e outros, que não se conformam de ver a universidade tão diversa. Freire na Pedagogia do Oprimido escreveu que o professor universitário deveria declinar da sua condição de professor universitário para discutir com o povo como lhe parecem as universidades, nós, que chegamos aqui, não devemos declinar da condição de oprimidos para discutir essa universidade.

E aqui, inspirado por você ao deixar um trecho de Freire, deixo um poema. Que retrata um pouco do que sinto que estamos a realizar ou melhor, que precisamos realizar na universidade: tecer um amanhã.

Seguindo nas lutas! Abraços, saudações freirianas!

Wagner Pires.

Fortaleza, Ceará, 12 de dezembro de 2021.

Tecendo a Manhã

1.

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

2.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.
(NETO, 1994, p. 345)

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro | São Paulo: Paz & Terra. 2020.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa: volume único*. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade*. São Paulo: Odysseus, 2007.

Carta a meu bisavô Francisco das duas mortes

Wamberto Medeiros

De meu bisavô Francisco
Félix, que é dos Medeiros
Que viveu entre espinhos
Teve a sina dos vaqueiros
Quero descrever a sorte
Que lhe reservou a morte
Com 2 desfechos mateiros

Bisavô, te encontrei uma vez apenas, em sonho. Seu rosto era não humano, estando mais para um emaranhado de galhos de jurema preta, com cascatinhas de flores alvas e espinhos ferinos. Quando me chamou para debaixo da grande algaroba, senti medo de seu estado de assombração, mas pra lá fui deslizado sem dar um passo sequer.

No sombreado, me disse que há pouco tinha na mata encontrado um homem negro que levava consigo uma estranha viola. E disse também que ele te entregou um punhado de papéis amarelados, com cheiro de sereno e poeira, mostrando-me em seguida o presente. Como eram bonitas as coisas que aquele folharal amarelado nos revelou...

Achei esquisito quando o senhor contou que esse mesmo homem negro havia soltado um pio místico e se transformado em pássaro, fazendo o vento revoar com as batidas das asas. Quando acordei, senti saudade e tristeza por não ter te conhecido, e vontade de abraçar sua filha, minha avó.

Bisavô Chico, para te conhecer, evoquei-te através das memórias de tuas filhas. Através dessas memórias e de suas vozes já tão antigas, a elas também conheci melhor.

Nessas conversas de cadeira de balanço, algo de muito especial em tua vida me inquietou com força: você teve duas mortes, apesar de ter morrido apenas uma vez e de vez. Das Neves, a irmã mais velha contou-me, de olhinhos fechados e se balançando alto em uma rede, que o senhor foi devorado pela epidemia de peste bubônica que assolou o sertão dos carnaubais nos anos 40 do último século, matando tanta gente que os coveiros da cidade velha, também doentes ou mortos, não conseguiam dar conta de enterrar.

Já Do Céu, minha avó, a irmã mais nova, lembrou de seu corpo fraturado por um acidente que te derrubou nas pedras catingueiras quando você corria a cavalo atrás de um boi. Ela se lembra que você morreu de queda, de acidente.

Ouvir essas duas histórias misturadas me fez sentir uma estranheza parecida com a que senti quando estive com o senhor no sonho. Não procurei saber qual destas mortes de fato foi vivida, acredito nas avós suas filhas, preferi ficar com a estranheza.

Bisavô, quando você morreu, as avós eram criancinhas e a Bisa Otilia também não demorou a partir. A lonjura do tempo basta pra explicar memórias tão diferentes sobre sua morte? Acho que é preciso também considerar que, depois que o senhor morreu, em você pouco mais se falou. Por que será? Ainda acho que em nossa família se fala pouco de nossas histórias, de sua história e a dos antigos. Fico pensando se eu tenho a memória fraca por isso...

Acho que essa coisa de perder memória não acontece por acaso. Por saber que essas coisas acontecem com tantas histórias e gentes, penso que não é por acaso. Apesar de hoje conseguir reconhecer os sofrimentos e violências que estão ligados a esse tipo de desmemória, percebo que estão também relacionados, dão movimento aos jeitos de ver o mundo que nascem no coração sertanejo, dado ao mágico, ao fantástico, ao místico. Nesse jeito de ver, as pessoas podem morrer duas vezes, homens negros violeiros voam no meio da mata e o sertão vai virar mar. Esse jeito de ver é um caminho regenerativo das memórias.

Carta para future

Edilson de Jesus Santos

Olá, future! Espero que você esteja em segurança, respirando oxigênio produzido pela natureza e com menos poluentes no ar, que tenha água potável, árvores e outros seres vivos compondo a natureza da qual você faz parte. Infelizmente, duvido muito que isso possa acontecer, pois o Cistema econômico-político é extremamente destruidor de seus co-criadores. Aliás, criaturas e criadores se misturam há anos e já não sei mais o que pensar sobre essa merda, só sei que tem cheiro de sangue.

Talvez você não entenda nada do que está escrito, mas essa carta foi produzida às 11h do dia 10/07/2024, na cidade de Eunápolis no estado da Bahia, onde nasci e cresci. Sou profissional da psicologia, da educação técnica, do serviço social e da vida. Tenho 34 anos (completos há 5 dias), sou uma bixa não-binária e já não sei mais o que esperar de você que ainda está por vir.

Às vezes sou tomado por um pessimismo tremendo que me gera muito sofrimento, às vezes por esperança que me traz um pouco de alegria, esse afeto que foi conceituado por Baruch de Espinosa (Ética III, definição dos afetos) como "uma alegria instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida", às vezes pelo medo que, segundo o filósofo, é "uma tristeza instável que surge da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida" esses dois afetos podem ser problemáticos, pois nascem de uma instabilidade, de uma incerteza e seus desdobramentos criam as superstições e, conseqüentemente, algum nível de sofrimento.

Mas, isso talvez mereça uma outra carta que posso produzir quando tiver 44 anos ou quando você me responder e solicitar mais informações sobre o seu passado.

Gostaria que me enviasse uma carta de resposta para que eu não tenha mais dúvida sobre o que vai acontecer no seu tempo. Gostaria de me tranquilizar, mesmo duvidando disso, em relação às questões que atravessam meu corpo e os corpos de outras pessoas que são diferentes da idealização (impossível) de padrão de normalidade, mas que são também vítimas de violências que estruturam a sociedade em que estamos inseridos. Quando comecei minha graduação em Serviço Social, passei a fazer uma leitura mais crítica da estrutura social e das relações sociais, tenho me construído de outra forma e direcionado minha raiva para esse maldito sistema que insiste em sobreviver às custas de muitas vidas, inclusive à vida de nossa terra.

Ter acesso aos saberes é sentir como se várias lâminas afiadas atingissem meu corpo de uma vez só. Porém, é ao mesmo tempo liberta-dor. É ambíguo, difuso, conflitante, gera angústia, medo, raiva e pode gerar os opostos também, pois pode aumentar as potências de pensar, agir, existir e sentir, ou como diria o filósofo acima citado, o conatus. Nem sei se você terá acesso a leitura desse filósofo que viveu do ano 1632 até o ano de 1677, mas ele é fundamental para filosofia, para as ciências e para as psicologias. Penso na minha clínica com ele, assim como penso com outros pensadores.

Pois bem, quero que me diga a verdade, pois minha versão do passado quase desiste de chegar no presente que estou hoje, que será passado para você, porque é muito frustrante anos de batalha para continuar numa estrutura que se sustenta pelas desigualdades que produz. Evidente que hoje vivemos de uma forma diferente da que nossos pais viveram (meu pai já nem vive mais, foi morto por um câncer na tireóide no dia 05-08-2023, por negligência médica, por negligência do Estado, pela desigualdade social) e bem diferente das dos nossos antecessores.

Sei que o contexto deles era bem mais difícil e violento do que o nosso, pois a sociedade brasileira é extremamente conservadora.

Não sei se você está num cenário catastrófico, mas, desde o meu nascimento, tenho passado por situações extremamente traumáticas e isso tem um efeito devastador, pois me causa sofrimentos extremos ao ponto de ter crises de pânico e ficar com medo de morrer. Por falar em crises de pânico, o cenário atual é da ordem do trauma. Sim, há várias pessoas adoecidas psiquicamente por questões sociais. Veja bem, questões sociais adoecem as pessoas. Há quem diga que o sofrimento é individual, mas isso é questionável, pois, ainda que o sujeito consiga fazer escolhas, ele também é empurrado a fazê-las e, se for desviante das normas atuais (que nem são tão atuais assim), aí é que fica mais complicado. Sinceramente, meu eu do passado idealizou uma sociedade e agora o eu do presente precisa lidar com essa que não tinha imaginado. Sei que fui utópico, para não dizer que delirei, em pensar que viveria numa sociedade pós-racial, pós-gênero, pós-sexualidade, pós-identitária.

Digo isso porque ainda vivo numa sociedade extremamente racista, sexista, machista, LGBTQIAPN+fóbica, capacitista, etarista e que matam as pessoas de diversas formas. Sim, aqui no país Brasil, a população que mais é assassinada têm cor, classe, gênero e sexualidade ditas como desviante e isso me adoce, me deixa triste e ainda com muita raiva ao ponto de também desejar a morte dos outros. Se em algum momento eu amei a riqueza e a brancura, hoje eu as odeio porque sei que são o que são por terem pisado nos outros.

Esses dias estive em um quilombo chamado Volta Miúda que fica localizado no município de Caravelas, no estado da Bahia, e tive acesso a um espaço onde as pessoas eram feitas de tapetes por senhores e senhoras brancas. Sim, uma das lideranças disse que seus mais velhos relataram que as pessoas pisavam nas outras para não sujar seus pés de lama. Sem falar que esse espaço era de confinamento dessas pessoas escravizadas, nomearam essa estrutura de senzala. Quando escutei isso, fiquei com muito mais raiva e ódio de tudo o que aconteceu e dos desdobramentos disso. ⁸⁰

Esse país foi construído com muito sangue derramado, com muitas atrocidades, com muita violência e a gente luta para que isso não se repita. Por isso há uma esperança de minha parte e de outras pessoas também.

Esperamos, mas não parades, movimentamos do jeito que podemos e resistimos o quanto podemos para construir outra sociedade onde não precisamos lutar pelo básico para existir.

Há lutas pela existência, veja só que absurdo. Existir é um direito humano, mas nem todes conseguem porque são mortos ainda. Aqui dizemos que a bala perdida encontra um corpo específico para matar. Por falar nisso, esse quilombo e outros, tem passado por situações extremamente problemáticas, pois o capital insiste em querer retirá-los de suas terras, de seus territórios, de seus corpos. Ali, pedidos de ajuda, pedidos de socorro, pois a produção de eucalipto é um problema gravíssimo. Não que a planta faça algo com a população, mas quem a produz faz. Aqui pessoas são ameaçadas e mortas, porque há um desejo nefasto que mobiliza muita gente e gera muitos conflitos. Terra é poder, é conflito.

Então, future, me diga: como está a sociedade em que você vive? As pessoas ainda são mortas por serem quem são? Você respira oxigênio natural? Bebe água potável vindo de fontes naturais? As pessoas ainda se encontram, conversam, se divertem, escrevem cartas? Há guerras acontecendo? O Brasil parou de matar seus povos originários? Pessoas diferentes conseguem viver bem, aliás, sem discriminar a outra pelo tom de pele, pelo gênero, pela sexualidade, pelo corpo? Há muita miséria e fome? Como as pessoas estão vivendo? Há vida sem uso de medicações psicotrópicas? O uso de substâncias psicoativas foi descriminalizado? E o direito ao corpo, as pessoas que podem gerir a vida, já podem escolher se querem manter um feto dentro de si? Ou seja, o direito ao aborto já foi conquistado? Quais são as concepções políticas de quem está no poder? Existe ainda muita desigualdade social? Todo mundo consegue acessar direitos básicos à sobrevivência?

Já desenvolveram vacinas ou medicações para cura de câncer, do HIV e de outras patologias que destroem nossos corpos? Como vocês produzem alimentos? Vocês pensam o que do passado? Sabem que esse país foi um dos últimos a abolir a escravidão? sabe que as pessoas foram torturadas e mortas? Sabe que houve uma operação chamada Tarântula que perseguia, prendia, torturava e matava corpos trans? Sabia que construíram instituições para jogar as pessoas como lixo e lá torturavam com eletroconvulsoterapia? Como vocês fazem para lidar com as questões que os afetam? Ainda existem pessoas que são anti-vacina, anti-ciência? Pessoas que ainda defendem que a Terra é plana?

Eu não sei você, mas sou tomado por uma vergonha imensa quando lembro-me de ter vivido situações absurdas como essas. Esse país não se envergonha muito de seu passado desastroso e violento. Alguns deles até louvam torturadores, estupradores, abusadores, assassinos. Esse país, por 4 anos, foi desgovernado por uma pessoa que, para muitos, tem características de um perverso que pratica perversidade. Essa criatura falou e praticou atrocidades enquanto estava no poder. Espero que você não tenha passado por isso.

Me diz, a inteligência artificial tomou nossos postos de trabalho ou ela é apenas um recurso que pode ser utilizado de forma benéfica e a nosso favor? A IA responde por si ou ainda conseguimos controlá-la? No meu tempo foi produzida uma trilogia chamada Matrix e nele retratam uma guerra entre máquinas e humanos e os cenários são bem catastróficos. Por isso a preocupação com a IA. Gosto muito do que chamamos de ficção científica, porque, de algum modo, ela parece ser uma premonição, uma profecia, algo que nos diz como será nosso futuro, como chegaremos ao seu tempo. Nem tudo que a ficção produziu aconteceu, mas algumas coisas sim. Temo essa relação simbiótica com as máquinas que parece já acontecer atualmente.

Tenho apenas 34 e vi muitas mudanças acontecerem, minha infância foi completamente diferente das infâncias de meus pais, mas também tem sido muito diferente das infâncias de meus sobrinhos e dos filhos de meus primos e primas.

Enfim, future, quais são suas preocupações? Qual futuro você deseja?

REFERÊNCIAS

SPINOZA, Benedictus de. Ética III. In: CHAÚÍ, Marilena de Souza et al. (org.). Os pensadores. 3^a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.



Conversas tecidas no encontro entre academia e vida: o que as cartas fazem fazer¹ em psicologia?

Deborah da Silva de Souza e Laura Cristina de Toledo Quadros

Figura 1 – Bordado Conversas Tecidas²



Fonte: Autora, Deborah da Silva de Souza (2024).

1 Uma duplicação que a língua francesa preserva e que remete ao que nos faz agir. É ainda uma indicação contrária à noção de causalidade, pois desconstrói qualquer ideia de domínio na relação sujeito-objeto e vice-versa, trazendo simetria para o campo das relações (Prestrelo, 2017).

2 Descrição da imagem: Bordado feito em tecido de algodão cru. No centro da imagem, há um envelope de carta marrom com um papel saindo, escrito nele as palavras: “Conversas Tecidas”. Ao redor do envelope de carta flores em tons de rosa, amarelo e laranja. Por todo o bordado, vários pequenos pontos amarelos são tecidos. A mão da bordadeira, Deborah Souza, aparece no canto inferior direito da imagem, segurando uma agulha com linha amarela.

Querida Lorena e demais participantes do corpOralidades,³

Quantas histórias cabem numa carta? Quantas histórias cabem numa narrativa situada, localizada? Contar uma história é trazê-la à vida, é tecer conversas, é não esquecer do que somos feitas, é fazer ver o que não se via ao fazer proliferar versões de existência, é deixar pequenas, porém potentes marcas daquilo que compõe o ordinário do mundo. Porque “O vento apaga as pegadas das gaivotas. As chuvas apagam as pegadas dos passos humanos. O sol apaga as pegadas do tempo. Os contadores de história procuram as pegadas da memória perdida, do amor e da dor, que não são vistas, mas que não se apagam” (Galeano, 2016, p. 13).

Com o partilhar dessa missiva, endereçada a você e seu grupo de pesquisa, queremos contar a nossa história de como escrever e trocar cartas se transformou numa metodologia de pesquisa no nosso fazer psicologia, na tecitura entre vida e academia, narrando o que nos tocou, o que nos aconteceu (Bondía, 2002), o que nos afetou (Favret-Saada, 2005).

Para começar, achamos por bem lhes avisar que contar a nossa história não diz sobre um narrar autobiográfico, muito pelo contrário, pois nos afirma o pessoal como político, como bem nos apontam Vinciane Despret e Isabelle Stengers (2011). Afinal, o que nos acontece fala de uma conjuntura, de uma realidade que nos perpassa e que diz também de outras além de nós.

Diante disso, não estamos falando da interioridade de um eu, de um pessoal como um individual, e não temos o intuito de fazermos um arroubo romântico, ou de trazermos um mero exemplo ilustrativo de uma teoria. Ao apostarmos no pessoal como político, estamos narrando histórias que possam contar outras histórias, que possam tocar outras narrativas. Ao convocarmos memórias, trajetórias, lugares, tempos, estamos compartilhando vivências que possam fazer sentido para outras vidas, que possam bordar o “nós” que nos habitam.

3 Carta endereçada a Lorena Schalken, doutora em Psicologia, professora da Universidade da Amazônia e coordenadora do projeto CorpOralidades - Grupo de pesquisas gestálticas em saúde e corporeidade.

E tem maneira melhor de coser o “nós”, de tecer uma conversa, de contar uma história do que escrevendo uma carta? Para nós, “A carta transborda afetos, carrega emoções, faz laços e gera proximidades, permitindo ao legente entrar na sua escrita, na sua história” (Souza, 2023, p. 38). Diante disso, para principiar a conversa, puxamos, então, um primeiro ponto: o das heranças. Afirmamos que a herança é algo do qual não podemos simplesmente nos desfazer (Despret, 2004; Quadros, 2021).

Nesse sentido, vale partilhar que somos herdeiras da arte milenar do crochê, da costura e do bordado, e levamos a missão de integrar nossa ancestralidade - de mães, tias, avós, bisavós, de mulheres artistas, sábias, corajosas, de mulheres que possuem em si a estranha mania de terem fé na vida, de mulheres que compõem seus fazeres cotidianos artesanalmente - em outras áreas do conhecimento. Temos mais algo em comum: somos as primeiras mulheres, das respectivas linhagens, a ingressarem na universidade.

A academia, por vezes, não é generosa, acolhedora com as mulheres e, mesmo pertencendo a gerações diferentes, fomos atravessadas por isso. Portanto, pode ser um lugar solitário e hostil. Porém, falamos hoje de dentro de uma universidade pública - UERJ - que foi a primeira a implementar o sistema de cotas no país, pioneira em acolher as minorias, e isso já nos deslocava a não nos sentirmos sozinhas. Fomos compreendendo que povoando, tecendo juntas é que as histórias ganham corpo, que as conversas fazem sentido, ganham vida.⁴

Assim, nos acompanhamos numa parceria entre orientadora, Laura Quadros, e orientanda, Deborah Souza, que já dura mais de 10 anos, onde entrelaçamos nossas heranças e respeitamos nossas versões de narrativa: o que cada uma trazia no costurar entre academia e vida?

⁴ Fazemos referência à música Maria, Maria, de Milton Nascimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r1bBD4f3MTc>. Acesso em: 24 nov. 2022.

A orientadora utiliza a metáfora da artesanaria para compor seu método de pesquisa (Quadros, 2011), sua forma de ser docente, pesquisadora, psicóloga clínica, em outras palavras, de ser artesã de vidas. Ou seja, um modo de fazer que não tem a pretensão de produzir em larga escala, mas que segue na aposta de que é preciso - e possível - firmar uma construção que seja ética, sensível, artesanal, uma constituição que tenha personalidade, bem como rigor científico.

A orientanda, “filha da cota”, herdeira de mulheres artesãs e de homens serralheiros, descobriu que a artesanaria, da oficina de serralheria, ensina sobre fazer desvio naquilo que se mostra rígido, realizando curvas e movimentos, subvertendo, com criatividade e boniteza diante de algo pouco flexível, que é o ferro, mas que é justamente isso que traz resistência e sustentação aos trabalhos com esse tipo de material. Falar de onde viemos torna-se necessário politicamente, pois “Nomear é como eu faço minha presença conhecida, como eu afirmo quem e o que eu sou e como quero ser conhecida. Nomear a mim mesma é uma tática de sobrevivência” (Anzaldúa, 2017, p. 410).

Voltando à meada, puxamos outro fio e tecemos um segundo ponto para continuarmos com a conversa: o de “ficar com o problema” (Haraway, 2023). Se, atualmente, podemos escrever em primeira pessoa, compor maneiras de subverter pesquisas e escritas acadêmicas - como através da escrita de missivas -, fazer psicologia de uma forma um tanto transgressora, é porque algumas “fazedoras de histórias” (Despret; Stengers, 2011) semearam, cultivaram e fizeram florescer um caminho em que, antes, era apenas um solo árido, um material duro, rígido. Quando a orientanda quis construir uma dissertação, em 2017, através da escrita de cartas endereçadas aos atores do seu campo de pesquisa, tendo como tema de investigação o brincar na cidade, a orientadora sustentou a aposta, ficou com o problema, pois “Trouble⁵ é uma palavra interessante.

⁵ Refere-se ao título original em inglês do livro *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene* (Haraway, 2016), que em português foi traduzido para *Ficar com o problema: Fazer parentes no Chthuluceno* (Haraway, 2023).

Ela deriva de um verbo francês do século XIII que significa agitar, instigar, enturvar, perturbar. [...] Nossa tarefa é criar problemas, suscitar respostas potentes a eventos devastadores, e também acalmar águas turbulentas e reconstruir lugares tranquilos (Haraway, 2023, p. 13).

A orientanda ouvia da orientadora que fazer ciência não precisava ser lugar de sofrimento, mas sim de vivência, de potência e, por vezes, com um fiapo de sobrevivência. Os moldes duros da academia, de uma escrita neutra, já não faziam parte do trabalho da orientadora e de seu grupo de orientação. O lugar que a orientanda habita, uma comunidade chamada Caramujo, localizada em Niterói (RJ), em certa época, passava por momentos turbulentos com as cartas, onde não recebíamos - e ainda não recebemos - as correspondências em nossas casas. A partir da não entrega das missivas pelos Correios, por motivos de morarmos “em área de risco”, como diziam os carteiros, vários movimentos de subversão foram feitos pelos moradores para que pudéssemos continuar tendo acesso às nossas cartas. Movimentos que passaram por: cartas sendo deixadas na padaria que fica no centro da comunidade; cartas sendo colocadas em caixas de papelão pelas calçadas; idas constantes à sede dos Correios acompanhadas de pedidos para que a situação mudasse; até chegarmos ao serviço do Correios Popular, sendo ofertado até o presente momento (2024) pelos próprios moradores da comunidade. Desvios que encontramos enquanto comunidade - coletivamente - diante do que nos é imposto, mesmo que paguemos nossos impostos. Na dissertação (Souza, 2019), contamos mais sobre essa história:

Segundo o artigo 9 da Lei número 6.538/78, que dispõe sobre os serviços postais, as cartas e telegramas são de monopólio dos Correios e sua responsabilidade de entrega em território nacional. Mas seria qualquer território? A partir do momento em que somos considerados moradores de um local de risco, corremos o risco de uma lei, uma política de entrega de cartas ser deixada de lado, sermos deixados de lado e encontrarmos ajustamentos criativos para tal situação. Agora temos uma nova saída, o Correios Popular. Até quando? Eu não sei. Mas é importante pensar como nos articulamos diante de tal situação, burlamos uma lei, ou encontramos uma saída fazendo desvios diante do que foi

estabelecido, mas que não se encaixa ao que está à margem. É então que seguimos novas brechas que permitem acolher as nossas necessidades. A carta me mostrou o que ela faz fazer dentro da comunidade. Assim como me mostrou o que a comunidade sabe fazer com isso, afirmando que pode resistir a respeito das adversidades, em busca de ferramentas que fazem agir. Mas o que as cartas fazem fazer dentro da academia? Dentro de uma dissertação? Não temos uma resposta, temos aqui uma aposta também arriscada, mas como discorreremos mais adiante, não é uma aposta solitária (Souza, 2019, p. 13-14).

Posto isso, construímos uma dissertação repleta de cartas. Seguindo com um fazer ciência que abarca um enfoque não-moderno, nos afastamos de generalizações e nos permitimos ir ao encontro de uma ação que não é destituída de afetação, chegando, assim, a alguns desdobramentos:

Através da escrita de cartas, é possível perceber formas de pesquisar mais devagar, de fazer ciência lentamente, dando passagem para a vida se mostrar na escrita, um caminho para que a vida invada a academia, se mescle nela, se faça usar dela. Formas de resistir e explorar novas direções em construir pesquisas em Psicologia, e isso não diz apenas sobre os métodos e formas de fazer ciência que queremos produzir, mas o que queremos ser, escapar, resistir. [...] Afinal, defendemos uma política de escrita que não nos traia, que não retire de nós a sensibilidade com a qual transitamos no mundo e, sobretudo, que transcenda a dicotomia ciência e arte, uma proposição não moderna (Souza; Quadros, 2019, p. 247-253).

Desse modo, escrever cartas em um trabalho acadêmico não é no intuito de querermos apresentar uma metodologia criativa, bonita, um tanto romântica e poética - apesar de acreditarmos que ela seja também tudo isso.

Entretanto, ao construirmos uma metodologia de pesquisa e de escrita com as cartas é, sobretudo, nos lançarmos numa aposta/proposta política que emergiu do próprio campo habitável pela orientanda - um chamado da pesquisa. Acompanhamos as brechas abertas, os deslocamentos, os fazeres artesanais que os moradores realizaram para que as cartas continuassem chegando até nós, para que continuássemos fiando a nossa re-existência - dizendo: Estamos aqui! O que pareceu combinar com o que estávamos buscando tecer academicamente: a resistência aos modos modernos de fazer uma escrita acadêmica, destituídos de afetação, distanciados, supostamente neutros; a existência de modos outros de fazermos ciência, mantendo o rigor científico, mas apostando num fazer vivo, sensível, afetado, inventivo. Assim, ficamos com o problema dentro e fora da academia, e continuamos seguindo com ele, pois nos deparamos com uma pandemia.

Diante do primeiro ano pandêmico, que ocorreu no segundo ano de doutoramento da orientanda, era preciso desviar o trajeto previsto, encontrar maneiras outras de pesquisar, de existir, de lidar com os desafios e unir fios que poderiam nos sustentar. Com isso, chegamos no terceiro ponto: o do encontro entre arte, ciência e psicologia.

Os movimentos subversivos com as cartas, desde o mestrado, as produções artesanais que herdamos de nossas famílias - especialmente, o bordado - não precisavam mais ficar apenas nas bordas, na periferia, esses fazeres poderiam assumir um lugar central, com o protagonismo devido numa tese de doutorado. Visto que, “Uma pessoa sempre escreve e lê do lugar onde seus pés estão plantados” (Anzaldúa, 2017, p. 421). Dessa maneira, a tese “Cartas que transbordam: subversões tecidas no fazer psicologia com arte” (Souza, 2023), cada vez mais foi saindo das fôrmas e ganhando forma e força, através das correspondências com o campo.

Assim, a utilização das cartas como metodologia de escrita e pesquisa precisou ser ampliada. Por isso, fizemos uma nova aposta arriscada, mas não solitária. Com o afastamento dos corpos diante do momento pandêmico, a “metodologia de troca de cartas” (Souza, 2023) se apresentou como possibilidade de sustentação de um estudo, de aproximação de afetos, de sentidos, de memórias, de tempos, de histórias sobre arte, psicologia, ciência, sobre vida.

Por meio de uma carta-convite enviada pela orientanda, oito mulheres participaram da investigação, onde escreveram cartas contando suas histórias sobre o sentido da arte em suas vidas. Mulheres psicólogas, mulheres que foram clientes de um grupo psicoterápico, mulheres estagiárias de psicologia, mulheres artistas, mulheres que nem passaram pela academia. Mulheres que construíram artesanalmente e generosamente uma tese, arteiras com as palavras e pela vida. Diante do transbordar das trocas de cartas, em que conversas foram tecidas - pela pesquisadora, pelas participantes -, “Aprendi que pesquisar com cartas não é, de modo algum, inocente, pois é uma escolha política de fazer transbordar pequenas histórias que, por vezes, ficam escondidas nas bordas da vida” (Souza, 2023, p. 183). Logo, que possamos seguir com a curiosidade de saber quantas histórias cabem numa carta!

Escrever cartas numa dissertação e numa tese, nos fez reafirmar outras formas de fazer ciência, legitimar múltiplas existências, tramar linhas escritas em nossos trabalhos como um espaço de resistência, nos fez ainda retomar o que nos ensinou Glória

Anzaldúa (2000) ao alertar a importância de “[...] reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia” (p. 232). Isso nos faz dar corpo e transbordamento aos encontros conosco, com o outro, com o mundo. Nos faz fazer, agir, pensar, sentir, pesquisar, escrever.

Assim, Lorena e colegas, desejamos que a nossa história com as cartas possa chegar até vocês e fazer reverberar outras versões de histórias suas com as missivas no fazer psicologia. As trocas de cartas, assim como um bordado, convocam as continuidades, as reticências, num ponto que se desdobra em outro ponto. Portanto, esperamos continuar tecendo outras conversas com vocês, no entrelaçar entre academia e vida...

Com todo afeto,

Deborah da Silva de Souza
Laura Cristina de Toledo Quadros

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 1, s.n., p. 229-236, 2000.

ANZALDÚA, Gloria. Queer(izar) a escritora - Loca, escritora y chicana. In: BRANDÃO, Isabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília (orgs.).

Traduções da Cultura. Perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL, Editora da UFSC, 2017. p. 408-425.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 19, p. 20-28, 2002.

DESPRET, Vinciane. Our Emotional Makeup: ethnopsychology and selfhood. New York: Other Press, 2004.

DESPRET, Vinciane; STENGERS, Isabelle. Les faiseuses d'histoires. Que font les femmes à la pensée. Paris: La Découverte / Les Empêcheurs de penser en rond, 2011.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". Cadernos de Campo, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.

GALEANO, Eduardo. O caçador de histórias. Porto Alegre: L&PM, 2016.

HARAWAY, Donna. Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 Edições, 2023.

HARAWAY, Donna. Staying with The Trouble. London: Duke University Press, 2016.

PRESTRELO, Eleonôra Torres. Histórias que (nos) contam: o encantamento dos dias de uma "vida vivida". 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil, 2017.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo. A construção artesanal do fazer clínico na psicologia. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2011.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo. A construção artesanal do fazer clínico na psicologia: percursos, fios e desafios de tornar-se terapeuta. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

SOUZA, Deborah da Silva de. Cartas de uma jovem pesquisadora acerca do brincar na cidade: um estudo COM o campo. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2019.

SOUZA, Deborah da Silva de. Cartas que transbordam: subversões tecidas no fazer psicologia com arte. 2023. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SOUZA, Deborah da Silva de Souza; QUADROS, Laura Cristina de Toledo. A escrita de cartas como uma aposta teórica, metodológica e política no fazer pesquisa em psicologia social. In: QUADROS, Laura Cristina de Toledo; MORAES, Marcia Oliveira; BONAMIGO, Irme Salette (orgs.). Pensar, Fazer e Escrever - O PesquisarCOM como política de pesquisa em psicologia. Chapecó: Argos, 2019. p. 223-258.



Cartas de uma jovem psi: sobre as delicadezas dos (des)caminhos da clínica

Taynara da Glória Martins e Bruna Pinto Martins Brito

Introdução

O presente escrito é fruto de relatos vívidos e vividos em múltiplos cenários formativos, enquanto estudante-extensionista-pesquisadora-psicóloga e muitos outros que nos habitam. Desse modo, o presente trabalho se refere à análises de trabalhos realizados ao longo dos últimos anos de graduação em Psicologia na Universidade Federal Fluminense (UFF) no município de Campos dos Goytacazes/RJ, destacando-se o estágio de Psicanálise Implicada em Redes no Serviço de Psicologia Aplicada (UFF/ Campos) sob supervisão da co-autora deste texto. Além disso, também iremos trazer o início de nosso percurso profissional, enquanto, especializando no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), polo Buritizeiro/MG e Psicóloga clínica orientada pela psicanálise, com ênfase gênero, sexualidade, racialidade e mulheridades. Realizando, desse modo, no entre espaços, deslocamentos e (re)começos.

Desta maneira, lançaremos luz sob as nossas múltiplas inserções e processos acompanhados, considerando a fundamentalidade do vínculo, afeto e presença na constituição do cuidado. O presente escrito se coloca então como veículo de retorno para os abraços não devolvidos e mensagens não enviadas para alguns dos sujeitos que a mim compuseram, mas cujas barreiras institucionais, bem como o medo do ridículo e excesso do pensar, me impediram, de algum modo, de ofertar notícias.

Além disso, como atuais encontros, de algum modo, me transportam a locais já conhecidos, mas sobretudo novos. Encontrando diariamente as potencialidades e desafios da atuação psi, nos diversos espaços, bem como as vulnerabilizações e potencialidades existentes nos múltiplos territórios.

Deste modo, este texto não se vincula, diretamente, a nenhuma escola/categoria de ordem teórica, mas sim de narrativas afetivas direcionadas, que, de algum modo, ecoam e produzem ecos nas elaborações realizadas. Assim, aqui, não se define como objetivo a realização de estudos de casos ou casos clínicos, muito menos se pretende tal processo. Posto que o conteúdo aqui narrado aponta para a produção do que, em diversos momentos, habita na marginalidade da escrita e produção do que se considera, amplamente, acadêmico. Contudo, tal proposta diz respeito a uma aposta (im)possível, que visa, sobretudo, dar notícias dos caminhos que andamos e dos sujeitos que genuinamente nos acompanham e acompanharam, bem como do novo que me apresento e concomitantemente se apresenta.

Assim, contamos com cartas-mensagens para Tadeu e Nero,- nomes ficcionais, sujeitos cujo os encontros me atravessaram e puseram questões quanto às possibilidades e desafios da escuta. Vale ressaltar, que é apenas agora, certo tempo depois, que me proponho a escrever. Sendo, portanto, cartas do período de estágio (2023), mas que estão sendo possíveis de ser escritas apenas agora como residente, não sendo, portanto, relato de experiência de nenhum acompanhamento atual realizado no âmbito da residência supracitada.



CARTA I: Ao Tadeu

Buritizeiro, 20 de Junho de 2024

Querido, Tadeu

Ouvi direito? O que estou relatando é o que ouvi? A dúvida e a culpa me colocam em dívida com o que ouvi e com o que relato. Entretanto, insisto que sempre estive inteira no momento da escuta. Contudo, a escrita me deixa em profundo estado de desesperação, pois a letra não agarra tudo o que o corpo diz. Na escrita faltam os gestos, os olhares, a boca entreaberta de onde vazam ruídos e não palavras. No registro da letra também faltam o tremor do choro e o rasgo do riso, a fala suspensa foge da escrita. (EVARISTO, 2022, p. 9)

Querido Tadeu, escrevo essa carta como quem busca, de algum modo, lembrar, traçar, ou até mesmo findar um processo cuja interrupção repousou no até breve. Nossos encontros compuseram significativa abertura para a transformação de locais endereçados, especialmente a você. Considerando, Tadeu, que nossos encontros se deram da iminência do urgente, local que por vezes te foi direcionado como único modo possível de habitar o mundo.

Anteriormente ao nosso encontro, pouco ou quase nada eu sabia sobre você, sujeito cuja a história tentaram, em diversos momentos, definir via diagnósticos, bem como informações de tudo aquilo que de algum modo te apavorava e você tentou manter no silêncio. Tendo sido a brincadeira o veículo principal para condução e construção de nosso vínculo, sabendo que o mesmo verde que escolhera como sua cor favorita, era o verde da esperança nos dias melhores junto à família que construirá para si, mesmo que da mesma não houvesse notícias ou personificação possível.

Desejei questionar, e assim o fiz em determinados momentos, a encomenda realizada institucionalmente, de solução para o comportamento considerado problemático.

Na medida em que você me permitiu entrada e me mostrou os impactos do racismo e violências físicas e simbólicas que o acompanhavam, bem como produziam efeitos no acesso ao cuidado e afeto. Dessa maneira, ao decorrer do tempo foi possível perceber deslocamentos, em especial a partir do momento em que você tomou a palavra para si e por si. Inicialmente você habitava o não querer falar, bem como não gostar de falar e mais, o não poder falar. Sendo o silêncio, ou melhor, o silenciamento, uma marca.

Com isso, querido, foi pela fala que seu suposto comportamento problemático deu lugar e passagem para compreender as violências que ecoam e se fazem presentes em sua vida. Mas sobretudo, como você criou espaços estratégicos de cuidado. Me permitindo acessar alguns deles ao abrir espaço para o diálogo direto e sem interações lúdicas, onde passamos a caminhar, retornar e recomeçar a discutir o que você se sentia, como foi atravessado por tantas violências e como entendia a dinâmica em que as coisas se desenrolaram e o afetaram.

Desta forma, Tadeu, você me permitiu a entrada em sua família, escola e amigos. Em seus afetos. Me mostrando sujeitos catalisadores de afetos e desafetos, na medida em que colaboraram para violências vividas por você, tendo sempre que tudo perdoar e esquecer. Tal cenário despertou em mim a delicadeza e intensificação de um compromisso ético-estético-político de não (re)produção de violências em nosso espaço de cuidado. Compreendo o quão custoso lhe era o movimento de reconstituição de processos há muito “esquecido”, bem como a exigência de narrar incansavelmente tudo, sempre.

Se te escrevo, Tadeu, é para de algum modo poder (nos) dizer o quanto sua doçura e afeto possibilitaram acessar locais inimagináveis.

Sendo você um adolescente doce, carinhoso e extremamente comprometido com a vida, não sendo permitido, enquanto locus permanente, a habitação, enquanto modo possível de existir, da raiva, cuja morada, por muito tempo lhe possibilitou existir no entre da coabitação do nascer do ódio e se forjar na raiva. Entender tal processo, me levou a olhar com mais carinho para tal afeto, compreendendo que o ódio que possuía do outro, mas também, e sobretudo, de si, dizia do local de obrigação de precisar superar tudo, não podendo falar do que sentia ou como se sentia. Tendo sido retirado do local que se sentia pertencente, apartado do seio familiar, afastado dos irmãos, mesmo habitando a mesma instituição, tal cenário significava como impossível qualquer possibilidade de vida e recomeços.

Deste modo, Tadeu, podendo acompanhar seus processos e deslocamentos, foi possível perceber a nossa mudança. Digo nossa, na medida em que você me ofertou o borrão do enredado para cuidar e ser cuidado, construído via tensionamento, afeto, acolhida e trocas. Foi com você que aprendi a jogar Cara a Cara, Uno, bem como ver beleza para além das letras em nossas pinturas e desenhos. Desse modo, meu bem, te vi florescer, partindo do local de criança monossilábica, que deixava alguns rastros via desenho, mas nada podia dizer, para o adolescente que se (re)afirma e diz da potência que encontra no processo, na medida em que compreende que tal espaço o assegurava a possibilidade de falar, sentir, questionar, bem como compreender a legitimidade do que sentia.

As palavras aqui registradas, não conseguem abarcar a imensidão da potência de nosso encontro em tal plano, mas de algum modo as utilizo para não me esquecer da “minha criança”, bem como me alegrar com o jovem do qual me despedi. Despedida marcada pelo até breve, mas que com o tempo se materializou em um encerramento.

Isto posto, não conto com a garantia de que minhas palavras o encontrarão em algum momento, mas que elas dizem da aposta que pude constatar de um adolecer possível, investido de afetos e criação de autonomia. Mas te ver sem perder sua doçura e desejo quanto à adoção e encontro de uma família possível, onde possa haver acolhida e não violência. Tal desejo, por vezes me pareceu fantasia, na medida em que você, por mais que vivenciando os processos engendrados pelo racismo e seus impactos, em alguns momentos não pode se atentar ao fato de que o racismo enquanto elemento estruturante e estruturador de uma política de morte, seu corpo é alvo.

Assim, Tadeu, te desejo sorte, bem como muito amor e tudo que há de bom, e sobretudo, tudo que você merece e deseja.

Com carinho, Taynara.

CARTA II: Sobre e Para Nero

Buritizeiro, 15 de Junho de 2024

Nero,

Querido, Nero, falar de você, com você e em especial, para você, se apresenta enquanto um grande desafio. Te encontrei no desejo e curiosidade de iniciar uma nova etapa, em que ouvindo uma parte de sua história, me vi convocada a acompanhá-lo e conseqüentemente ser acompanhada.

Desde o início, o trabalho apontava para além da disponibilidade afetiva, a flexibilidade de tempo, na medida em que você, sujeito do impossível, o tempo inteiro me encomendava presença mais que constante. Vale dizer de você enquanto um sujeito, com vivência, como aponta Neusa Santos Souza (2023), em que “a experiência é de ruptura, e a condição trágica ... dominado por um impossível de suportar, ao mesmo tempo que insiste em viver, ao mesmo tempo que persiste em aguentar” (Souza, 2023 p.121).

Confesso para você que a intensidade inicial reverberou em uma escuta inflamada, posto que recente a minha chegada, suas demandas eram intensas e os encontros realizados mais de uma vez por semana. Dessa maneira, após perceber que tal processo poderia ser possível, titubeio em relação a tal escolha, em especial dados compromissos outros firmados outrora que poderiam sobrepor tal necessidade. Entretanto, concomitante a minha entrada, há o fortalecimento do Acompanhamento Terapêutico (AT), sinalizando um importante aporte para o trabalho que seria realizado na clínica, bem como espaço fundamental para trabalho de questões outras que de algum modo ultrapassavam o espaço e relação estabelecida na clínica.

Deste modo, você me mostrava um caminho de intenso sofrimento, em especial com os processos vivenciados no que diz respeito a sua família, posto que sempre que possível marcaram sua presença enquanto um problema a ser suportado. Dessa maneira, a significação adotada por você no que diz respeito a angústia e tristeza sentidas e vivenciadas, sempre flertavam com o locus de subalternidade do sentir para sua família, posto não ocuparem posições de preocupação ou legitimidade. Com isso, Nero, te vi sofrer por não conseguir compreender a dificuldade da sua família em dar lugar a seu sofrimento e em especial, sua angústia. Assim, você me apresentou o lobo solitário.

Nero, você me dizia sempre que, enquanto lobo solitário, sem mãe, sem pai e sem outros irmãozinhos-filhotes para ofertar amor, sua única saída era a morte. Por muito tempo você insistiu na escuridão, afirmando que não haviam mais portas e janelas para tal lobinho abandonado, sem ninho, afeto e carinho, vivendo, de modo angustiante, a solidão de sua existência. Elemento que só foi possível de ser deslocado a partir da criação de espaços outros para serem ocupados, bem como de novos seres a serem assumidos.

Me recordo, querido, que após alguma conversa de corredor, conheci uma ótima história, que posteriormente te apresentei. Era a história do camelo valente, mas pouco astuto. Desse modo, Nero, você parte da compreensão do camelo que tudo suporta acreditando ser forte, mas muitas vezes está em posição de sobrecarga, enquanto o lobo solitário permite passagem para pequenos casulos que com o tempo tornaram-se borboletas e conduziram vida nas entrelinhas do sentir, em especial do criar e inventar. Tendo sido uma importante ferramenta a criação de cenários e cenas que possibilitasse o movimento, buscando saídas do encerramento dado como regra inicialmente.

Neste cenário, em nossos encontros, conforme as temáticas circulavam, no movimento de fechamento e redução, mas também de abertura, sendo entre idas e vindas que seguimos buscando caminhos (im)possíveis frente ao encerramento e solidude. Contudo, Nero, ao decorrer do tempo, pude observar os contornos, consistências e inconsistências que o compunham, que ao buscar por pistas, foi encontrando portas e caminhos. A partir de sua busca por autonomia financeira, mesmo frente a curatela que lhe é imposta e dependência cronicada de familiares, você sempre buscou "dar seus pulos", como costumava dizer.

Para mim, sempre fora admirável a tentativa e investimento em tal processo, por mais que considerasse a não responsabilização da sua família em relação a compra de medicamentos e demais necessidades um processo de negligência com impactos significativos. Reverberando em algumas intercorrências no que diz respeito a idas à emergência psiquiátrica por ausência de remédios, bem como desencadeadas por urgências subjetivas advindas de tal contexto.

Sua existência sempre me pareceu para além de singular, controversa e irreverentemente, única. Comportando as marcas da institucionalização, mas nunca se rendendo por completo a elas. Narrando os (des)caminhos nos manicômios físicos e existenciais, você apostava nas cores de Frida Kahlo, nos achados de Freud, mas também e sobretudo na sua paixão pela arte, natureza e o amor, elemento que ao mesmo tempo o parasita mas também movimenta.

Algumas Reflexões para seguir: o apagar das luzes com o fim do estágio

Tal trajetória aponta para uma marca, a saber, a da loucura e o cuidado destinado a mesma. Desse modo, compreender o encontro com a loucura, ou melhor, com a tentativa de produção da mesma, abre espaço para compreensão dos múltiplos processos de mortificação vivenciados por ele, bem como as marcas deixadas pelos manicômios físicos, que ao soterrar sua infância também minam sua existência para além de tal espaço. Dessa maneira, Nero sempre retoma sua história e narra o vazio de não ter vivenciado momentos outros com sua mãe, bem como não ter conhecido seu pai, especialmente em períodos e datas simbólicas como feriado de dia das mães, dia dos pais, páscoa, finados, natal e outros.

Desta maneira, tais faltas são elementos recorrentes no trabalho clínico, desvelando sistematicamente a necessidade de sentir-se amado e receber afeto, tomado assim, por uma angústia devastadora que o encaminha para a morte. Por mais que constantemente Nero solicite ser internado em algum manicômio, narra ideação suicida ou recorre a tentativas de suicídio, porém, o elemento condutor que o auxiliou e apresentou contornos, foi a retomada dos fios da vida, sendo os mesmos, portanto, indispensáveis e cruciais no manejo clínico, através de saídas, com portas abertas com Freud, Nise da Silveira, bem como Frida Khalo. Sua capacidade imaginativa e movimentações metafóricas permitiram que tal processo fosse mais sustentável e menos doloroso na medida do possível.

Acompanhar tal processo demandou corpo, bem como atenção, na medida em que a angústia narrada sempre vinha acompanhada de uma amplitude capaz de capturar, bem como paralisar temporariamente o ato da escuta. Angústia essa revertida, em determinados momentos, no insuportável.

Deste modo, foi necessário compreender que tal movimento apontava também para uma diferenciação realizada socialmente que reverbera em seu isolamento, do mesmo modo que apontava para seus vínculos familiares adocedores e inexistência de outros espaços para escuta. Abrindo, assim, espaço para a problematização do que é entendido e legitimado enquanto cuidado em terras Goitacá, posto que o manicômio, por excelência, é locus de estabelecimento de mortes físicas e existenciais. Para mais, aposta no caminho de manutenção da produção e reprodução da dissidência existencial do louco enquanto desvio, posto que como números, quando existem via Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID), carregam prontuários que revelam um projeto alinhado à manicomialização de corpos supostamente desviantes e disponíveis ao silenciamento, invisibilização e morte.

Entretanto, realizando o movimento de uma proposta-aposta em uma experiência, cuja compreensão do afeto enquanto política de cuidado está presente, acompanhamos os deslocamentos realizados quando sustentamos a cena conjunta. Nero agora experimenta diversas situações em que opera sua autonomia sobre a rede: se afirma sujeito a partir da sustentação do próprio desejo. Dessa forma, percebemos a autonomia e potencialidade do acompanhado, garantias importantes para o cuidado terapêutico, identificando as potencialidades e deslocamentos realizados via AT, na medida em que atuamos na contraposição do cuidado colonial e manicomial.

Além disso, é no apagar das luzes, juntamente com o encerramento do estágio e monografia que me pego pensando no espaço físico e simbólico do SPA para o município, bem como para a formação psi enquanto uma clínica-escola. Dessa forma, realizando algumas reflexões acerca de tal espaço enquanto local político, que afeta e é afetado na dinâmica de produção de saúde e cuidado.

Deste modo, Fam e Neto (2019), salientam a importância de se considerar o enlace entre formação e ação social, pois o mesmo pode ser fundamental na medida em que se investe no espaço da clínica-escola para além do local de utilização de conceitos, métodos e teorias na vivência prática do fazer psi, mas também e sobretudo, de locus privilegiado para a articulação entre teoria-prática e ensino-pesquisa-extensão. Importante dizer que, mesmo ocupando locus privilegiado na formação e fazer psi, poucos estudos foram realizados no que tange às clínicas-escola de Psicologia e mais especificamente acerca das problematizações e formas possíveis de ocupar tal espaço.

Isto posto, consideramos a escassez de produção teórica em tal campo como fruto de uma postura tradicional do fazer psi, na medida que os sujeitos atendidos encontram espaço via casos clínicos, restando a discussão e problematização do espaço e práticas, locais desabitados da preocupação e produção teórica. Dessa forma, problematizar o serviço em que as cenas de práticas e trabalho são realizadas constitui-se enquanto elemento central na discussão do processo e modos de cuidado.

O que poderia ser, portanto, uma clínica-escola? E mais, a clínica escola da UFF Campos e o local de tal território no processo de cuidado? Além disso, "Quem tem o privilégio da escuta? Ou melhor, quem tem o privilégio de ser escutada?" (SILVEIRA; ARENARI, 2023, p. 155).

Durante o período de inscrições para novas fichas de atendimento, é possível observar uma recorrente procura do serviço via encaminhamento da rede de saúde e de educação do município. Esses encaminhamentos podem indicar, inicialmente, para uma articulação de tal espaço com tais redes ou, talvez, reconhecimento enquanto local de cuidado e mais, como local de terceirização de trabalho e/ou desresponsabilização com demandas do território pelo poder municipal.

Dessa forma, ao observar tamanha procura e em especial, das encomendas que comportam tais encaminhamentos, é necessário nos questionarmos dos riscos envolvidos de se cair na lógica de substituir, na UFF deve compor, mas por ser serviço escola, tem suas especificidades e não pode substituir a rede de cuidado em saúde do município, e consideração das possibilidades de reprodução das pontes existenciais e físicas que marcam tal território no tocante ao cuidado destinado a população negra e periférica de Campos dos Goytacazes.

Além disso, para além dos encaminhamentos, existem um sem número de buscas consideradas demandas voluntárias, para mais, o território de Campos possui outros dois SPA's, pertencentes a instituições privadas de ensino e contam com a exigência de valores simbólicos para a realização de atendimentos. Sendo o SPA da UFF Campos o único que conta com a existência de acolhimento, escuta e atendimento psicológico de forma gratuita. Tal característica diz de uma política no cuidado, inserção e possibilidade de circulação de pessoas que não compõem o corpo discente, docente, técnico e funcionários da UFF.

A vista disso, aposta-se na presença, ou melhor, na inviabilidade de um contexto de cuidado a parte do tripé ensino-pesquisa-extensão, com espaços compartilhados e nutridos coletivamente por todos que por ali transitam e fazem habitar um pouquinho de si.

Deste modo, considero que é no SPA, mas também na UFF, que a loucura faz presença e onde há investimento no cuidado desinstitucionalizado, caminhando com os pressupostos da Reforma Psiquiátrica Brasileira, juntamente com a Universidade Aberta à Loucura, com o Acompanhamento Terapêutico (AT), Plantão Psicológico para acolhimento de crise e urgência e atividades de ensino pesquisa e extensão desenvolvidas no espaço e abertos à população. Sendo a ambiência composta por rede, com local para descanso e ocupação, como também paredes com a ocupação estética via pintura, em que se fornece a possibilidade de margem para o suposto erro, no que diz respeito a corpos considerados desviantes. Tal contexto diz de uma aposta em um processo formativo em psicologia que caminha visando a problematizar a indissociabilidade entre formação e intervenção (BRITO; SILVEIRA, 2018).

De acordo com as autoras e docentes do curso, a universidade é o local das atividades políticas, artísticas e socioculturais na produção do contágio antimanicomial, agenciando encontros e viabilizando a transformação social da loucura e do louco. Essa abertura reflete enquanto caminho possível de reinvenção dos excluídos e institucionalizados com o agenciamento de deslocamento e mudanças na estrutura social, possibilitando a (re)afirmação da diferença, por considerarem que uma sociedade sem manicômios diz de um investimento sociocultural de alteração de concepções e práticas acerca da loucura e novos olhares frente a outros processos de violências, como racismo, LGBTfobia, misoginia e outros.

Desta maneira, Brito e Silveira (2018), ao discorrerem acerca da formação em psicologia, compreendem a como exercício prático de experimentação no cotidiano dos serviços de saúde com os sujeitos que o compõem, considerando a experimentação, o convívio, a troca de situações reais e, fundamentalmente a qualidade e intensidade de tal troca enquanto elemento que favorece processos formativos.

Para as autoras, tal processo fornece a ampliação da capacidade de análise e intervenção, de inclinação institucionalista, proporcionando a possibilidade de desinstitucionalização da loucura, via territorialização do cenário de práticas em tal espaço.

Além disso, as autoras afirmam que a prática pode caminhar em sentido oposto a reducionismos, objetivação de sujeitos abjetos, modos de atenção fragmentados, sua potência está na organização do processo de trabalho em saúde e processos de formação, diz de uma prática ético-política no campo da saúde almejando a integralidade. Elemento que exige problematização dos modos de ação, formação e gestão hegemonicamente fragmentária dos saberes e fazeres que desembocam na intensificação de relações de saber-poder. Dessa maneira, o rompimento com tal histórico de hegemonia, passa pela compreensão de que os processos de trabalho, com seus impasses e problemáticas, são componentes do processo formativo.

Desse modo, as políticas de formação pautadas nesse modelo binário e excludente acabam por gerar processos formativos que, dissociados dos modos de cuidar e de gerir, operam uma cisão radical entre pensamento e vida (BRITO; SILVEIRA, 2018, p.148).

As autoras reivindicam a transversalização dos saberes teóricos que se comprometam com um fazer clínico-político, com o reconhecimento da saúde mental enquanto campo transversal à formação e atuação em Psicologia e outras graduações das ciências humanas. Consideram que a maioria das demandas que chegam ao SPA, dizem da procura por um espaço de fala e escuta, legitimando a possibilidade de um espaço de cuidado para sujeitos em processo de sofrimento e adoecimento psíquico cuja história é marcada por processos de invisibilização. Com isso, Brito e Silveira (2018) indicam a necessidade de tensionamento de tais questões com vistas à criação de novas saídas, buscando incluir, de forma funcional e efetiva, o SPA enquanto serviço público disponível para os sujeitos que habitam o território campista, buscando a criação de um espaço de cuidado que possa combater a elitização e promova a democratização do acesso.

Assim, um componente fundamental para analisar o processo formativo e os enlaces entre formação-intervenção, diz respeito à encruzilhada do cuidar, posto ser nela o local de disputa e (des)acordos. O que está em disputa não são apenas os símbolos, mas sim e sobretudo, as narrativas e movimentações, em especial no que diz respeito ao tensionamento do processo de racialização do sujeito “fazedor psi”, cuja personificação é, historicamente, impregnada pela brancura, que não produz deslocamento de perspectivas do cuidar manicomial sem a superação dos manicômios, quer sejam físicos ou simbólicos. Nessa direção, Arenari e Silveira (2023) sinalizam que o processo de racialização da saúde mental é marcadamente composto pelo recente processo de inclusão do branco enquanto raça, como sujeito racializado, considerando os movimentos estratégicos realizados no que diz respeito à dominação e (re)produção de violências seculares. O que torna fundamental o movimento de intersecção de marcadores e lutas, na medida em que, historicamente, o trabalho e escuta promotora de saúde, são direcionados a contemplar, única e exclusivamente, o cisheteropatriarcado branco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EVARISTO, C. Canção para ninar menino grande. Pallas. 2º edição. 2022.

FAM, B. M.; FERREIRA NETO, J. L.. Análise das Práticas de uma Clínica-Escola de Psicologia: Potências e Desafios Contemporâneos. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 39, p. e178561, 2019.

SILVEIRA, L. ARENARI, R. W. Poiesis e alquimia feministas : entretecendo porvires epistemológicos / organizadoras Alice de Araujo N. Pereira [et al.]. – Niterói : UFF ; Rio de Janeiro : MC&G Editorial ,2023.

SILVEIRA, L.; BRITO, B. P. M. . Entre nós e redes: experiências de formação-intervenção para a saúde mental e atenção psicossocial. In: COSTA, R. A; MACHADO, B. B; CURI, P. L.. (Org.). Psicologia em extensão: corpos à margem, desafios à formação. 1ed.Rio de Janeiro: GRAMMA, 2018, v. 1, p. 133-155.

SOUZA, N. S. A psicose: um estudo lacanianiano/ 1º Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

TORRES, P. O cozer da pedra, o roer dos ossos. Astral cultural, 2023.





Carta de amor para quem nunca voltou

Ágeson Christian da Silva

Quinta-feira, 23 de Junho de 2022, Teixeira de Freitas, Bahia.

De Ágeson para Kamilla

Kamilla,

Estava lendo uma carta de Fernando Sabino para Clarice Lispector e achei a sinceridade naquelas palavras a coisa mais linda do mundo. Fui tocado e soube que deveria escrever também uma carta, mas para quem? A dúvida durou pouco tempo, pois você logo apareceu na minha mente.

Há muito busco entender o motivo de você ainda estar aqui, faz tanto tempo que saiu da minha vida, ainda assim você se faz presente quase que diariamente. Vez ou outra, quando estou com o olhar e o pensamento perdidos, é em você que eles se encontram, alguém chama a minha atenção, daí sim fico perdido por inteiro, porque me perco de você.

Outras vezes quando as horas me mostram números iguais, penso que alguém está pensando em mim e isso me leva a pensar em você novamente. Nisso você me aparece, séria como às onze e onze, sonolenta como às sete e sete, o que estará fazendo às quinze e quinze, ansiando pelo sinal da merenda? Aliás, o que você anda fazendo?

Tento a todo custo evitar ver fotos suas, não quero me dar mais motivo pra pensar em ti, mesmo assim elas aparecem. Mesmo assim você aparece, andando na rua distraída enquanto arruma o cabelo recheado de cachos, nem nota eu do outro lado da mesma rua, gargalhando da piada irônica que o destino acaba de me contar.

Encontrar você justo ali, enquanto estou entrando ali, você passa justamente ali em frente ao único lugar em que eu falo abertamente sobre ti fora das páginas em branco dos meus diários. Só Machado de Assis escreveria uma ironia desse nível. E quanto mais eu penso sobre esse desencontro, mais engraçado fica.

Falando nisso, adoraria saber o que te faz rir. No que você anda pensando? Quais dúvidas inquietantes caminham ao seu lado quando você sai para trabalhar? Como é a sua postura como professora? Não quero saber as razões acadêmicas, quero ouvir (ou ler) as razões do seu coração. Você ainda pensa naquele mestrado no Japão? Qual é o seu sonho dourado no momento? Se fosse escrever tudo o que quero te perguntar, isso não seria uma carta, seria um questionário de imigração.

Ando tão confuso sobre você no momento. Quero te encontrar, mas também quero me despedir. Quero segurar sua mão, mas também quero soltar essa ligação que tenho com você. Meus guias me dizem que preciso ter paciência, você está nos meus caminhos e vai entrar na minha vida de uma forma que eu não espero. É difícil ter paciência. Mas a parte mais difícil é ter que esperar você chegar, enquanto você ainda está aqui.

Não resisti e vi uma foto sua. Fui tomado pela beleza dos seus detalhes, seus lábios, seu nariz, seus cachos, seu pescoço. Senti vontade de seguir com os dedos a curva do seu rosto, pela impossibilidade imposta pela distância resolvi fazer algo que não fazia desde a infância, desenhar. Isso não me bastou, escrevi também um poema na tentativa de tocar você de todas as formas que posso.

Adiante coloquei as duas formas que consegui repousar minha mão
e meu coração sobre os traços do seu rosto.

A pele macia toca meus lábios,
Acaricio meu rosto contra seu pescoço
Um chêro, um bêjo, um arrepio.
Sinto medo de me perder em você
Venço o medo, ou o ignoro, não sei
Sei que mergulho profundo, me entrego
Meus beijos navegam pelo ombro
Tão graciosamente desenhado
Pelas mãos divinas da Criadora

Seu corpo é um poema de amor a lua
A magia, a luz, a brancura. Homenagens
À Deusa a quem tu louvas nua.

Os pontos em sua pele são um enigma.
Indicam onde repousar meus lábios
Para beijar em cheio seus pontos fracos?

São estrelas me guiando pelo seu mar
Levando-me ao seu interior?
Pois quero me afogar, morrer de amor

Dois pontos no pescoço marcam a mordida
Que dei em você noutra vida
Quando o sangue era nossa bebida.

Outros pontos formam na epiderme
A marca de uma constelação
As estrelas de Câncer brilham intensas
Guiam pela noite minha embarcação





O amor e os seus hiatos

Belisa Parente

Deixei para escrever esta carta hoje, no calor da sexta-feira, depois de um hiato de três meses, só para dizer que não esqueci o seu aniversário. A sua data também está tatuada em mim, está circulada no calendário de mesa do meu trabalho, nos meus diários. O seu idealismo romântico, o seu “Nós” diante das situações, caráter apaziguador, refinamento, o seu tesão por mim.

Não tive capacidade de articular os sentimentos antes e dificilmente conseguiria em viva voz; desculpa não pedir para você ficar e ainda te colocar na porta do avião. Você esqueceu a sua camisa cinza entre os lençóis da minha cama, quando o seu perfume foi embora usei ela para dormir, para te sentir em mim. Lembro os seus traços altos, trejeitos, a sua vaidade masculina, você jorrando dentro de mim.

Estou com aquele vestido de borboleta que você gosta, é noite de lua cheia, imagino que estejas se divertindo por aí. Gosto de você, gosto de correr perigo, meu amor bandido, vou ver o dia nascer no nosso esconderijo. O tempo passou e ainda ouço a sua voz no meu quintal... lembro a nossa convivência pacífica, o bujão que você trocou ainda não secou, te digo, você é o melhor, você é o melhor!

Imagino a sua boca no meu pescoço, a sua mão firme de posse da minha virilha, da minha vida. Temo, mas mergulho novamente no enigma que existe em nós. Quantas vezes me fez feliz ao repetir olhando de cima, com a alma cheia: “Você é a minha mulher! Você é minha mulher de novo!”.

Você sempre entra na minha vida para ganhar, é impressionante! Mas quero saber quem além de mim foi presenteada com fotografias do álbum da infância, foto 3X4, gritos de amor ao pé da janela, telefonemas na madrugada. Quem você apresentou ao seus pais além de mim? E outras lembranças indestrutíveis ao sabor do tempo... Quer saber quem além de você eu consigo dividir tranquilamente o mesmo copo de cerveja? Ninguém!

Desculpa o meu olhar longo indizível na despedida e as meias verdades para te provocar ciúmes, para te provar que posso recomeçar mais uma vez, para te deixar recomeçar pleno longe de mim. Mais uma vez o sentimento voltou com força, me apaixonei profundamente, depois de tantas histórias, e exatos 10 anos – é realmente mágica a força das dezenas. Quero ouvir você dizer mais uma vez que sabia que iríamos nos reencontrar... Até lá. Até lá.





Carta para uma mulher

Ana Aparecida Rocha

Antes da carta, algumas ideias...

Ao receber o convite para participar desta empreitada algumas questões me ocorreram: Nos tempos de hoje, onde a imediatez do acesso às informações prevalece e a rapidez nos contatos é demasiadamente presente, ainda haveria espaço para as cartas? Quem teria interesse em escrevê-las? Em quem despertaria o desejo de lê-las?

A psicanálise nos ensina que lá onde tudo já parece estar visto e posto em palavras, um espaço, uma lacuna podem advir e fazer surgir aí o sujeito do desejo, uma formação do inconsciente, a presença de um enigma levando-nos a pensar que nem tudo é possível se dizer, as palavras tropeçam e uma verdade é apenas, em parte, expressa.

Somos fruto do encontro entre o corpo e a linguagem. Porém, neste encontro se dá algo como se fosse um choque. Isto nos diz que, de cara, não nos será fácil e simples falar, escrever e ser alguém a partir deste momento, desse trauma onde a vida para acontecer além do percurso biológico, necessita dá um salto e arranjar-se para sustentar um corpo.

Não se constitui um corpo que precisa ter suas necessidades satisfeitas apenas. Constitui-se uma subjetividade onde um nome, um corpo, um lugar serão marcados por uma história que, ao longo de uma existência, se manifestará em facetas diversas. Alegrias, angústia, satisfação, perda, encontros e desencontros aí se farão presentes.

Neste caminho, a escrita tem um lugar à parte. Criação que registra ao longo da história da humanidade os diversos momentos, situações e experiências que o homem em sua relação com seu corpo, seus semelhantes e com a natureza assinala o que há de bom e de difícil na arte de viver. Junto à escrita, outras manifestações artísticas se somam no esforço e trabalho do homem em sustentar-se no período que vai desde o instante de sua origem até o momento de sua finitude.

Logo, acreditamos que a escrita ainda possa ter um lugar naquilo que se passa entre o homem e sua relação com aquilo que o cerca, o afeta e o faz pensar. Precisa se escrever via internet nos diversos meios que a mídia digital nos apresenta como formas de comunicação.

E as cartas? As cartas ainda podem suscitar algum olhar, alguma vontade de nelas buscar o que ali está expresso seja de forma clara, lúcida, aparente, seja de modo implícito, em suas entrelinhas?

Chama-nos a atenção um ponto. Falar parece, às vezes, ser mais fácil e imediato em se fazer comparado à escrita. Colocar a letra no papel e transmitir o que se pensa, o que se sente e aquilo que se deseja dizer parece suscitar emoções, sentimentos e lembranças que nem sempre são bem expressas e tratadas dentro de si. Uma ressalva: para alguns(umas) poetas e escritores(ras), a escrita é uma via mágica, às vezes, para tratar de algo que, se no senso comum, provocaria embaraço, insegurança e desconfiança na capacidade de conseguir dizer, para estas mãos (poetas e escritores) a criação brota, a palavra fala, o sentimento aparece e as letras conseguem expressar com beleza e sutileza, o nome do que se quer dizer. As cartas de amor, os romances, os contos, as crônicas, um bom livro, a letra de uma música nos sinalizam o que abastece nossa intimidade com tamanho vigor e afeto diante de letras tão bem postas nas páginas de um escrito.

Ao pensar para quem escreveria uma carta, duas opções me ocorreram: as crianças e as mulheres. Escolhi as mulheres porque podendo ser mães, tias, avós, madrinhas, professoras, psicanalistas, terapeutas, parteiras, pediatras, babás, dentre tantas carregam em si uma transmissão e um trabalho que pode alcançar não só as crianças, mas também a jovens, homens e outras mulheres. Assim, vamos à carta.

A uma mulher, uma carta

Cara leitora

Ao pensar em escrever para uma mulher uma questão me advém: o que gostaria de deixar escrito? Me vem à mente a música cor-de-rosa-choque cantada por Rita Lee (1982), mulher, mãe, cantora e compositora. Em sua letra, escrita por ela e Roberto de Carvalho a música nos diz:

Nas duas faces de Eva
A bela e a fera
Um certo sorriso
De quem nada quer

Sexo frágil
Não foge à luta
E nem só de cama
Vive a mulher

Por isso, não provoque
É cor de rosa choque
Não provoque
É cor de rosa choque
Não provoque
É cor de rosa choque
Por isso, não provoque
É cor de rosa choque

Mulher é bicho esquisito
Todo o mês sangra
Um sexto sentido
Maior que a razão

Gata borralheira
Você é princesa
Dondoca é uma espécie
Em extinção

Por isso, não provoque
É cor de rosa choque
Oh oh oh ooh
Não provoque
É cor de rosa choque

A letra desta música configura faces de um feminino que vai de uma condição própria até o seu lado mais particular e sublime, independente do tempo histórico. É como se nos dissesse de forma simultânea o seguinte: você é frágil, gata borralheira, mas você também é forte. Você enfrenta lugares com menos valor, mas, ao mesmo tempo, você tem uma grandeza que lhe é peculiar. Tem sexto sentido maior que a razão, é uma princesa e nem só de sexo você precisa. Como consegue realizar tal proeza?

Ao ser provocada, expande horizontes, amplia seu espectro de ações, dedica-se a diversas causas e, mesmo assim, ainda é capaz de abrir-se ao amor, ser mãe, investir em uma carreira, dedicar-se a cuidar de si, zelar por uma imagem que lhe faz valorizar-se naquilo que não sendo perfeito a põe a caminho de sustentar o imperfeito com semblantes. Mulheres dançam, tecem, parem, cantam, cozinham, escrevem, rezam, são místicas e misteriosas. Em quais destas ações você já se viu? Ou escolheu outras? Pergunto no plural porque as mulheres são conhecidas como conseguindo fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo.

Você já passou e ainda passa, em cantos diversos deste planeta, por situações de aflição e de desrespeito ao seu corpo, seu desejo, seu valor, sua posição. E como ainda precisa manter viva e constante a luta de, no seu caminhar e labuta, fazer-se um nome, um dizer, um corpo, uma fala e, por que não dizer, uma escrita, É como se ao lutar por um lugar, descobre-se que há algo que se tem e do qual se tira forças para se manter viva, ainda que...

Indago-me: com quem você conta? O que você carrega consigo em luta por um lugar e condição de vida mais dignos? A experiência de lutas já travadas e as conquistas adquiridas a partir destas? A vontade de permanecer lutando de modo que chegue a um maior número de mulheres as conquistas já asseguradas e provoque em um maior número o desejo de lutar por mais mudanças no modo como a mulher é vista e tratada?

Conta com o apoio daqueles que sensíveis às lutas somam-se em seus movimentos e consentem com os direitos assegurados e, assim, demonstram em seus gestos o resultado de um movimento de há muito desencadeado e que espera contaminar a todos? Mantém a esperança de que isso possa se alastrar e inverter o que por muito tempo manteve-se prendendo e atando o destino das mulheres a lugares fortemente estabelecidos? Aposta que, a despeito do impedimento imposto a elas, ainda assim, detém uma capacidade de refazer, reordenar e situar-se à altura do que lhe é preciso para ter, assim como aos homens, lugares e valores de destaque?

Não precisa ter as respostas. A lista de questões com aspectos, pontos de destaque e ângulos diversos a serem considerados seria extensa e, ainda assim, não daria conta de tudo aquilo que envolve o universo feminino. Já tentaram muito reduzi-lo e, ele junto com cada uma, tenta não se deixar apagar e sucumbir por esta tentativa. No interior de cada mulher, este ponto pode estar presente. Que nome você daria a ele?

Com criatividade e imaginação, infinitas nomeações podem ser inventadas. Há algo diferente no formato de ser uma mulher naquilo que diz respeito ao que ela quer, ao que ela é. Diversas em uma, inúmeras em uma particularidade. Ao longo da história, muita a se destacar. Maria Madalena, Esther, Medéia, Madeleine, Joana Darc, Santa Teresa d'Ávila, Ana Karenina, Medéia, Antígona, dentre tantas, De culturas diversas, de tempos distintos, de posições diferenciadas, elas mexem com o estabelecido, atrevem-se a sustentar o inusitado, apontam para aquilo que não se regra pela via comum e amam em graus de intensidade variados. O que é isso? O que mais ainda eu ousaria nesta cartadizer a este bicho esquisito chamado mulher?

Mais uma música aqui me ocorre; Maria, maria escrita por Frenando Brant e Milton Nascimento e lindamente interpretada por Elis Regina (1978). Segue a letra:

Maria, Maria é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e ama
Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor
É uma dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo uma marca
Maria, Maria mistura a dor e a alegria

Uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo uma marca
Maria, Maria mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania de ter fé na vida

Com uma letra tão tocante e forte, como não nos emocionarmos ao cantá-la ou lê-la? Maria tem gana, manha, graça, sonho e fé na vida a despeito de suas marcas. Não sei se todas possuem isso, se toda conseguem sustentar e se alimentar disso. Na particular relação de cada sujeito com o seu desejo, não se pode universalizar o que cabe a cada um. A você que um dia possa ler esta carta, que marca misturando dor e alegria teria vivenciado e que ainda possa carregar consigo? Deste ponto talvez saiam livros, músicas, peças, filmes, artigos, artesanato, costuras, cursos, filhos, amores, um universo de acontecimentos. Cada uma que sabe dizer e, se o desejar, escrever sobre o seu. Pense nisso em algum momento de sua vida. Tente.

Em pleno século XXI, retomando a escrita de uma carta ainda gostaria de saber: o que de interessante ainda poderíamos dizer a uma mulher? Entre o recato e o aprisionamento, entre a clausura e a liberdade, entre o silêncio e a voz, o que hoje uma mulher desejaria e proclamaria como sua direção de vida? Amar livremente, ser senhora de si? Ter uma vida afetiva satisfatória? Tomar conta de seu corpo conforme desejasse? Responder de forma própria por suas escolhas?

Talvez, disso tudo um pouco, muitas já o experimentam e, anseiam por mais. Sendo assim me dirijo aquela que ainda deseja pensar sobre o enigma que há em, sendo mulher, se aproximar de um modo um tanto distinto de ver a vida, o amor, a morte, a origem e o fim.

Podemos ser sensíveis, mais abertas ao inefável, mais próximas e afinadas com o que não se enquadra nas normas de maior aceitação. Conseguimos torcer, estar e se solidarizar com aqueles que como bruxas, poetas, amantes, escritoras, parteiras, benzedeiras, militantes tecem e torcem pelo outro lado da existência que não é assim sempre tão palpável, tão regrado e que caiba em um livro, código, manual e moralismo. Fico aqui a imaginar e torcer que esta imaginação esteja certa que, ao ler esta carta, você a deguste com suas lembranças e sentimentos. E, depois, também se motive a escrever algo.

Como você já deve ter percebido, gosto das questões. Aprendi que com elas, abrimos portas, quadrados, trilhas, caminhos, frente e, chegamos às letras que, quando escritas nos dão um horizonte a percorrer. Você pensa, neste aspecto, como eu?

E no campo do amor como uma mulher se apresenta? Creio que concordará comigo reconhecendo que este é um terreno onde muitas buscam afago e, às vezes, se afogam. O que me diz? Mulheres, enlaçadas em suas lutas e antenadas com as dores envolvidas por exemplo em uma experiência amorosa, atentam para que no excesso do que já as podou e prendeu e na falta do que ainda hoje as acompanha tem um intervalo, uma fenda. Uma marca, uma cicatriz, um resto.

Neste espaço, em que o singular desejo que cada uma carrega, ou onde o seu “infinito particular” a habita que, em consonância com sua condição poderá fazê-la experimentar, encontrar, descobrir e inventar um nome próprio, um lugar seu, um instante de viver que longe de reduzi-la a um apaziguamento, a um silêncio, a pôe a falar, a escrever, a ser aquilo que de acordo com os nós de sua

história a faz ser única, capaz, feliz, mulher, mas claro, não perfeita. Temos também parte com Eva, aquela que contribuiu para sermos expulsos do paraíso. Acredita nessa história? Já desobedeceu e pagou o preço por isso?

Manuais, cursos, capacitações, lives, treinamentos, livros, peças, filmes, terapeutas, analistas todos esses recursos poderão ser buscados nesta empreitada? Sim, mas, não haverá um só que a diga, que a faça, que a nomeie o que é uma mulher. Estranho. Como assim? Por que essa condição? Seria um caso tão difícil e especial?

Pensamos que para cada um, seja homem ou mulher, não há uma definição pronta, um caminho único para se seguir, se definir e se encontrar. Sendo assim, o que deixar como ideia, proposta, pensamento a ser sugerido para que cada uma o relance em um exercício de constituir-se em meio as palavras e desejos?

Missão difícil. Freud deixou tal incumbência aos poetas. Após um tempo de escuta e pesquisa acerca do que quer uma mulher, ele afirma não ter conseguido esta resposta. Mas, nada impede que cada uma, diga algo e tente tecer isso.

Gostaria de lhe sugerir esta ideia: o intuito deste escrito talvez seja dizer a cada uma que ler, buscar em si que parte ou ponto seu que ainda não foi de todo dito, de todo experimentado. Quem sabe, dizer-se mulher, reconhecer-se mulher, tornar-se uma mulher, por não ter definição pronta e própria, coloque a cada uma, a tarefa de se fazer mulher, ali onde não parece ter um molde, uma forma única, um jeito só. Você deve ter o seu próprio.

Talvez, para as mulheres de hoje e aquelas que ainda virão, fique essa possibilidade: viver ao lado de muitos, de vários, de uma diversidade e em meio a tantas questões que a vida neste planeta tem enfrentado, não deva impedir de que, em sua condição de saber caminhar entre o que está estabelecido e o que está além, refaça, reveja, reedite, reforme, revele, reveja o que lhe faz sentido, o que lhe move, o que lhe perturba e o que a faz avançar.

Vamos vivendo e (re)aprendendo, (re)inventando o ser mulher.

Assim, no caminho onde lhe é esperado que você apareça, se mantenha, se sustente, você faça e refaça outra coisa. Não se cabe em um só formato. As artistas chegam perto a isso. Cantam, interpretam, escrevem, dançam como se pertencendo a um lugar próprio, não o faz pequeno, não o limita a uma ordem estabelecida. Transformam, transgridam, transmutam.

São muitas as histórias contadas envolvendo as mulheres. Belas, trágicas, difíceis, encantadoras e, ainda assim, não esgotam o que esse ser apresenta, determina e realiza em sua estranheza.

Não aguarde, se possível, que um dia isto, ou seja, a definição do que é uma mulher se faça de modo satisfatório. Tomara que não. Nunca. Gostaria que em suas lutas e buscas, zelasse por esse lado que lhe é próprio e que a deixa em condições de criar, de enfrentar o impossível, de ficar mais perto de Deus, do real, do nada.

Em suma, sugiro que guarde, zele, brinque e deixe que esse ser que a história já prendeu, já perseguiu, ameaçou e ainda está às voltas, se mantenha portando seu interesse e seu enigma. Assim, não se conseguirá reduzir por mais que o tente, definir o que é uma mulher e nem o que ela é capaz de alcançar. Isto lhe é tão próprio e singular que nem mesmo elas podem dizê-lo. Mas o vivem e o apresentam ao mundo de diversas formas. Contemos umas com as outras para nos ajudar nisso.

Um detalhe que não gostaria de deixar de te falar. As cartas do tarô e as mulheres. Quanta beleza, história, acontecimentos e movimentos importantes para uma vida encontram-se expressos ali? Diversos. As figuras femininas e que remetam ao feminino presentes no tarô tais como a sacerdotisa, a imperatriz, a justiça, a força, a temperança, a morte, a estrela, a lua, o mundo e as rainhas. Mais do que carta com significados específicos, nos apontam as diversas faces de um ser ou de um sujeito às voltas com aquilo que o define e ao mesmo tempo o angustia.

Não sei se estou enganada, mas, costumo ver que parece existir mais mulheres cartomantes do que homens. Por que será? Considero o tarô uma rota que pode nos servir. Você já recorreu a ele? Dentre as cartas que gosto de ver, ler e ter comigo, as do tarô, tem para mim, uma primazia, assim como a carta ou mapa astral. Adoro. Você também tem suas rotas de ajuda?

Outra curiosidade que gostaria de dividir com você. Algumas artes são referidas no artigo definindo feminino a. A dança, a pintura, a escultura, a música, a poesia, a escrita. Quanta coisa que articula criação, desconhecido, corpo, sentimento, inspiração, desejo, fantasia e demais faces que o humano, homem ou mulher, detém embora, sejam diferentes a maneira como eles manifestam isso.

Agora quero deixar para você, um pedido e um agradecimento. primeiro, o pedido: mulher, permaneça com seus enigmas. Não se deixe ou aspire a se deixar ser toda definida. Há espaços para os dois movimentos: crescer em suas lutas e conquistas e, manter-se não toda completa e aliar-se ao que nem sempre estará posto, dito e assegurado.

Em segundo, o agradecimento: gratidão por vivenciar esta oportunidade que estava guardada em um baú de tempos atrás no meu caminhar. Memória que se mantém secretamente ali, mas, ao ser tocada, aflora e traz em seu reviver tantas cenas, imagens, palavras, passagens de uma vida. Ocasão que além de me fazer agradecida me mantenha próxima daquilo que ao parecer distante, mais no meu íntimo, se encontra. Falar e, escrever sobre isso, é um trabalho feito um presente que se fabrica e se dá a si mesmo. Gratidão por dividir comigo esse percurso.

Neste momento de concluir remeto-a mais outra música. Tenha paciência. Adoro a letra de uma boa música. Como uma carta, nos transporta para um outro instante, para outros momentos que nos são muito caros.

Desta vez, se trata de uma música cantada por um homem, Gilberto Gil (2015) intitulada Super-Homem. Pode parecer até estranho, um homem falando ao mesmo tempo em super homem e em mulher. Muitas vezes, são nas coisas aparentemente contraditórias e estranhas que o belo pode aparecer. Vamos à letra:

Um dia
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter

Que nada, minha porção mulher
Que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora

É o que me faz viver
Quem dera pudesse todo homem compreender
Ó mãe, quem dera
Ser o verão no apogeu da primavera
E só por ela ser

Quem sabe
O super-homem venha nos restituir a glória
Mudando como um Deus o curso da história
Por causa da mulher

Saudações e um abraço repleto de ternura a cada uma mulher que, em uma ocasião, venha a ler esta carta e busque escrever a sua própria.

Natal, 04/07/2024.
Ana Aparecida Rocha

Referências

Gil, G. (2015) Super-Homem. Gilberto Passos Gil Moreira. Brasil. Sony/ ATV Music Publishing.

Lee, R, (1982) Cor-de-rosa-choque. Rita Lee Jones De Carvalho / Roberto Zenobio.

Affonso De Carvalho. Brasil. Warner Chappell Music, Inc Regina, E. (1978) Maria, Maria. Fernando Brant / Milton Silva Campos Nascimento. Brasil. Três Pontas Edições Musicais Ltda, Nascimento Edições Musicais.



Para a minha querida mulher dissidente sertaneja: das capturas de gênero ao encontro de comunidades amorosas

Iasmin Sharmayne Gomes

“Mulheres feministas e todas as outras pessoas dão mais atenção ao sexo do que ao amor porque, quando falamos de amor, temos que falar de perdas, de faltas, de nossos fracassos em exercer vontade e coragem.” (bell hooks, 2024, p.101)

“A rememoração atenta nos permite reunir outra vez os pedaços e os cacos de nosso coração. É assim que a cura começa. (hooks, 2021, 337)

Querida Iasmin,

Escrevo-te porque tenho me recordado bastante de ti. Essa noite sonhei com o nosso avô. Aquele homem amoroso, doce e atencioso com o qual tivemos a sorte de conviver e aprender sobre sermos cuidadas por uma masculinidade sertaneja que desviava de sua função social. Digo isso, porque o nosso avô era muito do que fugia dos ideais de “cabra macho”. Ele demonstrava sua sensibilidade todos os dias trazendo pão recife da padaria, após fazer a sua caminhada ao nascer de todas as manhãs e ao permitimo-nos fantasiar brincando no caixa do seu comércio ou dentro da sua caminhonete antiga.

O nosso avô, não parecia se importar se brincávamos de coisas de meninas ou de meninos, ele parecia feliz com aquela criança que brincava ao seu redor, independente se um dia ela iria cumprir um papel de feminilidade ou de masculinidade. No fim do dia, o nosso avô parecia se alegrar ao fecharmos a mercearia ao seu lado, após vivermos muitas fantasias como ajudante do seu comércio, um trabalho que no final dos anos de 1990 no sertão, era majoritariamente ocupado por um público masculino.

Era tanta a felicidade do nosso avô, por partilhar de nossa companhia na infância, que só hoje percebo que ele sempre nos dava uma “pratinha” (moeda) no final do dia, como uma recompensa em forma de agradecimento por compartilharmos o dia ao seu lado.

Sim, o nosso avô foi um homem sertanejo bastante amoroso. Eu não tenho dados científicos para comprovar tal veracidade, mas tenho o meu corpo e a lembrança que fica nele de nossas memórias juntos.

Você recorda disso também?

Tal amorosidade era tanta, que ele não se importava com o que vestíamos, lembra? Sei que essa seria uma função que a nossa avó, a nossa mãe ou as nossas tias deveriam cumprir por serem lidas como mulheres. Então, dentro de uma lógica racional instaurada pela colonialidade do ser e do poder no sertão, como nos ajuda a discutir uma escritora e feminista argentina chamada Rita Segato (2012), fazia sentido o nosso avô não se importar com isso. Uma vez que do modo como o projeto colonizador invade as nossas subjetividades, projetar as funcionalidades de certas feminilidades e colocá-las em um padrão normativo que enquadre a mulher sertaneja aos seus ideias (Bezerra, 2022), desviava das atribuições do masculino.

É possível que seja diante dessas perspectivas que Segato (2012), discute a episteme colonial e moderna como uma matriz que organiza hierarquicamente o mundo e as nossas relações. De tal maneira, exemplifica que a colonialidade do ser e do poder cria não só uma história das raças dentro de sua episteme, como também instaura de que forma as relações de gênero devem se produzir e acontecer dentro do cristal do patriarcado, para, diante de um grande projeto de racionalização da vida incorporar uma grade universal, fazendo com que o que não pode ser reduzido a ela seja descartado.



Por isso, como um corpo que se insere também no mundo acadêmico, mas que não escreve sem a sua ancestralidade, busco te escrever com a ciência que pode existir nas cartas. Você topa?

Vou continuar...

Outra feminista argentina e socióloga, chamada Maria Lugones, (2014) evidencia como na América Latina, estamos organizados e implicados pelo sistema moderno-colonial, no qual homens e mulheres civilizados seriam vistos como humanos, enquanto pessoas escravizadas africanas e os povos indígenas das Américas, juntamente com os animais seriam vistos como não-humanos. Isso, seria consequência do projeto moderno/colonial que impôs uma estrutura de gênero, marcando profundamente a humanidade entre essas dicotomias homem/mulher, humano/não-humano, para tratar como seres bestiais ou demoníacos, aqueles/nós que escapam do processo civilizatório do mundo moderno.

No entanto, o que desejo dizer te dizer começa por aí, mas vai além disso. O que desejo dizer é que: o nosso avô nos amou como uma pessoa, sem ter em conta, o que o que nos tornaríamos. Ou que éramos crianças dissidentes das normas de gênero que odiavam ser lidas como mulheres no interior do sertão.

Deve ser por isso que apreciávamos passar tanto tempo com o nosso avô quando crianças. Quando não estávamos na escola ou brincando com “coisas de meninos” pelas ruas do interior do sertão, podíamos ser quem erámos em sua companhia. Não havia olhares invasivos, palavras ameaçadoras ou silêncios punitivos. Em paz, nos sentíamos amadas, sentadas no seu birô envelhecido, ao lado do seu cofre azulado antigo, enquanto ele nos olhava com confiança em organizar as suas moedas.

No seu balcão revestido de madeira antiga e desgastada pelo tempo, havia uma gaveta central, ao abri-la, víamos que haviam lugares para as moedas de cinco centavos que se misturavam com as de dez, as de vinte cinco centavos que ficavam ao lado das de cinquenta e o lugar das preciosas moedas de um real.

O nosso avô não separava as suas moedas por níveis de hierarquias, não era bem isso. Mas, era meio como diz aquela música do Sérgio Sampaio: “cada lugar na sua coisa.” Bom, era assim que a minha memória infantil percebia, apesar de saber que precisávamos de uma moeda de cinquenta centavos e não de uma de cinco para comprar um sorvete no fim do dia.

Você consegue recordar disso?

A forma como o nosso avô organizava suas moedas me lembra um pouco da razão do desejo de escrever essa carta para ti, posso te falar melhor sobre isso em breve. Agora, gostaria de te convidar para sonhar juntas com ele. Quando ele adentrou meus sonhos esta noite, ele não aparecia nele nitidamente, mas a sua presença era de uma intensidade imensa.

Neste caminhar onírico, eu estava em uma cidade que fica localizada a trinta minutos de onde crescemos. Eu não sei se você lembra deste dia, da madrugada em que o nosso avô nos levou nesta cidade para fazermos compras com ele. Éramos crianças de mais ou menos dez anos de idade. Enquanto estávamos em um mercado público gigantesco aos olhos da criança bastante imaginativa que fomos/somos, ele precisou sair por alguns minutos e nos deixou comendo um pastel com guaraná, o aguardando. Eu nunca esqueci dessa memória, deve ser pela razão do medo não aparecer quando o nosso avô nos “deixou” ali.

Pelo laço de confiança que estabelecemos, nunca cogitamos que ele não voltaria, mesmo quando nos sentíamos bastante perdidas naquele espaço público.

Hoje, percebo que não aprendemos muito sobre o amor dentro de uma configuração de família edipiana, heteronormativa e cis no sertão, falo aqui dos nossos vínculos maternos e paternos.

No entanto, aprendemos o que é o amor, talvez, com o nosso avô. Ele nunca fez com que confundíssemos amor e cuidado com violência, justamente, porque aos seus olhos éramos apenas uma criança, uma pessoa e nas suas lentes a visão binária do menino ou menina, estabelecida pelas lentes coloniais, tampouco aparecia.

Interessante que a nossa experiência se assemelha com o que a nossa amada bell hooks chama atenção em sua trilogia sobre o amor. Ao perceber que constrangimentos sutis e humilhações verbais ressoados de tons agressivos eram bastante presentes em seu ambiente familiar (Hooks, (2021).A nossa amiga íntima e parceira de escritas feministas e dissidentes, conseguiu nos mostrar que o amor não poderia ser assimilado a negligências emocionais ou a diversas violências que sofremos no sertão. Por não estarmos inseridas em uma performance de feminilidade hegemônica dentro daquele território. Quem sabe, o amor seja diferente de cuidado para nós, pessoas lidas como mulheres desviantes das normas de gênero no sertão.

O que pode explicar a razão da nossa mãe ter tanto “cuidado” (ou controle?) em não parecermos como homens. Uma vez que ela alegou que preferiria que fôssemos normais, no momento em que, aos vinte quatro anos, assumimos nossa primeira relação com uma mulher ou durante os nossos quatorze anos, quando ela ameaçou expulsamos de casa porque desejávamos outros, outras e outros como nós.

Quanta solidão sentimos naquele tempo, lembra? Nos obrigaram a cortar laços com tantas pessoas, era uma ameaça para a nossa família tradicional do sertão estarmos em comunidade. Com pessoas tão diferentes e ao mesmo tempo tão semelhantes a nós. Deve ser por experiências assim que a pesquisadora e psicóloga indígena Geni Nuñez (2023) nos ensina a ter desconfiança sobre aquilo que nos ensinaram ser em nome do bem e do amor, convidando-nos ao exercício de descolonizar os nossos afetos e os nossos pensamentos mais íntimos.

Ao apostar em uma ética de relações baseadas na ideia da não-monogamia, Nuñez (2023, p.37) nos abraçou genuinamente quando nos fez refletir que o projeto da monogamia orientada pela produção de subjetividade da heterocisnorma é responsável por diferentes violências sofridas por pessoas de gênero e sexo dissidentes. Visto que o Brasil é um dos líderes mundiais nos índices de assassinatos contra mulheres cis e pessoas trans, o que explica a expressão de extermínio e apagamento das subjetividades desviantes das normas de gênero no nosso país.

São por questões assim que o pensamento de Nuñez (2023) pode se cruzar com o da escritora e ativista do campo das dissidências de gênero Brigitte Vassalo (2022) que nos convoca a questionar o sistema monogâmico no mundo neoliberal. Já que esse modo de subjetivar e viver das pessoas, estando vinculado aos ideais do amor romântico e sexualizado, aparece de maneira natural em nossas vidas. A romantização do vínculo, sustentado pela exclusividade sexual entre casais, principalmente, heterossexuais, coloca o amor em um cenário de dependência não só emocional, como também socioeconômica criando práticas e discursos nas performances de gênero e sexualidade.

O que nos faz pensar que esse tipo de amor é um lugar que poucos de nós poderíamos acessar e alcançar.

Já que os relacionamentos não-heteros que não cumprem, por exemplo, uma função reprodutiva são colocados em um campo de estranheza social e outros vínculos emocionais com pessoas que existem fora do vínculo familiar não são considerados como vínculos de amor, sendo sempre terceirizados ou ficando em segundo plano. Já que o que define a monogamia não é apenas a exclusividade sexual, mas a importância do casal frente às amantes ou aos outros amores (Vassalo, 2022). A partir de que:

“A ideia de exclusividade não vem exatamente para delimitar as práticas, apesar dos esforços da polícia monogâmica para penalizar, perseguir e desencorajar as sexualidades promíscuas; vem, sim, para dar um carimbo de legitimidade a um tipo específico de relacionamento sexual em detrimento de outras possíveis eventualidades”. (Vassalo, 2021, 34-35).

Assim, querida Iasmin, caminhando nos últimos dois anos conhecendo algumas leituras feministas, questiono-me: em uma nação cis-heterossexista, binária, miscigenada, cheia de complexidades relacionadas a raça, classe, sexualidade, gênero e território, o que o discurso do amor produziu em nós, mulheres de sexo/gênero dissidentes? Por que a ideia de amor geriu muito mais captura, abandono, violência, descuido e falta de cumplicidade, do que nos inseriu a experiências de acolhimento, proteção, parceria e produção de autonomia? O que o processo de colonização no sertão teria a ver com tudo isso?

Na nossa dissertação de mestrado onde nos aprofundamos sobre o processo de medicalização de mulheres sertanejas, descobrimos uma historiadora chamada Miridan Falci (2018). Com seus estudos foi possível refletirmos a razão dos discursos do amor romântico atrelados aos discursos colonialistas serem responsáveis, até os dias atuais pela violência de mulheres no sertão, levando-as a experiências de sofrimento intenso, o que explica o seu alto consumo de psicotrópicos e o encadeamento das suas subjetividades medicalizadas (Bezerra et al., 2024).

Chegamos a essa conclusão, porque ao escrevermos com o nosso corpo nos aproximamos da teoria a partir da experiência com as nossas dores, assim como nos ensina hooks (2013), ao percebemos que essa ideia de amor é, muitas vezes, sustentada pela lógica colonial que coloca as mulheres do sertão em um regime de servidão. O casamento entre homens e mulheres compõem um projeto colonial que se inseriu no mundo moderno, através dos saberes religiosos e médicos que buscavam dentro dos ideais burgueses de relação, a partir de arranjos políticos ou familiares, instituir a monocultura e a heterossexualidade como relação legítima (Priore, 2018; Nuñez, 2024).

Tais apontamentos, fazem-nos lembrar da Silvia Federeci (2019), a pensadora marxista que ao criar a ideia de patriarcado do salário, faz-nos refletir porque a binaridade é tão importante para a manutenção dos modos hegemônicos de viver no capitalismo. Já que, a dependência econômica das mulheres por seus maridos é uma forma de controle do capital sobre a sexualidade das mulheres, sendo a repressão sexual da família uma função desse domínio. Além disso, porque a heterossexualidade é a única relação sexual aceitável, o contrário do que não cabe nos seus ideais, é percebido como impuro ou pervertido.

Além das questões de gênero evidenciadas, outro analisador sobre o processo de subjetivação amorosa das feminilidades no sertão, coloca-nos a refletir sobre os efeitos raciais nesse cenário. Del Priore (2005) nos conta que o processo de colonização demarcou quais eram as feminilidades destinadas ao exercício do amor. Mostrando-nos que as mulheres brancas seriam as mulheres casáveis a serviço da prole e da família, enquanto as mulheres negras ou aquelas lidas como mestiças seriam consideradas impuras, amantes dos homens brancos, europeus e burgueses e teriam a escravização de seus corpos justificada. Além disso, o casamento era percebido como uma forma de combater a miséria, pois casar-se na igreja impediria que o homem abandonasse a sua esposa, ficando obrigado a produzir o sustento da casa e a livrar-lhe da pobreza.

Além disso, Falci (2018) nos mostra que em meados do século XIX as mulheres do sertão nordestino seriam dignas de reconhecimento social apenas quando herdeiras de riquezas dos senhores de engenhos, de políticos locais ou de vaqueiros.

Ou quando donas de escravos e escravas e filhas de fazendeiros e quando as suas avós, preocupadas com o branqueamento das famílias, tinham o homem branco como o ideal para firmar uma relação matrimonial com suas netas. Destaca-se ainda que as escravas do interior do Nordeste foram mulheres indígenas e negras capturadas em guerras sertanistas entre índios e homens europeus.

Tais discussões fazem-se importantes quando percebemos as especificidades das feminilidades da mulher nordestina e nos questionamos sobre seus diferentes lugares políticos e sociais, refletindo como as políticas feministas, de gênero e de amor se inserem em nossas vidas. Assim, fica o convite de pensar juntas com bell hooks (2024) como nós mulheres, não-heterossexuais, nordestinas e não-binárias e outras pessoas de sexo/gênero dissidentes ao longo da história temos vivenciados as políticas de amor em nossos corpos?

Em seu terceiro livro de sua trilogia amorosa “Comunhão”, hooks (2024) escreve que ao longo dos anos o movimento feminista deixou de olhar para as políticas do amor ao confundi-lo com as políticas de poder. Ao buscar derrotar a categoria do patriarcado, supremacista branco e heteronormativo, as mulheres ao longo dos anos procuraram ascender e ganhar poder político no mundo fora do lar e da maternidade. Ao construir outros lugares políticos e sociais no exercício de suas práticas sexuais, por exemplo, rompendo com os pactos monogâmicos de exclusividade sexual sustentado pela masculinidade heterossexista.

No entanto, tal perspectiva de conquistar uma certa liberdade sexual mostrou suas limitações, disputas e barreiras. Já que hooks (2024) aponta que mesmo buscando vivenciar outras maneiras de viver relações, sem o pacto da exclusividade sexual entre casais heterossexistas, as noções patriarcais de possessividade continuaram. Uma vez que a rejeição sexual dos homens pelas mulheres, continuaram aparecendo como um analisador desse processo.

Ao mostrar que essas masculinidades rejeitavam estabelecer vínculos de intimidade ou de pactos sexuais com mulheres que tivessem uma relação principal com um homem que não era ele (hooks, 2024, p. 73).

hooks (2024) ainda nos faz pensar que pelo poder masculino continuar a predominar nessas esferas da nossa intimidade, mostrando que a ascensão socioeconômica, por exemplo, das mulheres não significava necessariamente a sua liberdade sexual, produziu o ódio e o ressentimento de feministas lésbicas radicais. “Uma vez que pareceu que “os homens capturaram a ideia de amor e a remodelaram para servir a seus fins. O feminismo radical não apenas incitava as mulheres a analisar nossas noções de amor; ele nos encorajava a esquecer o amor”. (hooks, 2024, p. 68).

Por isso, minha querida Iasmin, você já pensou que o amor que te faltou não foi por limitações psíquicas e biológicas dos nossos pais? Mas, justamente porque esse amor é herança de feridas coloniais, heterossexistas, ancestrais e por isso, patriarcais que herdamos? Será que essa falta, essa falha edipiana que produziu a rejeição de nossos corpos, colocou-nos no seio do desamparo do mundo, justamente por que o amor romântico falha miseravelmente ao falar sobre como podemos ou não o vivenciar?

Existem uns filósofos que me acompanham, desde a época de minha graduação e militância no campo da saúde mental, chamados Deleuze e Guattari (2011) que podem nos ajudar a pensar acerca das multiplicidades que compõe os nossos corpos e os nossos inconscientes, com sua ideia sobre um corpo sem órgãos.

Este seria um corpo vivo, porque ele se compõe pelas multiplicidades de uma população, ou seja, por um corpo que é povoado pelas conexões que estabelece com outros corpos e não por um regime unitário representado pela formação de uma família orgânica. O nosso inconsciente é permeado por esse corpo nômade que carrega em si grupos, tribos, signos, ancestralidades, populações e se forma por coletivos e não por enunciados pessoais e individuais.

É por isso que os filósofos vão afirmar que “há sempre um coletivo mesmo se se está sozinho” (Deleuze & Guattari, 2012, p.15).

Por isso, se pensarmos que a vida das pessoas se constrói pela representação de um complexo parental e se restringe a símbolos arcaicos da instituição familiar, excluindo toda a composição de multiplicidades (aqui, me refiro a questão de raça, sexualidade, gênero e território) que atravessam os nossos inconscientes, estaremos sujeitos a patologizar os corpos que desviam das relações binárias e identitárias. Ainda por cima, em consequência disso, estaríamos mantendo um regime de normas para condicionar modos de viver e de se relacionar em nossas sociedades ocidentais e colonizadoras.

Recentemente, enquanto descansava na casa de minha mãe no sertão assisti o longa-metragem “Anatomia de uma queda”, dirigido por uma cineasta chamada Justine Triet que tem concorrido a vários prêmios, como o Palma de ouro em Cannes, no último ano de 2023. Entre os vários fios que a narrativa cinematográfica nos provoca, alguns me chamaram a atenção. Eles se referem a configurações relacionais na cultura patriarcal que são regidas pela lógica monogâmica e binária e influenciadas pelos discursos do amor romântico e sexual.

Ao refletir sobre essa lógica de amar heterossexista, que também se estende às configurações de casais dissidentes de gênero/sexo, vejo possíveis ligações com processos de sofrimento e violências em nossas subjetividades. Esse modo de se relacionar, pode, inclusive, ser parte de experiências depressivas, como prefiro nomear, dentro da perspectiva da analista Maria Rita Kelh (2009).

Na narrativa do filme, observa-se uma inversão dos papéis de gênero dos personagens. O personagem masculino, um homem cis-hetero branco, que faz uso de antidepressivos, é o responsável pelo cuidado com o filho que é uma pessoa com deficiência. Ele se vê limitado a tarefas e atividades domésticas, entrando em uma crise melancólica.

Na meia-idade, percebe que sua companheira, agora uma escritora renomada, não limitou sua vida à relação ou à criação do filho. Ela conquistou ascensão social com sua escrita.

O personagem tem um forte desejo de também ser escritor, mas se queixa por não conseguir escrever. Isso alimenta grande parte de sua melancolia. Ele se sente sobrecarregado e estagnado profissionalmente, o que o leva a pedir a ajuda cooperativa de sua companheira com as “tarefas do lar”. Além de assumir compromissos com a vida doméstica e com a educação do filho, ele também trabalha como professor universitário.

Aqui, é possível abordar dois tópicos: a invisibilidade feminina na literatura, escrita e vida cotidiana, e as diferenças de gênero e experiências depressivas em corpos feminilizados e masculinizados dentro da formação de um casal heterossexual, branco e de classe média alta. E fazermos-nos questionar como nos contextos nordestinos, não-héteros e binários, se forma a nomenclatura do casal e os vínculos de exclusividade sexual que se reproduzem?

A pesquisadora Valeska Zanello (2018) contribui ao discutir que “violências de amor” se manifestam de diferentes formas na vida de homens e mulheres influenciados pelo dispositivo amoroso. Ela reflete que amar acaba sendo um trabalho em tempo integral para algumas pessoas lidas como mulheres. Sendo essa ideia de amor, muitas vezes, sustentada pela lógica colonial que ampara os signos e os ideais do amor romântico, colocando-nos em um regime de servidão em tempo integral.

Para Zanello (2018), os dispositivos amorosos e maternos estão vinculados a mecanismos sociais e políticos, historicamente, construídos em nossos modos de experienciar a vida. Essa política afetiva governa os afetos em nossos corpos. Ela se preocupa não apenas com o trabalho doméstico, mas também com arranjos familiares e políticos, estando socialmente interligados a diferentes tempos históricos.

Por isso, a pesquisadora destaca que o amor é visto como um processo natural em nossas vidas, ligado à sua identidade e moral monogâmica que parece prevalecer intensamente apenas em nossos modos de viver. Já que para os corpos tidos como masculinos, há um menor investimento neste tipo de relação. De tal modo que, experiências como traição, não dedicação exclusiva às tarefas domésticas e parentais, são bem vistas e aceitas com mais facilidade socialmente.

Tais questões nos fazem pensar que o amor romântico, pode acabar sendo uma grande armadilha na vida em nossas vidas e um grande intercessor na produção dos nossos sentimentos de tristeza e desamparo.

No contexto onde nascemos e vivemos, geralmente, as mulheres cuidam da casa e dos filhos. Muitas vezes, elas abdicam de suas carreiras profissionais, incapazes de sustentar esse regime de trabalho integral. Um dos grandes efeitos disso é a experiência com o sofrimento, levando-as, com certa intensidade, a processos depressores. Não à toa, no Brasil, as mulheres negras, periféricas, donas de casa e etc. são as maiores consumidoras de psicofármacos e de benzodiazepínicos (como Rivotril), as maiores usuárias de serviços de saúde mental na rede pública de saúde e a população com mais diagnósticos como ansiedade e depressão (Pereira & Passos, 2017).

Na inversão dos papéis sociais no filme, é interessante perceber que quem experiencia o processo depressivo é o “homem” da relação, que deveria cumprir as performances masculinas estabelecidas pelo social. O que nos convoca a pensar a depressão como um sintoma social, como aponta a psicanalista Maria Rita Kehl (2019), que entra em desacordo com normatividades sociais estabelecidas, pois como ela afirma, “a depressão é sintoma social porque desfaz, lenta e silenciosamente, a teia de sentidos e de crenças que sustenta e ordena a vida social. (...) os depressivos, além de se sentirem na contramão do seu tempo, veem sua solidão agravar-se em função dos desprestígio social de sua tristeza.” (KEHL, 2009, p. 21).

O personagem, em tratamento psiquiátrico e uso de antidepressivo, decide abandoná-lo para escrever. Em uma das cenas centrais do filme há uma grande discussão no qual ele explode verbalmente colocando-se em um lugar de vitimização. Esse lugar é “destinado” a ele para denunciar e acusar a companheira por não seguir seu ritmo, suas escolhas e ambições. Essas diferenças atravessaram suas vidas, causando impactos distintos na carreira e vida amorosa de cada um. Pode-se observar que a experiência depressiva induz um processo narcisista. O nosso tempo deixa de ser influenciado pelo tempo do outro, o tempo do mundo. Alguns sintomas estão claramente ligados ao ego. É perceptível que a pessoa em experiência depressiva encontra certa satisfação em seu sofrimento, considerando sua dor como única e até mesmo a “maior do mundo”.

Escutando mulheres e pessoas dissidentes de gênero na clínica e nos grupos de trabalho e de amizade: o que tudo isso nos convoca a pensar, querida Iasmin?

É muito comum que na vida em casal – atravessada pelo amor romântico – idealizarmos e até cobrarmos uma certa linearidade de tempo com aqueles com quem nos relacionamos. A verdade é que a vida linear é uma mentira que o neoliberalismo contou para nós. O tempo que é complexo e que se faz em uma relação singular com cada pessoa, é posto como instrumento de homogeneização. Afinal, o casal precisa desejar aquilo que lhes é igual. O que não os coloca em pontos de comum, deve ser excluído, exterminado e posto em um “não-lugar”.

Esse movimento pode ser ingênuo, indelicado e até insensível com a realidade do outro, podendo destruir as relações. Isso nos coloca em sofrimento contínuo, pois não conseguimos nos adaptar à lógica binária de relacionamentos e à vida estereotipada de um casal. Ao centralizarmos esse modo de se relacionar – até mesmo quando ele “fracassa” – e se observarmos bem ele fracassa constantemente, estamos contribuindo indiretamente para um modo de viver individual, solitário e propício a experiências de

sofrimento que podem contribuir para a intensificação das violências de gênero em corpos dissidentes.

A experiência depressiva pode evidenciar isso. Mostra que podemos nos perder estando em relação com o outro. Na busca desesperada pelo eu perdido, falhamos em ver o outro, o mundo e até nós mesmos.

E é por uma dessas razões que decidi te convidar, através dessa carta, para pensarmos estratégias de descolonizar o amor das armadilhas de gênero ao escrever essa carta que começa resgatando como experienciamos o amor com o nosso avô.

Ao partilhar um lugar comum com suas escritas dissidentes sobre o amor, bell hooks (2022) ao sentir-se genuinamente amada por pessoas como o seu avô, aponta que o elemento da confiança é uma parte preciosa do amor, e que um desses elementos fez com que ela sobrevivesse a atos de desamor em seu contexto familiar. No entanto, a partir dessas experiências e resgate de memórias afetivas, ela percebeu que o cuidado não é amor. Visto que o cuidado pode ser um dos elementos do amor, mas não pode ser colocado no lugar de seu sinônimo, pois muitas vezes ele pode acabar sendo utilizado, também, para justificar a violência em nossos corpos (p. 50).

Ainda sobre o sonho, o que achei curioso é que ao entrar em um processo de regressão dentro desta memória infantil, não era o meu avô que eu aguardava sentada, pelo contrário, eu estava percorrendo os comércios na cidade, em busca de algo que me era, intuitivamente, importante com um dos meus grandes amigos com quem divido a vida por mais de dez anos e que me ofereceu um lar quando migrei do sertão para a cidade.

Esse amigo chama-se Alexis, hoje ele se percebe como uma pessoa trans e não-binária. Quando nos conhecemos há mais de dez anos atrás, eu na faculdade de psicologia, ele na faculdade de letras, nos apaixonamos.

Quando o vi de longe com o seu jeito bonito e esquisito de se vestir que rompia com todas as noções de feminilidade e masculinidade que eu havia visto como identidade no sertão, desejei muito que fôssemos amigos. E nos tornamos. O desejo foi recíproco e ao longo de quatro anos estudando e trabalhando na psicologia para me manter viva na cidade grande, a casa de Alexis foi um lugar de descanso e deve ter sido a partir daí, que comecei a construir, a viver a pensar na construção de alianças de coalizões como uma experiência de amor verdadeiro em nossas vidas.

Mas, agora, sinto-me cansada. Quem sabe eu possa te falar melhor em uma próxima carta?

Com muito amor,

Iasmin, uma feminista que se despedaça.

Referências:

Bezerra, I. S. G., Nobre, M. T. L. N., & Amorim, A. K. de M. A. (2024). Mulheres, medicalização e grupalidade: experiência com gestão autônoma da medicação no Nordeste. *Revista Subjetividades*, 24(1), 1-14.

Brigitte Vassalo. (2022). *O desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos*. Editora Elefante.

Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *O anti-édipo* (2nd ed.). editora 34.
Falci, M. K. (2018). Mulheres do sertão nordestino. In M. Del Priore (Ed.), *História das mulheres no Brasil* (10th ed., pp. 241-277). Editora contexto.

Federici, S. (2019). *O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista*. Editora Elefante.

hooks, B. (2013). Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. WMF Martins Fontes.

hooks, B. (2021). Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Editora Elefante.

Hooks, B. (2024). Comunhão: a busca das mulheres pelo amor. Editora Elefante.

Lugones, M. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. Revista Estudos Feministas., 25(4), 935–952.

Nuñez, G. (2023). Descolonizando afetos: Experimentações sobre outras formas de amar. Editora Paidós.

Pereira, M. de O., & Passos, R. G. (2017). Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe. Autobiografia.

Priore, M. Del. (2005). História do amor no Brasil (3ed.). Editora Contexto.



Entre eu e eu: Um abismo à um átomo de distância

Gabriela Santos

Remetente Gabriela Santos, 08/07/2024

Destinatário: Gabizinha, meu eu de anos atrás, Natal/RN

Prezada pequena Gabizinha,

Vim por meio desta lembrar um pouco sobre e com você. Tenho tantas coisas a te falar, tantos desejos e sonhos que conquistamos e que temos a conquistar. Quero aqui te conhecer um pouco mais, a partir do olhar que tenho hoje, sobre mim, sobre nós, sobre você. Sinto que te conheci, até porque vivi sendo você, mas é tão complexo esse olhar. Porque ao mesmo tempo que eu vivia, eu não percebia, eu não me percebia enquanto eu. Sei que fui você, mas é um misto de sensações. Uma menina perdida em meio ao caos que é o mundo.

Você foi crescendo cada dia mais forte, mais guerreira, mais dura na queda, mesmo com seu drama de sempre! Sinto que você teve que, muitas vezes, ser seu próprio alento e apoio. Por isso, te nomeio aqui assim: Gabizinha; é como você sempre quis ser chamada, lembra? Acho que numa tentativa vã de se sentir cuidada, acolhida, abraçada. Aquele abraço que você sempre esperou e teve em um dia de trabalho vendendo axé, no meio da rua, no som da música alta e passada de jovens, uma pessoa te parou, falou contigo e abraçou, fez a respiração entrar em conjunto e lá você sentiu um peso saindo. Era como se toda aquela dificuldade que é viver fosse sugada de você. Lembro que veio um suspiro tão verdadeiro de dentro do seu pulmão, que quase que as lágrimas acompanharam. Como as coisas são, né?

Uma pessoa que você não sabe nem o nome, em um minuto, te fez conectar com algo até então adormecido, inebriado. Venho aqui te chamar pelo nome que sempre quis, para dizer que estou te acolhendo, viu? Estou te abraçando a cada dia que tento ficar bem, que procuro cada vez mais a minha saúde, para cuidar de mim, de nós, que há tanto sofreu, nas noites em silêncio, nos sentimentos calados, nos choros que foram proibidos de chorar...

Lembro da gente enquanto criança, que acordava já sorrindo, ali era na leveza da existência, mas quando fui crescendo, isso acabou se tornando uma cobrança, lembra? Lembra quando a cada manhã que te acordavam, para viver essa vida que não tinha sentido, te diziam o quanto você mudou, que antes era só risos e agora acordava fechada? Cadê aquela criança? Aquele riso frouxo? Aquele olhar brilhante? Acho que a realidade veio como uma pedra dentro do sapato. Nós não sabíamos muito bem entender, mas era exatamente isso, no não dito, que a realidade gritava. O que preciso fazer agora? Usar salto? Maquiagem? Sentar de pernas cruzadas e falar baixo? Check, check, check.

Fizemos como foi mandado e prescrito, pegando esse discurso para dentro da gente sem perceber que fazer tudo isso sem sentir se tornava uma dor, uma prisão. Mas você foi crescendo. Na morte do seu primo, você se libertou. Na ida para outra cidade, outro estado, você percebeu que existia um mundo ainda não visto. Viu que todas as vivências que você tinha tido enquanto pré-adolescente/adolescente poderiam ser possíveis de ter uma existência linda, potente. Eita que ali você ganhou força. Teve a faculdade como local de fuga, como local de descobrimento do mundo e das pessoas. Lembro da sua energia, de como você buscava tudo e a todos, que encontrou o caminho do feminismo decolonial, que encontrou os estudos de gênero e sexualidade...

Deixa eu te falar, hoje em dia ainda trabalhamos com isso, viu? Aquela voz que sussurrava mostrando que ali fazia sentido estar resoou. Fiz questão de ouvi-la sempre que possível e hoje me sinto feliz, me sinto entregue, me sinto no lugar certo.

Ainda tenho muito a construir, na verdade, temos muito a construir. Tantos planos, sonhos que já estão presentes e que ainda estão por vir.

Há uma pressa em viver, em conquistar nosso lugar no mundo que grita para ser expressa, Gabizinha, mas tenho calma, tento ter calma, vamos devagar e sempre. Quando eu penso nessa nossa força de não desistir e buscar as coisas, penso muito no que nosso olhar mostra. Não sei, é algo diferente.

Esses dias fui a um casamento e nele vi a mãe da pessoa que estava se casando, que era uma amiga de infância, e que eu não a via desde pequena. Assim que ela olhou para nós, ela disse: “Gabi? Não acredito, reconheci pelo olhar, continua com o mesmo brilhaço.” Nessa hora me assustei, o que será que esse nosso olhar possui? Que brilho de vida é esse que chama tanta atenção? Lembra daquela outra vez que uma pessoa disse que nosso olhar parecia com o da personagem da novela?

Aquele olhar é tão lindo, lembro que ganhamos o dia de tão feliz que foi esse elogio. Isso me faz pensar, me faz pensar no quanto fui e sou dura com a gente, me faz pensar em tantos momentos que não nos amei, que apaguei um pouco a nossa vivacidade enquanto ser, enquanto afeto. Preciso me lembrar desse nosso brilho, preciso me lembrar dessa energia que emana de nós, como uma válvula de escape para todo o caos que é fora e dentro da gente. Queria aqui te pedir desculpa por isso, Gabizinha. Sei que nem sempre nos demos bem conosco, sei que por muitas vezes não te ouvi suplicar por um pouco de carinho, amor. Você foi e é meu norte. Tento sempre entrar em contato com você porque é a minha luz em meio à escuridão. Tão pequena mas tão grande.

Penso muito nessa questão do afeto, fico a pensar em como eu sempre disse que tudo o que me movia era o afeto, sendo que em muitas vezes não soube nem o que era esse sentimento. Parece que de certa forma eu sempre busquei isso, busquei vivenciar essa realidade, até porque, foi através disso que eu senti o que é o significado de viver.

Não fazia sentido todos aqueles discursos sobre o que é certo e errado, o que precisa ser buscado, nada disso faz sentido. Foi no encontro do afeto que percebi a significância da vida, foi na sabedoria do afeto que eu pude sentir a vida. Sei que agora o vivencio, se não com outros, comigo mesma, mas ele está presente, em pensamento, atos e motivações. Sentir afeto é ser impactado por aquilo que te toca.

Sei que passamos por muitas coisas juntas, mas posso te falar que hoje em dia as coisas estão se organizando, estão caminhando em um caminho de paz, encontro, ressignificação. Queria te falar de um ponto que sou muito grata ao universo por ter permitido que eu vivenciasse. Hoje em dia nós estamos lesbianas! Pois é, Gabizinha, parece que o que sempre tentou se mostrar desde novinha veio à tona! Deixa eu te falar que aquilo que você acreditava ser amor, atração, desejo não era o que realmente são.

Hoje em dia eu sei que são coisas bem diferentes. Essas coisas não te fazem mais mal, hoje você está bem, hoje estamos bem! Precisando reaprender a cada passo, momento, pois o que tinha no passado não era o que realmente era você. Não vou ser ingênua e dizer que não mudaremos, mudaremos e muito, de opinião, de gostos, de maturidade, mas saiba que hoje você está em paz no local que está. Ainda com dificuldade? Sim, mas acredito que a vida seja assim, com seus pontos bons e ruins. Oh, Gabizinha, como é bom falar contigo, como é bom escrever uma carta e reviver momentos tão marcantes e fortes em nossas vidas! Não ache que te esqueci, tento estar presente, mas sei que às vezes falho. Mas estou aqui, sempre aqui. Saiba que meu coração está aberto às suas visitas. Sinto saudades da sua inocência, de não saber certas coisas do mundo e de si, que nos permitia só viver, só sentir. Mas, ao mesmo tempo, sou grata ao que aprendi, foram necessários para crescer e nos conhecer cada vez mais. Enfim, Gabizinha, muito obrigada por tudo o que você sempre me ofereceu, sempre me guardou e cuidou de mim. Contigo sinto que vou longe.

É no amanhecer do sol que te encontro
é no olhar da divindade que te vejo
eu em ti
você em mim
luz que perpassa horizontes
terras, mares, oceanos
sei que não sou flor
mas também não sou espinho
sou junção de todo o mundo
em ti, em mim
tudo é vastidão
olhar de um pequeno a sorrir
olhar de uma mãe preocupada
serenidade de quem sentiu que é amado
vem e me mostra o que é viver
vem que te mostro o que é viver
eu e você
voz unívoca que rememora à tantas vidas
sempre assim, sempre nós.

Atenciosamente, sua Gabi.

Autoria: Gabriela Ferreira dos Santos Tinoco.



É para a dona Anita...

Tiago Coutinho Parente

Fortaleza, 08 de setembro de 2024.

Vó Anita,

há uns 15 dias venho pensando na senhora. Desde quando assisti ao espetáculo “Interior”, do Grupo Bagaceira. A peça é um convite para lembrar de nossas avós. Foi um bonito disparo de memória. Fiquei tão mexido que publiquei um textinho no meu Instagram. E, assim... deu uma repercussão tão legal. Lá, eu expliquei que seu nome de registro era Maria José e, por motivos desconhecidos, todes lhe chamavam de Anita, mas eu... Eu nunca chamei a senhora de vovó Anita. Era apenas vó!

Você se foi há 14 anos. O quintal da casa dos meus pais dava para o seu quintal, eram coladinhos. Eu corria e chegava lá pra tomar café e assistir televisão. Às vezes, emendava no almoço. Aquele feijão de corda de caldo fino, chei de coentro, era bom demais. Mas daí, minha mãe descobriu que, às vezes, eu pedia dinheiro pra senhora. Brigou comigo. A mãe disse que se ela soubesse d’eu pedindo de novo, eu apanharia. E a senhora sabe que era verdade.

Então, eu apelava pro teatro, fazia um drama. A primeira vez foi improvisado. Cheguei na sua casa com a carinha triste, toda emburrada. “O que foi?”, você perguntou. “Nada não”, eu dizia. Era a deixa pra você insistir. A senhora rapidamente entendeu a cena. Repetiu umas três vezes. “O que foi?”. Então, eu cedi “é porque eu queria comprar um picolé e não tenho dinheiro”. A senhora ia lá e oferecia. Assim, eu podia aceitar. A cena se repetiu tantas vezes, tantas... Éramos afinadíssimos. O texto bem decorado. Eu fazia o papel da criança “que não podia pedir”, e a senhora, da vó generosa que descobria o desejo do neto e “oferecia”.

A senhora então ia procurar alguns trocados. Lembro da senhora sempre reclamar do meu avô roubar seu dinheiro. Só depois, muito tempo depois, para a minha vergonha, entendi que a senhora era vítima de violência patrimonial. A senhora e muitas mulheres da minha família tiveram seus salários controlados pelos maridos. Mas a senhora tinha a estratégia de dobrar bem dobrado parte da sua aposentadoria e escondê-la entre os bolsos de seus vestidos. As cédulas ficavam perdidas, e a senhora catava, literalmente, nos bolsos.

Vó, quando a senhora partiu, descobri que a senhora não escondia apenas dinheiro. A senhora tinha essa mania de acumular as coisas, guardar para algum dia precisar. Havia, por exemplo, inúmeras louças nunca utilizadas. Era para não gastar. A senhora esperava uma ocasião especial, nunca chegou. E entre as coisas escondidas, guardadas, havia uma caixa de sapato com inúmeras fotos de pessoas desconhecidas, mas cheia de memórias minhas e de outres. Minhas tias iam jogá-la fora, e eu a pegay pra mim. Foi a minha única herança sua. Volta e meia, eu mexo nas fotos. Por causa da peça do Bagaceira, mexi de novo, e encontrei vários retratos de Anitas que sequer conheci.

O destino – dias depois de publicar meu texto sobre a senhora –, o destino me fez descobrir uma chamada de publicação do Laboratório Uné com a provocação “por onde estão as cartas que não enviamos, ou ainda, que não escrevemos?”. Foi realmente um chamado. Eis-me aqui, escrevendo a carta nunca enviada. É a primeira vez que tenho coragem de escrever sobre a caixa, escrever para a senhora. A caixa e o espetáculo “Interior” me fizeram reconectar com as suas lembranças. Aí, tem uma outra cena sua comigo no teatro. Eu lembro com muito carinho. Com ela, eu gostaria de encerrar esta missiva.

“É porque eu queria comprar um picolé e não tenho dinheiro”. A frase poderia caber qualquer coisa no lugar de picolé. Ela realmente se repetiu muitas vezes. Poderia ser um bolo, um chocolate, um brinquedo, um livro, um ingresso de teatro. Eu sempre gostei muito de ir ao teatro. E era a senhora, quase sempre, que me dava dinheiro para comprar o ingresso, principalmente quando a peça era de fora, as mais caras, com atores e atrizes famosos. E uma vez era “Gata em teto de zinco quente”, texto de Tennessee Williams. Quem fazia a Maggie, a protagonista, era a Vera Fischer. “Ah, com a Vera Fischer, eu quero ir também”.

Sentamos, eu e a senhora, nas primeiras filas do Theatro José de Alencar. A senhora, perfumada e elegantíssima, dormia que roncava. Eu, rindo por dentro, encostava sutilmente meu cotovelo na senhora para tentar acordá-la. A senhora suspirava, abria os olhos, um pouco assustada sem saber direito onde tava, e mostrava interesse “ô peça boa, é boa né, essa peça?”, voltava a cochilar. Entra agora a trilha sonora, “aparências nada mais”, na voz de Márcio Greyck, aparece também os créditos iniciais do filme de nossas memórias: as minhas com a senhora.

Ah, vó! Como foi bom lembrar da senhora. Obrigado, Bagaceira. Como foi bom também escrever esta carta. Obrigado, Laboratório Uné. Espero em breve te mandar mais notícias, vó! Mas estou bem, viu. Comendo direitinho, botando meu corpo no mundo.

Um beijo,
Tiago



Carta para Yayá

Ana Cecília Ferreira

Mãe, me lembro de todas as vezes que você me dizia que eu poderia entrar no mar que não me afogaria, me lembro de tudo e de nós andando de pés descalços pelas areias do mar de Praia do Forte quando tudo aquilo era uma vila de pescadores das mais lindas e charmosas que posso me recordar. Suas horas eram tão cheias de cuidados com tantas pessoas que hoje olhando para trás acho até que você era uma especialista do amor fraterno. Sim, você era mesmo!

Daqui dessa terra, debaixo desses céus que guardam mais que nuvens, escrevo com honra ao nosso legado histórias lindas de mim e de nossas tantas outras que para além de margear a minha memória inundam minhas entranhas de força e afeto.

Mãe, a sua falta um dia foi imensa até eu descobrir que você estava comigo em todos os lugares e que seus ensinamentos correm nas minhas veias nesse para sempre de durar nesse mundo e assim eu fui amenizando esses espaços de falta, colocando mais amor em mim, em tudo que coloco as minhas mãos de fazer arte e poesia.

Elza, a Yayá mais linda, amor eterno. No Natal eu ainda encho a mesa de todas as frutas possíveis, rosquinhas, pitanga e palmeiras na decoração só pra te sentir mais perto adornando minhas viagens de existir nessa terra gigante. O seu legado será honrado e homenageado em todas as cartas de amor que eu tenha fôlego de escrever, cada linha das palavras que lanço ao mundo é uma forma de te agradecer por ter sido a Yayá imensa em tudo que fez.

Outro dia fiz uma sopa e fiquei lembrando de você na cozinha daquela nossa casa antiga com portas azuis, piso vermelho, paredes por pintar e o cão cor de caramelo guardando nosso espaço cheio de plantas verdinhas viçosas. Fui e sou sempre muito feliz nas memórias que me cercam e traduzem de forma direta a grandiosidade da sua existência.

Mãe, sinto saudades, mas sinto muito mais a força do legado que você deixou, sinto suas mãos segurando a minha e me dizendo que não vou me afogar ao entrar no “mar” e quem lê mais ampliado saberá que isso não era apenas sobre o mar. Obrigada por acreditar que eu podia muito mais. Obrigada por me parir e libertar os sonhos para me dar a liberdade de ser quem eu quisesse e conseguisse. Foi por conta da sua liberdade que eu estou aqui e enxergo além. Obrigada, minha Elza!

Amor, sua filha Ana Cecília Ferreira.





Nomear é (re)existir

Elisa Silva Lucas

Aracaju - SE, junho de 2024.

Vó, da senhora, inicialmente, herdei o nome. Quando cheguei ao mundo você não mais estava. De ti me restaram apenas as histórias contadas pela minha mãe, outra Maria. E como registro imagético ficou apenas a sua identidade com o polegar e a informação de que não fora alfabetizada.

Nomear é mais que definir, é dar lugar de existência. Minha mãe que herdou o nome da irmã falecida, talvez sem intencional compreensão de que um nome é o nosso primeiro lugar no mundo, reformou seu nome antes de me dá, tirou o Maria e deixou o Elisa. Hoje, penso que essa decisão simbólica teve a força de me abrir caminhos mais largos do que tiveram vocês, que carregaram no nome e no corpo o destino “de uma gente que ri quando deve chorar. E não vive, apenas aguenta”.

Vó, nunca me contaram sobre os seus sonhos, a cor dos seus olhos, como se divertia, e tantas outras coisas que gostaria de saber sobre você. Essa Elisa que veio antes, que me deu nome, e alinhava em mim o fio de ancestralidade mais distante que consigo tocar. Cresci alimentada por uma espécie de ode ao cansaço, ao esforço, a subserviência feminina e ao silêncio. Queria muito saber se quando você provou do sofrimento soube e teve espaço para chama-lo pelo nome.

Enquanto te escrevo, Chico Buarque invade este cômodo cantando que “preciso não dormir até se consumir o tempo da gente”, o tal tempo que “refaz o que desfez”. Seria este o tempo de romper com essa ancestralidade de mulheres que adoecem, sem perder de vista que vocês também sopram nos meus ouvidos coragens de recomeços?

O tempo que é meu, mas também é seu, e de todas as outras que já vieram e ainda virão. Para que assim, tenhamos mais que sofrimento, silêncio e apagamento como herança. Apagar memórias é apagar existências. Penso que ter ouvido tão pouco sobre a senhora me roubou o direito as várias faces de uma mesma história. A quem serve o apagamento da sua história e de tantas outras nesta teia geracional?

Eu quero saber mais da sua existência, e quero lembrar. Te escrevo para te manter viva, para autorizar a minha existência de raízes longas, e te tirar do silêncio que a história produziu, e assim te (re)criar em mim. Te empresto as minhas palavras como morada, enquanto te escrevo para deixar marcado nas paredes da memória que a vida andou para frente. Caminhos se abriram e permitiram que as minhas folhas crescessem por outros horizontes, sem perder o contato com o solo.

Querer saber de você nasce, sobretudo, da minha urgência em não repetir a história dessas mulheres que adoecem enquanto são boas para todo mundo, menos para si mesmas. Acessar o passado tem me ajudado a viver meu presente. Inventar e construir um futuro próximo onde a vida dói menos, em que seja possível fazer do corpo-trabalho, corpo-prazer e celebração. E sei que não ando só neste percurso criativo.

Te escrevo para não deixar morrer a delicadeza que foi tamponada pelo sofrimento. Para reivindicar o direito de, assim como sinto as dores, de agora e outrora, eu também possa sentir a sua ternura e o seu colo que não experimentei. E assim, como quem refaz um testamento, além do nome e da força, fico também com a herança que foi escondida pela dor silenciada.

Dentre os elogios que mais me dão alegria, estão delicada e sensível. Penso no quanto é revolucionário transpassar a seara da sobrevivência, tão presente na nossa história, e poder ser forte como um búfalo e leve como uma borboleta.


Te escrevo para ocupar os espaços que lhe foram roubados. Quero os reconhecimentos que te foram tirados. Os lugares que nunca te permitiram pisar. Como quem sutura o corte que a navalha estrutural da história impôs a sua carne, e assim estancar o sangue derramado sob tudo que você poderia ser, experimentar, conhecer.

Te escrevo como recusa a silenciar, como antídoto contra o embrutecimento e apagamento. Afinal, seu nome em mim não me deixa esquecer que “quem traz na pele essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida”.

Honro a sua existência e te celebro em palavra. Da informação ‘não alfabetizada’ na sua identidade, passando pela minha mãe alfabetizada e por anos reduzida a ‘dona de casa’, eis-me aqui. Recordando a Carolina Maria de Jesus: “Assim como as palavras, as pessoas que as escrevem não podem ser apagadas”.

Sua Neta, Elisa Silva Lucas.





Uma carta às ex namoradas do meu parceiro...

Larissa Guilherme Pessoa de Assis e Souza

Sei que provavelmente, por causa da socialização que nos foi inculcada, você(s) me odeia(m), e, com razão.

O trabalho por parte da mídia, do cinema, da igreja, e da escola capricharam fudido em me pintar como a pessoa mais odiosa da terra pra você, com grande potencial de fazer bonecos de vodu com as coisas que ele ainda guarda de vocês e de te querer mais bem enterrada do que a personagem de Kill bill.

Queria dizer que por sorte (e por uma meia dúzia de privilégios também), encontrei com mulheres maravilhosas no meu caminho, e que me mostraram que te devo muito, e por isso, te agradeço e te quero muito bem.

Nessa carta imaginária, que eu estou escrevendo, você chegaria a vê-la até aqui pelo menos, o que não aconteceria na vida real pelo potencial destrutivo e raivoso que foi lançado sobre a minha imagem na sua cabeça. Me imagino como aquela mulher cheia de cobras na cabeça ou como a personagem velha e chata dos Monstros SA.

E aí que eu queria dizer, também, que tudo bem, ainda assim, você não gostar de mim. Feminismo não é sobre laços e cirandas, é sobrevivência, como eu sei que você também deve saber bem, né. Quando tudo termina a culpa sempre é da mulher, e aqui não foi diferente. E já imagino que quando vocês terminaram quem te acolheu foram suas amigas (enquanto os amigos dele se distanciaram sorratamente com aquela desculpinha "agora não dá pra ser amigo dos dois") e isso foi basilar para você juntar os caquinhos (fiquei sabendo que a galera foi totalmente otária com você no término), e vir, vigorosa novamente à vida, como eu te vejo nas fotos que perambulam de você aqui e acolá. Te acho linda.

Eu queria que se fosse pra você me odiar que fosse por ser quem eu sou, pelos meus defeitos e tudo mais, e não por eu estar, por hora, por aqui com ele.

Gostaria, então, que você soubesse meus defeitos e pudesse construir uma ideia real de mim. Olha, queria te dizer que eu sou meio nervosa com quem machuca animais ou com quem-eu-acho-que-está-machucando e muitas vezes tiro interpretações equivocadas das coisas. Eu sou uma ex-vegetariana militante dos direitos dos animais muito "reeira", e como até carne mal passada hoje em dia. Luto todos os dias para que mulheres tenham seus corpos livres, mas minha mente continua presa em uma balança de supermercado. Eu sou péssima em manter contato e as vezes me apaixono por conversas e pessoas, e fico horas a fio. Eu gosto muito de sushi, mas ele tem que ser barato pra me deixar mais feliz e eu me digo contra as estruturas do capitalismo, mas sou amarradíssima, e vivo duramente o conflito de sentir prazer e de me sentir presa à produtividade acadêmica.

Eu gostaria que, um dia, a gente pudesse se esbarrar (pq vai acontecer, natal é um expresso-ect lotado e todo mundo sabe disso) e você pudesse me cumprimentar sem se sentir ameaçada e invadida.

Eu queria te dizer que desde que eu cheguei aqui (nele) eu tenho lutado pela ideia que vocês dois criaram problemas, e que vocês dois se machucaram ao longo da relação. Queria te falar que eu tenho resistido à ideia de só escutar a versão cômoda e arranhada que a galera insiste em contar nas mesas de bar que a gente vai, aonde você é (claro) passada de louca, controladora e ciumenta. Que eu sou uma versão bem mais tranquila e amena. Que ele tá feliz comigo como nunca esteve com ninguém. Puf.

Gostaria de retomar que eu tenho aprendido muito sobre você por meio das histórias que ele me conta (e que por vezes sinto sua dor e tenho vontade de compartilhar com você como minhas estranhezas se parecem com as suas) e sobre as coisas importantes que você o ensinou sobre ele, sobre a vida, sobre relacionamentos. Lamento, então, no mesmo compasso que agradeço, por você ter vivido diversos processos com ele, e tê-lo ensinado, como foi possível para você essas coisas, fazendo o terreno ficar mais maduro para a gente florescer.

Queria concluir na intenção que comecei. Nada disso é fácil. Não te odiar, não é tarefa simples. Envolve me questionar diariamente acerca de múltiplas estruturas que nos constroem, ao passo que elas nos mantêm refém. Talvez seja a maior e mais antiga síndrome de estocolmo de todas. Mas isso, que eu vos falo, é um projeto político, um projeto de libertação de todas nós, e vale a pena investir nele. Quando for possível para você, mulher, entenda, não faz sentido a gente se odiar só por causa de um homem.



Sobre minha experiência com Grupos com Homens Autores de Violência

Talles Fabião Lacau da Silveira

Antes

Olá Allan, venho lhe escrever com muito carinho

No semestre passado eu comecei a me questionar sobre o que é ser homem e quem eu era nesse cenário. É óbvio que essas questões me atravessaram ao longo de toda a minha vida, e eu sempre tentei performar da melhor forma possível nesse papel que tinham me dado. Não sei como foram nas outras décadas, mas tenho a sensação de que nos últimos dez anos tem entrado muito na cultura popular o questionamento dos papéis de gênero. Ao mesmo tempo, que eu tinha exemplos de homens com atitudes misóginas e sexistas, que objetificavam as mulheres, não se preocupavam com a própria saúde nem com sua estética, que se bicavam entre eles pra subir em certa hierarquia, não tinha referências de homens que não seguissem esse padrão que era tão abominado. Então, ao mesmo tempo que parecia que de alguma forma as pessoas me incentivavam a ser esse homem marcadamente machista, elas também abominavam esse homem. Eu e alguns outros colegas nos sentimos sem perspectiva. Quem eu que vou ser?

A bell Hooks vai dizer no livro “Feminismo é pra todo mundo” de 2018, como no final do século passado se popularizou o feminismo reformista nas mídias sociais, que vinha na ideia de luta por igualdade, em que as mulheres deveriam poder fazer o que os homens já faziam, o que reforça uma luta entre homens e mulheres, a ideia de um feminismo “anti-homem” e promove a reprodução de um sistema opressivo (Hooks, 2018).

Essa perspectiva reformista de feminismo foi a principal que eu entrei em contato na minha juventude. Mesmo que de forma sutil, parecia que cristalizava a noção de mulher como vítima e homem como agressor. E, de fato, pessoalmente eu sentia que essa naturalização da agressividade e da violência como aspecto essencialista da masculinidade me perseguia desde o colégio. Só depois fui entender que me faltava repertório, que não era apenas porque eu não era agressivo, que não reproduzia violência, eu não sabia como essa cultura moldava meu comportamento e nem quais atitudes eu deveria ter frente a essas expectativas de gêneros.

Muito dessas expectativas vieram da minha família. Cresci em uma clássica família tradicional brasileira, Pai provedor, racional. Mãe, cuidadora dos filhos e da casa. E tudo isso permeado pelo maravilhoso Catolicismo. Os discursos sexistas e homofóbicos eram ditos sem dó. De forma mais explícita, impossível. Questão social era algo banalizado, frases como “Quem não trabalha é porque não quer” ou “Quanto caixa de supermercado vazio e tanta gente vagabunda desempregada” eram comuns. Já questões raciais nunca eram comentadas, simplesmente não existia, e quando eu trazia esses debates era algo como “Meu pai era racista, (e traziam relatos de uma situação de violência explícita com pessoas pretas) eu não sou”; “negro (dito em tom baixo, como se não pudesse ser dito) é igual branco”. Eles só reconheciam o racismo na dimensão explícita, diretamente violento, não de maneira estrutural como parte de um sistema que produz exploração e opressão. Há uma contradição implícita propriamente em dizer negro em voz baixa enquanto branco não recebe essa mesma censura, e ao final, ainda afirmar que há uma igualdade, essa afirmação tem o propósito de ignorar as desigualdades sociais com marcadores raciais, e mentir para si mesmos para não admitir que o sistema os beneficia, é uma forma de evitar a culpa branca.

E eu reproduzi muito, mas muito mesmo disso antes de começar a me abrir para o mundo. Percebi que eu não necessariamente concordava com aquelas palavras que saíam da minha boca, que talvez eu nunca tivesse parado pra pensar sobre cada uma daquelas questões, e realmente me senti fazendo uma Craniotomia quando eu comecei a perceber que tudo aquilo era extremamente violento. E mesmo agora percebendo, não estou isento de reproduzir tudo isso, só estou tentando estar mais atento a como essas questões atravessam as minhas relações.

Então Allan, agora vamos entrar em uma questão delicada, algo muito pessoal que contei a poucas pessoas, também sei que pode parecer “Homem branco, cis, hétero e de classe média se vitimizando pelo machismo :(”, mas a ideia não é essa, é importante reconhecer como as expectativas de gênero me machucaram e constituíram parte de quem eu sou, para que depois eu também reconheça como projeto isso em outras pessoas de diferentes formas. Vamos lá. Me atravessou muito, o que eu, como menino, precisava fazer. A frase “homem não chora” nunca foi dita pra mim, porque eu nunca chorei. Ninguém precisou me dizer pra não me emocionar; não me sentir magoado pelas palavras; não expressar minhas emoções; não sentir saudades; não sentir amor pelas pessoas.

Porque era implícito, que o Homem precisa ser forte, e que se abrir, se colocar em situação de vulnerabilidade, me permitir sentir, era abrir brecha nas minhas defesas pra fraquejar e outro homem me atacar.

Só que, durante a adolescência, eu comecei a criar um culto pela dor, através da raiva.

Não com os outros, porque ninguém gosta de homem agressivo, então voltei isso pra mim mesmo, comecei a me mutilar, porque a dor física era mais permitida que a emocional. Tinha um certo gosto pelo sangue, pelas marcas que ficavam, parecia uma forma de ganhar do sofrimento. Mas na verdade era o contrário. Enfim, herdei tanto o racionalismo quanto a sensibilidade, esses dois aspectos estavam em mim, assim como em qualquer outra pessoa, mas o roteiro que me deram reprimia a segunda parte.

Foi então que eu comecei a encontrar brechas na cultura machista que me permitissem me expressar. Mas Allan, não conta pro Diretor, se não ele vai brigar comigo. Comecei a usar da racionalidade para entender o que eu estava sentindo. Ou seja, usei dessa característica masculina (racionalidade), pra dominar a feminina (sensibilidade), e comecei a me aproximar de pessoas, conversar sobre a vida, experiências, questões emocionaaaaiissss... adivinha com quem? Mulheres! Porque meninos não falam de emoções. Comecei a namorar, porque afinal, é permitido sentir emoções por mulheres né? É normal que mulheres também sintam, né? Responde aí, Diretor. Enfim, ali começou a minha craniotomia, me abri pras questões LGBTQIA+, porque a menina com que me relacionei era bi, comecei a romper com alguns estereótipos de masculinidade, perceber questões estruturais como racismo, a produção de desigualdades.

Tá Allan, sei que parece que o texto tá sem propósito por enquanto, mas escrever tá sendo muito terapêutico pra mim ok? Lembra daquele projeto que havia lhe contado? O Ágora, com Grupos Reflexivos e Responsabilizados com Homens Autores de Violência?

Então, os grupos são uma medida protetiva, em que fazemos reflexões com homens que foram acusados pela lei Maria da Penha e estão em processo de julgamento, a proposta é desnaturalizar as violências, questionar os tensionamento de estereótipos de gênero e desarticular as masculinidades como expressão da violência (Mauricio et al., 2022). Como a gente faz no *Ágora*, o primeiro passo é o acolhimento e a aproximação, para entender como aquele homem foi e é atravessado por essa masculinidade hegemônica, para depois, quando o ambiente for seguro, eles serem sinceros, se abrirem e se colocarem em vulnerabilidade, para aí com essa proximidade, a gente refletir sobre seus discursos e mostrar outras possibilidades de se relacionar.

Mas voltando para história, na segunda fase da faculdade uma professora do Departamento de psicologia nos deu aula sobre como Naturalmente os Homens são menos sensíveis nas relações com os filhos e filhas, que a Paternidade em Essência é limitada a dar limites e no máximo fazer brincadeiras dinâmicas que estimulem a criança a ter iniciativa e correr riscos (Dumond & Paquette, 2013; Paquette, 2004) e, ainda, exibiu a teoria de outro professor do departamento corroborando com essa perspectivas. Olha que supassumo da educação brasileira, vindo de profissionais da psicologia, enfim, sabe o que que eu fiz, Allan? Protestei na aula? Fiz um questionamento de forma reflexiva? Falei das minhas ambições em ser um pai diferente? Dei algum relato pessoal? Esfreguei minhas cicatrizes na cara dela pra ela ver como o discurso que ela dissemina é adoecedor? Não, não fiz absolutamente Nada. Fiquei lá, igual um trouxa, escutando ela falar, e ninguém na turma falou nada também. Mas aquilo mexeu comigo, fiquei remoendo como aquilo me machucava, e tinha uma culpa também de ser complacente a essa merda de discurso ao me abster.

Enfim, mas isso resultou em algo bom, porque o trabalho final dessa disciplina foi livre, e adivinha do que eu falei? Exatamente, sobre como uma paternidade insensível pode ser adoecedora. No fim, quando fui ler a pesquisa desse professor ela nem é tão essencialista assim, até faz algumas pontuações sobre o contexto cultural. O mais curioso nessa história, é que durante as pesquisas eu descobri que existe todo um segmento em estudo de gênero que fala sobre masculinidades, que faz as críticas que eu fiz sobre a paternidade insensível. As pesquisas da Connell que começam em 1995, que identificam hierarquias de masculinidades e como elas se reproduzem, conversas com teorias feministas, buscando não criar uma masculinidade “boa” mas sim romper com essa estrutura hierarquizante, a ideia não é de construir e disseminar um ideal de “bom homem”, mas sim de desconstruir os aspectos normativos de masculinidade para possibilitar a performance singular de cada pessoa (Beiras et al., 2021; Connell & Messerschmidt, 2013; Hunter et al., 2017). Enfim, a conclusão é que tive muito orgulho do meu trabalho, tirei 10, mas quando fui tentar ter um feedback da professora fiquei com a impressão que ela nem leu meu trabalho. E, apesar de ter me questionado sobre vários aspectos normativo de masculinidade, evoluído muito minhas habilidades em fazer pesquisas e feito eu me entender um pouco melhor como homem, aquele trabalho não teve de fato uma mudança social, não realmente viu a luz do sol, nem mesmo foi passível de crítica, e essa professora não foi a única que se negou a ler esse trabalho, só foi a única que estava sendo paga por dinheiro público para lê-lo.

Durante as pesquisas para aquele trabalho me pareceu que uma popularização das teorias de gênero reduziu a matriz de expressão de gênero a uma visão binária que associa gênero diretamente ao sujeito mulher, ou a pessoas trans (e olhe lá, porque as pessoas trans ainda são muito invisibilizadas também nas questões de gênero, principalmente homens trans),

e os estudos de masculinidades acabaram sendo deixados de lado. Estou dizendo isso para vitimizar nós, os Homens? Não, pelo contrário, é justamente para nos incluir nos debates de gênero, e isso inclui nos responsabilizar por violência de gênero e admitir os benefícios que as hierarquias de gênero nos trazem. Ao fazer pesquisas específicas sobre masculinidades, rompe-se com o pacto narcísico, retirando o caráter universal e androcêntrico, para estudar os constructos sociais que definem os padrões hegemônicos de gênero e como eles são reproduzidos. Estou dizendo que a gente precisa levar em conta as teorias de gênero referentes às masculinidades, justamente para conseguirmos desconstruir os papéis de gênero e evidenciar normas culturais que são naturalizadas e que reproduzem violência. Como afirmou Connell em 2017, em uma entrevista concedida a Marcos Nascimento: “Uma compreensão relacional das masculinidades informa projetos de mudança e lutas pela igualdade de gênero, que já estão a expandir as possibilidades emocionais dos homens nos locais de trabalho e nas famílias” (2017, 3975–3980).

Ágora

A Primeira vez que eu fui atuar em um grupo reflexivo com Homens Autores de violência (HAVs) na minha cabeça eu tava um tanto nervoso, mas eu dizia pra mim mesmo “Esse é um trabalho importante, e alguém precisa fazê-lo, eu fiz estudos sobre esse tema e tenho domínio, eu sou capaz de fazê-lo.”. No dia, eles foram sentando nas cadeiras, suando, com os rostos vermelhos, pareciam realmente estarem nervosos, enquanto eu estava tranquilo, eu era o profissional de psicologia e eles os autores de violência. Era uma posição confortável para mim. Eu havia hierarquizado a nossa relação, me colocado na posição de profissional, detentor de um saber, não violento, enquanto eles estavam na posição fixa de agressores.

Só que essa atitude em si é violenta. Esse movimento de hierarquização me coloca em posição de superioridade em relação a eles, os sujeitando ao meu julgamento moral, em que eu saberia o que é melhor pra eles ignorando completamente suas vivências, sentimentos, história e individualidades. Isso é uma violência institucional e de Estado (já que eles estavam ali por uma determinação do Poder Judicial).

O movimento de passar por cima das subjetividades dos indivíduos foi visto prática manicomial e nas políticas higienistas, servindo a uma classe elitista por uma visão individualizante que patologiza o indivíduo com comportamentos moralmente tidos como desviantes, e a psicologia vinha a oferecer uma solução para enquadrá-los na ideia de normalidade, enquanto na verdade, a ideia de normalidade em si que produz adoecimento (Silva & Carvalhaes, 2016; Martín-Baró, 1997). Ou seja, a psicologia foi usada como ferramenta de modificação dos indivíduos para impor-lhes os padrões sociais dominantes, servindo as classes mais altas para reproduzir um sistema opressor.

Essa lógica manicomial ainda está muito presente na psicologia hoje em dia, por isso é tão necessário se atentar às relações e ao contexto hegemônico nos quais os próprios profissionais também são subjetivados (Silva & Carvalhaes, 2016). Como exemplifiquei ali na minha prática profissional, mesmo estudando sobre o tema e sabendo o quão totalizante e contra a metodologia é o movimento de hierarquização, eu o fiz, mostrando como essa prática é enraizada na sociedade e faz parte da subjetivação do profissional da psicologia. É uma verdadeira armadilha Allan.

Por isso, a psicologia precisa se propor a repensar tanto a atuação quanto o processo formativo do psicólogo, criticando a mentalidade totalizante e normalizadora, além de manter-se sempre autocrítica as formas de reprodução dos aspectos hegemônicos e homogeneizantes que hierarquizam e produzem exclusão e violência.

A própria psicologia tem enfrentado a escolha entre acomodar-se a um sistema social que a beneficia ou confrontá-lo criticamente e se engajar em uma luta por transformação (Martín-Baró, 1997). E eu me vi muito nessa posição de confortabilidade, e o que me fez perceber o meu ato de violência foi justamente a escuta dos homens e posterior identificação.

Durante aquele mesmo encontro, conforme eles foram contando suas histórias de vida, seus pensamentos e sentimentos, a forma com que conversaram conosco, eu percebi que eles eram simplesmente, iguais a mim, e comecei a me sensibilizar. Começou a me dar uma crise de identidade no meio do grupo, “Será que foi só isso mesmo?”; “Será que ele não está interpretando um personagem?”; “Será que eles não estão falando o que acham que gostaríamos de ouvir?”; “Será que ele não está mentindo?”. Repare que todo esse meu movimento de questionar as intenções e veracidade nos discursos dos Homens vem de uma tentativa de me afastar deles, porque talvez seja mais fácil para mim presumir que estão mentindo do que me reconhecer neles, reconhecer na minha vida momentos em que eu também fui Autor de Violência, que eu como pessoa, mas também como Homem, posso vir a ter relações e atitudes violentas contra mulheres. Não sei se você já se percebeu nessa posição de autor de violência, mas se não, talvez seja melhor repensar suas relações, porque talvez esteja reproduzindo violências com pessoas que Ama, sem nem mesmo perceber.

O livro “Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?” a Butler (2015) questiona a desumanização de minorias específicas, ao ponto de retirá-las os direitos humanos, produzindo violência. Daí os questionamentos: quais vidas são passíveis de Luto e quais vidas se permite que sejam mortas e desvalorizadas? Quais vidas os direitos humanos priorizam e a quais é permitido que eles sejam alienados?

A desvalorização e o não reconhecimento da vida permite que pessoas fora do padrão normativo ou hegemônico não tenham suas vidas dignas de proteção e seus direitos sejam cerceados (Butler, 2015). Quando eu fiz o movimento de me afastar dos homens, hierarquizar nossa relação, desvalidar suas vivências e sentimentos, acabei por desumanizá-los, alienando seus direitos. Caí no mesmo discurso de “bandido bom é bandido morto”, em que é mais fácil permitir que uma pessoa seja morta do que validar sua existência e se reconhecer como semelhante a ela.

Ao mesmo tempo, ao longo do grupo percebi nas falas dos homens movimentos como esse, de desvalidar a vida e a humanidade de outras pessoas, sobretudo mulheres e suas ex-parceiras. Mas simplesmente era incoerente eu fazer o mesmo movimento com eles, eu precisava fazer o contrário, então eu expressava sobre como aquele comentário falado por eles me afetam, no movimento de valorizar a vida da mulher, e mostrar o impacto que aqueles comentários poderiam causar.

Isso me lembrou uma situação que aconteceu durante uma pesquisa que fiz sobre a reprodução das masculinidades na infância. As crianças estavam brincando de mímica e Y (Um menino) gritou alto “e minha humanidade?”, em tom alto e debochado ao receber “mulher maravilha” para interpretar na brincadeira. Tipo, Crianças de 13 anos já se percebem a partir do gênero, em que há comportamentos valorizados e outros passíveis de vergonha. Sobretudo que características tidas socialmente como femininas são evitadas constantemente como estratégia masculinizante a partir de uma visão binária de gênero.

Essa reação dele me lembrou esse mesmo texto da Butler (2015) ao questionar quem é considerado o ser humano dos direitos humanos, quem de fato tem acesso a todos aqueles direitos na prática? Será que as pessoas que não os têm são consideradas humanas? O que vem primeiro?

A definição de ser humano vem dos direitos que a pessoa possui, ou os direitos que a pessoa possui vem dela ser humana? Me parece Allan, que essa hierarquização serve para que Y possa se identificar com um grupo específico enquanto exclui outro, supervalorizando o seu estilo de vida em detrimento da desvalorização e exclusão de outros membros do grupo, permitindo um cenário onde pessoas fora do enquadramento hegemônico tenham seus direitos desprotegidos. É muito louco como um ato tão normalizado e inocente vindo de uma criança pode ser tão violento.

Como dá pra ver, a reprodução do patriarcado está muito presente no cotidiano porque fomos todos subjetivados dentro desse sistema, desde crianças, aos profissionais que trabalham com isso. Paulo Freire vai trazer aqui a importância da conscientização, vindo de modo dialógico, horizontal para que a pessoa capte a forma com que ela é oprimida e desumanizada, questionando as ferramentas de reprodução que imprime um modo de vida hegemônico no indivíduo, essa consciência crítica acerca de si e do mundo que o subjetiva possibilita novas formas de conduzir a própria vida, percebendo seu papel ativo nas dinâmicas relacionais (Martín-Baró, 1997).

A partir das vivências e interações trazidas pelos homens, se constroem debates sobre padrões de socialização masculina que são culturalmente naturalizados e reproduzem estruturas de dominação. As orientações metodológicas de grupos reflexivos destacam a utilização do feminismo interseccional para reconhecer que nossas perspectivas são situadas, e suscitar deslocamentos diante das normatizações de gênero e outros marcadores sociais, promove-se o acolhimento das experiências singulares de todos os envolvidos no processo grupal (Mauricio et al., 2022).

O que quero dizer com isso Allan, é que a pedagogia do diálogo baseada nas vivências dos sujeitos, é fundamental para questionar as visões de mundo, atravessamentos e atitudes que tem no cotidiano, e é importante a articulação dessas vivências à luz de estudos de gênero e teorias feministas, para romper com o sistema hierarquizante e opressor do patriarcado, questionando as formas de subjetivações masculinas e violências normalizadas que tem seu palco no próprio cotidiano.

Fiz alguns estudos pra trabalhar com os HAVs, e aparece bem destacado como essa hierarquização é violenta e impeditiva para o processo reflexivo, justamente porque desvaloriza as vivências e atitudes dos participantes do processo.

A Metodologia do Ágora aborda 4 eixos para a conscientização e potencialização de ação para os homens frente às questões de gênero, trabalhando não apenas as questões de modo racional, mas também emocional. O eixo legal foca em abordar a importância sobre Direitos Humanos e Direitos das Mulheres, debatendo sua natureza transformadora e desfazendo a visão punitivista e simplista; O eixo relacional trata da transformação de conflitos por meio do diálogo e da empatia, visando desconstruir a mentalidade de poder sobre o outro e o uso da violência como resolução de conflitos; O eixo corporal envolve a compreensão das relações raciais, da sexualidade e do manejo das emoções, desconstruindo as visões hegemônicas controladoras sobre o próprio corpo e dos outros; O eixo familiar aborda a desnaturalização dos scripts de relações afetivas e familiares, incentivando a divisão empática e honesta das tarefas domésticas e familiares, desfazendo noções de posse e objetificação da mulher e da crueldade como modelo pedagógico, promovendo o cuidado mútuo (Beiras et al., 2021). Esses Eixos norteiam a gente para a construção de práticas e estratégias de sensibilização, é Fundamental que haja a mobilização da população atendida na participação nesses espaços, afinal queremos que os HAVs reflitam.

Para a construção de sujeitos coletivos que se envolvem ativamente no processo reflexivo, ampliando as formas de participação e fortalecendo a coesão social, ao fomentar a inclusão ativa, podemos criar um ambiente mais justo e equitativo (Silva & Carvalhaes, 2016). Por isso é tão importante destacar a importância de no processo reflexivo sobre exclusão, centrar-se epistemologicamente em uma perspectiva humanitária, de como o sujeito e a maneira com que ele se relaciona com o contexto social, são subordinados e agentes reprodutores de modos de dominação (Sawaia, 2006).

É fundamental darmos atenção à corporalidade para a percepção de como as imposições hegemônicas atravessam os participantes, para compreender os mecanismos de sua reprodução. Nos propomos a aprimorar as habilidades reflexivas dos participantes, desconstruindo representações sociais hegemônicas e ideias de masculinidade e feminilidade que perpetuam relações desiguais e violentas (Mauricio et al., 2022). Ou seja, no processo de desnaturalizar a violência como aspecto normativo da masculinidade, é extremamente importante incluir a afetividade dentro da prática e pesquisa para promover reflexões que questionem a minimização da violência, para que os HAVs consigam reconhecer momentos em que foram violentos e responsabilizar-se por isso. Não à toa eu estou reconhecendo e me responsabilizando pela violência que eu cometi com eles.

Entende porque é importante ter um movimento de trazer um acolhimento e proximidade com os homens? Para que assim eles possam ser sinceros e partilhar as vivências e os atravessamentos que tiveram com questões de gênero ao longo da vida, e a partir desse vínculo construir reflexões e afetos. Por isso ressalto a experiência intersubjetiva como fundamental para a autonomia dos participantes do grupo, não se pode pensar em construir reflexões que questionem e ressignifiquem constructos sociais sem se relacionar com a experiência afetiva, a atividade imaginativa e a estética do sujeito (Sawaia, 2006).

Destaco ainda a importância da fala em primeira pessoa com histórias pessoais e suas afecções, deixando claro como as coisas atravessam o indivíduo de forma singular, e evidenciando como esse atravessamento pode ser diferente para outras pessoas, evitando generalizações sobre a sociedade que rompem com a personalidade. Percebe como é importante a proximidade e sensibilidade com os participantes do grupo? Nos propomos a ressignificar para produzir mudança, não pelo método totalitário e punitivista, mas relacional e horizontal, para ter uma prática que promova libertação, como uma atividade simbólica, e com ambição revolucionária.

A partir desses afetos e da proximidade com HAVs, reconheci em mim muitas atitudes e falas semelhantes às que eles compartilhavam ali no grupo. Percebi que a violência não se manifesta apenas pela agressividade, mas que ela pode ser muito mais sutil e está intrinsecamente ligada a nossa experiência subjetiva dentro do Patriarcado. Percebi que já cometi violência contra mulher, com amigas, parceiras e principalmente com a minha mãe, e que por mais que eu esteja cada vez mais atento e crítico a essas questões, também fui subjetivado nesse viés e portanto, estou passível como qualquer outro homem a ser autor de violência contra mulher, e inclusive de um dia vir a ser participante de um grupo como esse.

Percebi também como manter uma relação saudável, com comunicação não violenta é extremamente difícil e delicado, que precisamos levar em conta, como estamos, a necessidade do que será comunicado, e como a outra pessoa vai receber a mensagem, e todas essas questões são atravessadas por várias dimensões diferentes, e talvez algumas violências sejam inevitáveis nos relacionamentos, seja na expectativa sobre o outro, seja na dificuldade em perceber como o outro é atravessado pelas questões hegemônicas de forma singular.

O Próprio exercício da empatia se torna algo quase impossível levando em conta a variabilidade gigantesca de formas que somos atravessados pelas instituições relacionais. Quais posições beneficiam quais partes do relacionamento? Quais diferenças de poder se estabelecem em determinados cenários? Porque elas se manifestam? Como lidar com essas situações? O que fazer quando há uma atitude violenta por uma das partes do relacionamento? Por que isso foi violento? Como me afetou? Já aconteceu antes? Como eu comunico isso para as outras partes? Em que momento? Em que local? Com qual tom? Com qual proposta de mudança? Como elas podem vir a se afetar com isso? Será que não há a necessidade de um amparo legal para mediar esse conflito para evitar mais violência e até uma morte?

Depois

Enfim Allan, tudo isso pra dizer que graças a uma péssima professora no ensino público, eu fiz um trabalho para contestá-la, comecei a entrar nos estudos de gênero, e coincidentemente havia um projeto nessa mesma universidade pública que não só estava estudando exatamente pela perspectiva de masculinidades para produzir mudança social, como me entrevistaram, gostaram de mim, eu tive contato com ótimos profissionais, também do ensino público, que me ensinaram muito, me fizeram questionar, me colocaram para atuar com HAVs e de fato pelo meio da reflexão produzir mudança social.

Olha, pode parecer que eu estou detonando a psicologia aqui, mas ao mesmo tempo que tenho minhas críticas a ela, também é graças ao meu estudo em psico que me atentei a todas essas críticas, no fim, foi a própria psicologia que me ajudou a questionar as hierarquizações, presentes fora, mas principalmente dentro de mim.

É importante conhecer seu histórico, entender que os profissionais da psico são sobretudo pessoas, e também falam de um lugar, reconhecer esse lugar da psicologia e dos indivíduos nos permite ter uma postura mais crítica nas relações, e de fato agir de forma ativa para uma mudança social.

Só foi anos depois que eu fui entender que todos nós somos subjetivados dentro de uma sociedade sexista e que esse aspecto atravessa as pessoas de diferentes formas, e que a gente precisa reconhecer quais são esses padrões normativos de reprodução de gênero e quais são suas consequências para de fato conseguir traçar estratégias de intervenção, caso contrário só iremos continuar reproduzindo um sistema patriarcal, sexista e opressor. A sociedade mantém uma ordem social desigual através de um processo paradoxal que exclui para incluir, embora todos façam parte do sistema social nem sempre participam de forma digna e decente, geralmente por meio de privações e insuficiências reproduzem um sistema econômico que perpetua exploração, opressões e desigualdade, a qual extrapola a esfera econômica (Sawaia, 2001). Voltamos aqui para aquele pensamento dos meus pais, que prega uma ilusão da inclusão, com o discurso da igualdade social para negligenciar as diferenças que trazem vulnerabilidade para parte da sociedade, não se trata apenas de igualar, mas de diferenciar para reconhecer.

Foi pela perspectiva do feminismo revolucionário que a bell Hooks (2018) crítica a vertente do feminismo reformista, ela diz que o feminismo deveria vir com a proposta de romper com o sistema sexista e patriarcal vigente, e não em substituir uma opressão por outra.

Foi a partir dessa perspectiva que eu percebi, que na posição de homem branco, cis, hétero, de classe média, esse sistema que propaga a dominação masculina me beneficia mais do que as outras performances de gênero, raça ou classe, mas que apesar de não ter marcadores sociais de vulnerabilidade eu posso me posicionar de forma tão válida quanto qualquer outra pessoa contra esse sistema.

Não que eu não venha mais a ter comportamentos associados aos padrões hegemônicos, ou mesmo atitudes violentas, mas que para repensar o meu lugar, e o lugar dos homens no patriarcado, é preciso estar atento a esse sistema, as expectativas de gênero, classe, raça e sexualidade e como as pessoas foram afetadas ao longo da vida de diferentes formas por ele. Entendendo como ele atravessa as pessoas de diferentes formas e me atravessou ao longo da vida, eu poderia usar da minha performance de masculinidade para questionar os padrões da masculinidade hegemônica. Como diz Martín-Baró, o desafio não é abandonar a psicologia, mas utilizar o conhecimento psicológico para construir uma sociedade mais justa, onde o bem-estar de todos não dependa da exploração ou desumanização de alguns (Martín-Baró, 1997).

Dentro das relações, assim como fiz com os homens, podemos escutar e desconstruir nossas expectativas, reconhecer e pesquisar sobre as vulnerabilidades sociais e nos esforçar pra entender como cada pessoa foi atravessada ao longo da vida por cada uma dessas questões. Entender que o problema é o sistema patriarcal e que todos fomos subjetivados nele, me permite me posicionar contra ele, inclusive usando das ferramentas da psicologia, principalmente na práxis psicossocial, estando sensível para usar da potência de ação para, pela escuta e empatia, combater o sistema patriarcal, sexista e opressor.

Desde já, agradeço profundamente por ter lido até o final Allan, é muito bom poder compartilhar meus afetos e reflexões contigo ;p

<3



*Bank-pusgo*¹

Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi Savadogo

...Diyin ye sògòma daa kyama ye² dizem os mandékaw³!!!

2018 a 2024. É a este período específico e a minha relação com uma de minhas lindas famílias no mundo e no Brasil que se refere a minha presente carta.

2018, seis meses antes de defender minha tese de doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, enquanto tinha se esgotado a vigência da minha bolsa Capes de doutorado (2014-2018) mas ainda, continuava sendo afogado - a pequeno fogo, profissionalmente, pela instituição responsável da revalidação da minha formação de graduação em Antropologia Social e Cultural pela Universidade de Bamako (Mali/África do Oeste) e com a qual, estava num processo judicial...

Nas duas páginas seguintes, constam o Reconhecimento de Firma da minha assinatura no Cartório - 4º Ofício de Notas de Natal/RN, tal como a versão que foi entregue aos meus pais.

1. Agradecimentos em mooré, uma língua do Burkina Faso.

2. Línguas diula, bambara e mandinga faladas entre outros na Costa do Marfim, no Burkina Faso, Mali, Senegal, Guiné Conakry e Guiné Bissau - África do Oeste.

A vida é feita de muitas manhãs! Pensamento metafórico remetendo às diversas e múltiplas etapas, momentos, períodos existencial/da Vida, se sucedendo mas, sendo/podendo ser diferentes...

3. Habitantes, cidadãos do Mandé: Área sociocultural do antigo império do Mali (África do Oeste), séculos XIII - XVI, abrangendo atualmente mais de oito países cujos: Mauritânia, Gâmbia, Senegal, Guiné Bissau, Guiné Conakri, Costa do Marfim, Mali, Burkina Faso.



Imagen-s: Cheikh Tidiane Keita

Sababu man dógó

Eis a história de um viajante. Um viajante que viajava com um cantil de água consigo e com uma pequena bolsa com alguma coisa para comer. Com o cansaço, sentou-se na sombra de uma árvore e ficou aí descansando, esperando o sol rebaixar-se.

Durante esse tempo, ele viu vindo ao longe um ser. Um ser não como os demais. Ele era muito bonito e muito bem vestido. Tanto, que se sabia que ele era a Riqueza.

Ele chegou na altura do viajante, o cumprimentou e lhe pediu:

-Estou com sede, será que tem um pouco de água para me dar?

-Quem é a senhora?

-Eu sou a Riqueza; e posso comprar o que eu quiser.

-É mesmo!? Mas a minha água, a senhora não pode a comprar; ela não é feita para a Riqueza; pode ir embora.

Contrariada e zangada, a Riqueza foi embora! O viajante continuou sentado e ao longe, ele viu um outro ser se aproximando. Esse último era também muito bonito e igualmente, muito colorido e muito em paz. Ele chega e se apresenta:

-Eu sou o Paraíso. Você pode me dar um pouco de água para beber?

-Você é o Paraíso!? Minha água não é feita para o Paraíso!

-Nos encontraremos. Você não sabe que no mundo inteiro pessoas rezam por mim?!

Eis o Paraíso que, também contrariado e zangado vai embora. Depois que ele foi embora, ao longe, o viajante ainda sentado, calmo e descansando viu vindo, um outro ser. Ele era grande, muito forte e chegando com uma voz forte disse: me dá sua água para beber; sou o Poder. Me aproprio de tudo que eu quiser com o poder.

Com calma, o viajante olhou o Poder e lhe responde: você é o Poder!? Estou vendo. Mas minha água não é feita nem para o Poder, nem para a Força; pode ir embora!

Bem frustrado, todo contrariado e zangado, o Poder indo deixou seu recado: nos veremos!

O viajante continua sentado e dessa vez, ao longe, ele viu um ser vermelhou, muito vermelho se aproximando. Ele era tão vermelho que se via fogo saindo de todos seus lados. Ele era tão quente e queimando tanto que o sol em si tinha medo dele. Ele chegou perto do viajante e se apresentou: sou o Inferno, queimo tudo; estou com sede, me dá sua água.

O viajante olhou para ele com calma: ahan, é você mesmo o Inferno!? Inferno, você não terá da minha água; vai embora!

O Inferno ficou bravo:

-Ninguém pode me escapar!

-A gente vai ver! [disse o viajante]

E o viajante continuou ali. Alguns instantes depois, o viajante ouviu uma voz pequena. Uma voz vinda de algum lugar do chão: estou com sede, estou com sede.

O viajante procurou e encontrou um ser pequeno.

-Quem a senhora é?

-Sou o sabab.

-O Sabab?! A Senhora pode sim [por favor], beber da minha água!!! [e o viajante deu da sua água ao Sabab].

E o sabab lhe pergunta:

- Será que o senhor pode me explicar por que recusou de dar a sua água aos que me precederam?

- É simples [respondeu o viajante]. Sem a senhora Sabab, não há Vida! Sem a senhora Sabab, não há Inferno! Sem a senhora Sabab, não há Paraíso! Sem a senhora Sabab, não há riqueza! Sem a senhora Sabab, não há Poder! Sem a senhora Sabab, não há Riqueza! Sem a senhora Sabab, não existe nada!

São por tais razões que, qualquer seja sua pequenez, é através do Sabab, que Tudo acontece e, portanto, deve ser honrado, considerado⁴.

4. Esse pensamento da área sociocultural do Mandé na África Ocidental [que abrange hoje dia, oito países (Mauritânia, Gâmbia, Senegal, Guiné Bissau, Guiné Conakri, Costa do Marfim, Mali, Burkina Faso)] se expressa nas línguas "diula" e "bambara" por: Sababu man dógó (não há pequeno-a sabab/nunca o-a sabab é pequeno-a).

O "Sabab" sendo tudo aquilo pelo qual acontece as manifestações/vontades de Deus: o que quer (ou não quer), o que decidiu/decide que seja (ou não) o que permitiu/permite (ou não).

Conto da África do Oeste

Contado e encenado por Djelis:

Toumani Kouyaté et Dinah Feldman

Transcrição/reformulação
Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi
Savadogo

Sim, hoje, da minha conquista-dádiva, vocês são o sabab. Vale aqui perguntar: o que foi ontem?

Como diz a velha África, esteja atento, pois tudo fala, tudo é fala; tudo procura nos comunicar um conhecimento... Sim, no silêncio e na profundidade da escuta em dias de travessia do deserto, uma escola se impôs a um viajante. Injustiça-s, contingências, vicissitudes da vida!? Imposição ou apelo do destino regido pelo Supremo!?

Descida nas arenas! Lutas se travaram!!! Armas nas mãos, nomeio uma família! Símbolo desta família, dois grandes corações acarinhados e nutridos pela dignidade, a nobreza de ser. Postura: a conjugação da profundidade ética da vida!

2018 - 2024, eis o que foram as jornadas de uma travessia do deserto. De 2018 a 2024, eis nesses dias de vida, o que devo a dois burkinabê³, o Senhor João Aristeu Ricardo de Souza e a Senhora Francisca Bernadete Araújo Souza. Aqui, não passo sob silêncio toda a família Ricardo de Souza, Araújo Souza e aliado-a-s!!!

2018 – 2024, eis o que foram as jornadas de uma travessia do deserto. De 2018 a 2024, eis nesses dias de vida, o que devo a dois burkinabê, o Senhor João Aristeu Ricardo de Souza e a Senhora Francisca Bernadete Araújo Souza. Aqui, não passo sob silêncio toda a família Ricardo de Souza, Araújo Souza e aliado-a-s!!!

Sim, nesses diferentes dias, amor, respeito, consideração e privação foram a sobremesa de seis (06) anos de aluguel mensal que eles, generosamente, me ofereceram emprestado, com por única garantia: nenhuma!

Eis aqui, o testemunho, prova jurídica e, de coração dum burkinabê que, tendo somente por única riqueza, essa identidade de ser, foi salvo; com e na dignidade de sua condição humana graças a maaw que para sempre, são meus pais!!!

Aqui, faltam muitas coisas que não saberei arrancar ao inefável. De suas belezas, seus brilhos e sabores, eis o que mobília meu íntimo profundo..

Sim, maaladon de be mògò kè mògò tayé. Aw ni bara, aw ni ko; aw ni maaladon.

¹ Esse pensamento da área sociocultural do Mandé na África Ocidental [que abrange hoje dia, oito países (Mauritânia, Gâmbia, Senegal, Guiné Bissau, Guiné Conakri, Costa do Marfim, Mali, Burkina Faso)] se expressa nas línguas "diula" e "bambara" por: Sababu man dógó (não há pequeno-a sabab/nunca o-a sabab é pequeno-a). O "Sabab" sendo tudo aquilo pelo qual acontece as manifestações/vontades de Deus: o que quer (ou não quer), o que decidiu/decide que seja (ou não) o que permitiu/permite (ou não).

² Amadou Hampâté Bâ

³ Íntegro-s em mooré, língua dos moosé (no plural), moaga (no singular), geralmente chamados de mossi. Quando "burkinabê" remete à identidade/cidadania relativa ao Burkina Faso, ele significa, aquele-a-s que pertence-m à Pátria dos Homens íntegros.

⁴ Ibidem

⁵ Para os bambara, mògò é a pessoa-indivíduo, maa o humano e maaya, o fato/a conjugação- expressão de fato de ser humano, de encaminhar a condição humana. Para eles, o humano nasce com essa condição enquanto potencialidade; a tarefa sendo de se tornar, de ser humano em si e, em seguida, assumir e viver de fato esta condição de acordo com seus valores. Daí, se chama maa (singular)/maaw (plural), quem se realizou/se realizaram enquanto Humano-s.

⁶ "Maaladon" significa: o fato de reconhecer e respeitar a humanidade/dignidade alheia.

⁷ A expressão "maaladon de be mògò kè mògò tayé" significa : é reconhecendo e respeitando a humanidade alheia que pessoa-s se junta-m à sua causa; se entrega-m a ti.

⁸ "Bara" remete ao trabalho; "ko", ao feito. A expressão "aw ni bara, aw ni ko" remete às saudação/saudações solene-s pelo grande/nobre trabalho feito/realizado, que realizaram. Declamação, estética de afirmar.

⁹ A expressão inteira "Aw ni barra, aw ni ko ; aw ni maaladon !" é uma estética de fala, une declaração solene.



Oui, aujourd'hui, de ma conquête-présent de la vie, vous êtes le sabab. Il convient ici, poser la question de savoir : qu'à été hier ?

Comme dit la vieille Afrique, sois attentif car tout parle, tout est parole ; tout cherche à nous communiquer une connaissance...¹⁰. Oui, dans le silence et la profondeur de l'écoute en des jours de traversée du désert, une école s'est imposée à un voyageur. Injustice-s, contingence-s, vicissitudes de la vie !? Imposition ou appel du destin régit par le Suprême !?

Descente aux arènes ! Des luttes se sont faites !!! Armes aux mains, j'ai nommé une famille ! Symbole de cette famille, deux grands cœurs bercés et nourri par la dignité, la noblesse d'être. Posture : la conjugaison de la profonde étique de la vie !

2018 - 2024, voilà ce qu'ont été les journées d'une traversée du désert. De 2018 à 2024, voilà en jours de vie, ce que je dois à deux burkinabè¹¹, Monsieur João Aristeu Ricardo de Souza et Madame Francisca Bernadete Araújo Souza. Ici, je ne passe point sous silence, l'ensemble de la famille Ricardo de Souza, Araújo Souza et allié-e-s !!!

Oui, en ces différents jours, amour respect, considération et privation ont été le dessert de six (06) ans de loyer mensuel qu'ils m'ont généreusement offert en tant que prêt, avec pour toute garantie : aucune !

¹⁰ Amadou Hampâté Bâ

¹¹ Intègre-s en mooré, langue des moosé (au pluriel), moaga (au singulier), généralement appelé mossi. Quand "burkinabè" se rapporte à l'identité/citoyenneté relative au Burkina Faso, il signifie, celui, celle, ceux qui appartiennent à la Patrie des Hommes intègres.

¹² Ibidem

¹³ Pour les bambara, mògò é la personne-individu, maa, l'humain e maaya, le fait/a conjugaison- expression de fait d'être humain, de vivre la condition humaine. Pour eux, l'humain naît avec cette condition en tant que potentialité ; la tâche étant de se tourner, d'être humain en soi et, ensuite, assumer et vivre de fait cette condition selon ses valeurs. De là, il est dit maa (singulier)/maaw (pluriel) à qui s'est réalisé/ceux qui se sont réalisés en tant qu'Humain-s.

Voici ici, le témoignage, preuve juridique et, de coeur d'un burkinabè¹² qui, n'ayant pour seule richesse cette identité d'être, a eu le salut ; dans la dignité de sa condition humaine grâce à maaw¹³ qui à jamais, sont mes parents !!!

Ici, manquent bien de choses que je ne saurai arracher à l'ineffable. De leur beauté, leur brillant et saveur, voilà ce qui meuble mon for intérieur.

Oui, maaladon¹⁴ de be mógò kè mógò tayé¹⁵. Aw ni bara, aw ni ko¹⁶; aw ni maaladon !¹⁷

à papa Aristeu et maman Bernadete,
avec amour !!!

Abdoul Hadi P.B. Savadogo

Dr. Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi Savadogo Antropólogo / Casa das
Áfricas - Amanar Pesquisador Associado I - Instituto de Estudos
da África IEAF-UFPE
Pesquisador Associado - GEMA Grupo de Estudos sobre Mediação e
Alteridade - UNIFESP Pós-doutorando - Ciências Sociais/FAPESP-UNIFESP
E-mail: savadogohadi@gmail.com

Natal/RN, 06 de maio de 2024.

¹⁴ "Maaladon" signifie : le fait de reconnaître et respecter l'humanité/la dignité d'autrui.

¹⁵ L'expression "maaladon de be mógò kè mógò tayé" signifie : c'est reconnaissant et respectant l'humanité d'autrui que les gens se joignent à ta cause; qu'ils se donnent à toi.

¹⁶ "Bara" se rapporte au travail ; "ko", aux actes, à ce qui est fait. L'expression aw ni bara, aw ni ko remet à la/aux salutation-s solennelle-s pour le grand/noble travail accompli/réalisé, que vous avez réalisé. C'est une déclamation, une esthétique d'affirmation.

¹⁷ L'expression entière "aw ni barra, aw ni ko ; aw ni maaladon !" est une esthétique de la parole, une déclaration solennelle.

As irmãs de cor que vivem na fronteira

Franciele Alves dos Santos

Ao fechar os olhos, deixo o pensamento vagar sem pressa. Não me prendo a detalhes mundanos como horas e datas, mas às recordações que me surgem. Hoje me sinto grata pelas pistas que pude encontrar, pela oportunidade de percorrer territórios, praias, matas e rios que geraram nossos antepassados. E anseio por mais.

Fui uma criança que se refugiou nos livros. Fichas de biblioteca lotadas e amizade com as “tias da biblioteca”, fizeram parte do meu cotidiano, por muito tempo. Desde que li o meu primeiro livro me apaixonei pela contação de histórias. Há quatro anos, o seguinte trecho de Eliane Potiguara não sai da minha cabeça: “O que eu faço com a minha cara de índia?/E meus cabelos?/ E minhas rugas?/ E minha história?/ E meus segredos?” (Potiguara, 2004). Desde então, narrativas coletivas sobre a história de mulheres socialmente e historicamente implicadas pela racialização e pela ferida colonial, mulheres-de-cor (pretas, pardas, indígenas) (Lugones, 2019) vem despertando o desejo de contar as nossas histórias. Para isso, sinto que inicialmente preciso contar fragmentos da minha.

Desde a minha imersão na vivência-trabalho como mulher-psicóloga, um trabalho subjetivo sobre minha identidade insiste em me invadir, mesmo que desde menina esteja presente, se intensificou com a vivência e o trabalho durante a residência em saúde da família, onde a radicalidade da condição de mulher-de-cor, mais especificamente de mulheres quilombolas me atravessou.

Desde então venho usando meu lugar de privilégio na academia para me debruçar sobre questões de gênero e de raça que sinto nos limitar as experiências de ser-estar humanas nesse mundo de homens, mas nos expandir as possibilidades de resistir um corpo-território próprio como mulheres-de-cor.

Após a residência, mesmo tendo planejado um projeto de mestrado à respeito da subjetivação política das mulheres indígenas em posição de liderança no estado do RN, as limitações impostas pela pandemia do Covid-19, me tencionaram à mudança de projeto e foi nesse movimento que tive a honra e o privilégio de encontrar com uma professora, cuidadora, amiga, parente, irmã, Guayumi Potyguara. Ela tem 42 anos e apesar de ser nativa de Pitangui-RN, vive há alguns anos na Aldeia Eleotérios do Catu, após ter despertado para o caminho de volta. Desde que iniciou sua caminhada em busca de sua retomada ancestral, ela é uma ativista do movimento indígena do RN, fez parte da coordenação da Articulação dos Povos Indígenas do RN (APIRN), atualmente é estudante do mestrado de antropologia social da UFRN, artesã, escritora e professora de tupi antigo na escola da comunidade.

Depois do vínculo formado e muitas visitas à sua casa no território indígena, resolvemos então desenvolver a pesquisa em torno da narrativa de seu “caminho de volta” e de alguma forma sobre como as questões sobre sua história me levaram a me debruçar sobre a minha.

Logo nos meus primeiros anos de vida meu lar se transformou em um ambiente de violência doméstica. Inúmeras são as lembranças das brigas, agressões e, mais tarde, o que eu senti como abandono: a partida da minha mãe. O que hoje enxergo como estratégia de sobrevivência de uma mulher, ao mundo patriarcal e sexista em que vivemos.

Desde criança vivi com minha vó a maior parte do tempo. Sua perda foi uma das experiências mais devastadoras da minha vida. Dela escutei muitas histórias sobre “o Norte”, essa era a forma como ela se referia ao nordeste.

Ela me contava sobre as batalhas da vida cotidiana, os quilômetros andados a pé, a colheita do feijão, as roupas de saca, e o luxo da chita. E como ela saiu de Campina Grande-PB para se apaixonar e formar família em Arcoverde-PE.

Minha avó morreu sem saber, mas ela foi a minha primeira professora para o campo que eu escolhi trabalhar e estudar. Ela me ensinou sobre ervas, sobre chá, vaporização, defumação. Ela me ensinou sobre a lida com as plantas e com os bichos. Sobre a comida, o que faz bem e o que faz mal para determinadas condições. Sobretudo, ela me ensinou sobre o cuidado, sobre o acolhimento à diferença, sobre generosidade. Minha avó tinha um coração gigante, não só pela doença de Chagas que a levou, mas pela quantidade de cuidado e atenção que ela podia dar. Não existe nada no mundo que eu admire mais. Apesar de todas as professoras, profissionais, tutoras, colegas de trabalho com quem eu tive o prazer de compartilhar a lida com o cuidado do outro, minha avó ainda é minha maior referência.

As conversas com ela sobre sua infância no sertão da Paraíba; com meu pai, sobre a vida sofrida de um menino que deixou a casa da família com apenas 15 anos, após vivenciar múltiplas violências, fome e desamparo; com minha mãe, vítima de todas as dores que os nossos corpos são obrigados a suportar apenas por ser mulher; com meu avô e sua paixão pela vida no campo, por arar, semear e colher da terra; vem me movendo nesse caminhar pelo campo, como profissional e como menina em busca das suas raízes.

A semente da minha trajetória enquanto mulher-psicóloga, pesquisadora e contadora de histórias foi plantada ainda ali na cidade em que nasci, quando ao passarmos pela Universidade de Brasília (UNB), meu pai e minha avó sempre me diziam que eu ia ser doutora. Hoje como doutoranda o sonho segue alimentado.

Vinda de escolas públicas, quando o sonho da universidade se tornou realidade tive medo. Medo de não dar conta. Eu fui a primeira da minha família a entrar na universidade. Será que aquilo era para mim?

Por um instinto me aproximei do Grupo de Pesquisas Marxismo e Educação (GPME). Parecia que o que eu sentia finalmente se apresentava em forma de signos, significados, significantes. Foi enriquecedor poder me localizar dentro da luta de classes e compreender, a partir daí meu lugar na psicologia.

Desde então foram inúmeras discussões, questionamentos e indignações com a distância do que grande parte do que aprendia em sala de aula tinha de mim e dos meus. A necessidade de uma psicologia engajada nos problemas do nosso povo já se apresentava de forma evidente.

Afinal, qual era o meu lugar de fala dentro dessa ciência e profissão branca? Feita por e para brancos, pelo colonizador? Por isso, e tantas outras, a experiência da graduação não foi fácil, mas consegui chegar ao fim. Pro meu pai eu já era doutora e o sonho tinha se realizado. Para mim não. Pensei em iniciar o mestrado, mas sentia um chamado para ir viver o que é ser psicóloga em algum lugar em que a psicologia geralmente não ocupa. Ingressei no Programa de Residência em Saúde da Família com Ênfase na População do Campo (RMSC). Esse desejo surgiu a partir da experiência de iniciação científica, na qual trabalhei com a população rural: o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e, principalmente, com a população quilombola. E o que mais me instigava era estar próxima às mulheres, escutar e compartilhar histórias sempre atravessadas por violências racistas, sexistas, classistas e coloniais; esses momentos me lembravam minha avó, sentia como se aquele fosse meu lugar na psicologia.

Já na residência, comecei a me aproximar dos estudos sobre a população negra, feminismos negros e, posteriormente, da decolonialidade. Durante a escrita do Trabalho de Conclusão de Residência devaneei um projeto de dissertação com mulheres quilombolas apesar de sentir dentro do ventre o chamado da mata, das minhas ancestrais, da minha pele cor de terra, cabelos pretos e olhos puxados.

Durante todo esse processo existia também um trabalho que não cessava dentro de mim. Desde da perda da minha avó, perdi minha definição de casa e sempre clamei por lares, em uma busca constante pelas minhas raízes. As feridas do roubo da minha história, que me apartou do meu povo, cada vez latejavam mais. Muitas vezes fui chamada de “Japa”, aceitei por muito tempo, mas hoje o poema de Eliane Potiguara não sai da minha cabeça: “O que eu faço com minha cara de índia?”

Veja, a experimentação da vida vem sendo para mim um compartilhar de histórias/ memórias, alegrias e sofrimentos com mulheres. Desde minha mãe, a primeira mulher; e hoje com tantas outras: companheiras, amigas, professoras, pacientes, clientes, colegas, conhecidas, desconhecidas, irmãs, tias, avós, primas, loucas, médicas, enfermeiras, assistentes sociais, sem-terra, jovens, velhas. Todas elas abarcam partes de um quebra cabeça que se compõe em minha própria trajetória. Apesar disso, minhas raízes indígenas sempre me foram negadas. A imposição de uma história única, a do colonizador, nos impõe a perda do nosso lar, a perda da nossa história, isso deixa marcas pelo corpo.

Há anos venho sofrendo pelas carapaças que tive que criar para resistir a tentativa violenta de dominação do meu corpo-território, pelas mesmas estruturas que afligem essas mulheres com quem me encontrei durante a vida. Tenho total convicção das especificidades das nossas vivências, afinal sou uma mulher-mestiça-de-cor, vivi em situação urbana, com acesso a maioria dos direitos, mesmo que a muito custo, realidade que não me protegeu de certas violências estruturais.

No ano de 2020 esse sofrimento se tornou insuportável e surtei. Já tomei toda sorte de psicotrópico, mesmo que a contragosto. Meus amigos/conhecidos diagnosticaram a doença como: excesso de preocupação com os outros, supostamente, estudo, trabalho demais.

A terapêutica designada: “Descansa militante”. Sim, em meio ao meu sofrimento chegaram a me falar isso. Que eu trabalho e estudo demais posso até concordar, mas que eu me preocupo demais com os “outros”, não. O que eles chamam de outros? As mulheres? Os/As indígenas? A população do campo? As pessoas em vulnerabilidade social? As/Os loucos? Felizmente eu não concebo isso como o outro. Minha amiga, Guayumi Potygura, esses dias me ensinou um antigo saber indígena: “Sou por que somos”. Eu sou todas essas pessoas, nós somos.

Cresci ouvindo histórias sobre a vida na “roça”. Narrativas de sofrimento e resistência, e tive o privilégio de fazer parte da vida de algumas das pessoas que vivem essa vida durante a residência; cresci vivendo, ouvindo e experimentando os prazeres e as dores de ser mulher.

No experimentar da vida com meus “mais velhos”, principalmente minha avó, durante todas as contações de histórias, todos os ensinamentos, na partilha da adoração por todas as entidades, santos, orixás e caboclos, um buraco sempre se fez presente. A negação da nossa ancestralidade pela colonização é uma ferida que poucas de nós temos acesso ao direito de cuidar. Vivendo, atualmente, na terra de meus antepassados potiguaras, apesar da consciência das minhas múltiplas raízes, respondo ao questionamento de Eliane Potiguara (2004), que habita meus pensamentos: escolho tecer, contar histórias, enquanto caminho na fronteira, preenchendo os buracos na minha memória.

As histórias que pretendo contar é a de um povo, principalmente das mulheres desse povo, com quem compartilho ancestrais, mas também a minha própria história atravessada pelas múltiplas violências da colonialidade e, principalmente, pelas estratégias de resistência e reexistência às tentativa de subalternização dos nossos corpos-territórios.

“Nossa resposta, coletiva, é de que somos da cor da terra (Casé Angatu Xukuru.Tupinambá) e tem terra de todas as cores” (Geni Daniela Núñez Longhini) (Longhini, 2021, p. 70).

Minha primeira experiência com os movimentos sociais aconteceu ainda na adolescência, quando no ensino médio entrei para o Grêmio Estudantil e, posteriormente, para o movimento secundarista. Assim, inicialmente, participei mais ativamente de movimentos estudantis. Apenas na universidade algumas outras questões começaram a colocar-se como necessidade nos meus processos de subjetivação política. O desejo de me organizar em movimentos de classe, feministas e de raça/ étnicos. No entanto, ao experimentar a participação em alguns movimentos sociais e coletivos não me senti instigada a me implicar em nenhum, por diversas causas que não vou abordar aqui.

No entanto, ao experienciar movimentos de luta racial na Residência Multiprofissional em Saúde da Família com ênfase na população do campo, onde atuei diretamente com a população quilombola de Garanhuns – PE, comecei a sentir a necessidade de encontrar o meu lugar naquela luta. Porém, como já era recorrente na minha história, me sentia deslocada. Ao olhar a cor da minha pele, o semblante no meu rosto, nunca me senti uma mulher branca, mas algumas das companheiras negras que seguiam na luta ao meu lado não me reconheciam como uma delas. Isso trouxe à tona detalhes da minha infância que deixavam evidente como minha ancestralidade havia sido roubada. Descendente de pai e avô de pele escura com uma família de gente de cor “encardida” e traços negros ou indígenas, que professava a fé de modo sincrético e, mesmo na cidade, tinha a vida atrelada ao modo de viver no campo, me sentia na fronteira.

Três episódios durante os dois anos de residência me marcaram muito. O primeiro foi um almoço em que uma grande companheira de luta disse que eu não era negra, então eu lhe perguntei: “então sou parda?”. Ela respondeu que pardo era cor de papel e que eu deveria assumir minha origem indígena. Vejam, tenho uma pele cor de terra, meio dourada, olhos puxados, cabelo negro e lisos. O estereótipo exato da “verdadeira indígena”, assim como minha mãe, minhas tias.

Esse episódio se repetiu mais uma vez em uma mesa de bar e, por último, durante uma reunião de um coletivo de mulheres negras, onde fui chamada de aliada da luta. Isso me causava um extremo mal-estar. Remexia o meu estômago, a minha identidade. Eu já não sabia quem era eu. Eu sei que, como denomina Ailton Krenak (2020, p.28), a identidade indígena é constituída de “pessoas coletivas”, células que transmitem a partir do tempo suas visões de mundo, conseqüentemente de seus povos. Ou seja, para ser reconhecido por um povo é necessária uma relação de parentesco consanguíneo e a partilha dos modos de vida do povo, não tem a ver com fenótipos. E isso me assustava cada vez mais, pois ao contrário da facilidade que as outras tinham em me ver como indígena, eu tinha uma grande dificuldade, assim como de me ver como negra. Neta, filha de caboclos, será que sou cabocla?

A ausência de um pertencimento histórico à um povo, assim como o apagamento da nossa história, das nossas raízes, dos nossos “trocós velhos” é um processo político de colonização dos nossos corpos através da chamada miscigenação e do velho conto da Carochinha chamado democracia racial, que nos tornam dóceis e extermináveis, pois somos um povo sem memória. Quantas pessoas “cor de papel” existem nesse país? Quantas feridas a colonização causou e ainda vai ter que causar?

Esse percurso incerto me levou a necessidade de identificar minha identidade e pertencimento étnico-racial, como se isso fosse algo inato, estático e imutável. Mas, ao final deste trilhar, percebi que os processos identitários e de pertencimento são complexos, pois diz de processos pessoais e coletivos, em um país marcado pela colonização, onde se produz/ reproduz um binarismo racial que não faz sentido para a nossa população marcada pela miscigenação violenta e a tentativa de imposição de uma identidade nacional a partir desta.

O trauma colonial ainda nos mantém apartadas da nossa ancestralidade indígena e negra, ainda que esta esteja marcada em nossos fenótipos, modos de vida e, conseqüentemente, nas condições socioeconômicas. Pessoas de cor não querem se reconhecer enquanto tal, já que o processo de colonização coloca o homem branco enquanto norma a ser desejada e alcançada. E o preto, pardo e indígena, como menos humano.

A discussão da dissertação se deu em torno da complexidade da identidade indígena na atualidade. Apesar de ter sido declarada parda ao nascer a participante-pesquisadora constrói sua identidade indígena na retomada da sua história e ancestralidade negadas pela violência colonial por meio de processos subjetivos e coletivos. Cheguei à conclusão que as discussões sobre identidades brasileiras estão mais próximas às de autoras de cor que discutem identidades fronteiriças, múltiplas, pluricompostas, como Gloria Anzaldúa, Maria Lugones e Silvia Cusicanqui.

Porque eu, uma mestiza,
continuamente saio de uma cultura
para outra,
porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo,
alma entre dos mundos, tres, cuatro,
me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy norteada por todas las voces que me hablan
simultáneamente.
(Anzaldúa, 2005, p. 704)

O trauma colonial faz parte da história de muitas de nós que nascemos e experienciamos o limbo racial da mestiçagem. Infelizmente, com o etnocídio e genocídio, ainda em voga, das populações negra e indígena no Brasil, nem todas temos a possibilidade de resgate das nossas histórias o que produz uma sensação de não pertencimento em muitas pessoas pardas que não se sentem ou não são acolhidas enquanto parte da população negra e/ou indígena no país, por meio da auto ou heteroidentificação. O que tem conseqüências subjetivas e objetivas na atualidade, nos processos de subjetivação e identitários destas pessoas.

O trauma colonial faz parte da história de muitas de nós que nascemos e experienciamos o limbo racial da mestiçagem. Infelizmente, com o etnocídio e genocídio, ainda em voga, das populações negra e indígena no Brasil, nem todas temos a possibilidade de resgate das nossas histórias o que produz uma sensação de não pertencimento em muitas pessoas pardas que não se sentem ou não são acolhidas enquanto parte da população negra e/ou indígena no país, por meio da auto ou heteroidentificação. O que tem consequências subjetivas e objetivas na atualidade, nos processos de subjetivação e identitários destas pessoas.

Hoje, mesmo sabendo das minhas múltiplas raízes, tendo pesquisado um pouco da história dos meus “trocós velhos”, estando na terra dos meus ancestrais, escolho assumir a identidade de indígena-descendente e me reaproximar daqueles de quem a história me afastou. Assumindo o lugar de fronteira como lugar de potência, de criação e cura da ferida colonial (Kilomba, 2020). As feridas se encontram entranhadas de formas subjetivas nos corpos, vozes, gestos, por entre as violências e apagamentos de corporalidades subalternas. Escolho viver e escrever na fronteira para que todas essas partes colonizadas do meu corpo possam falar e dividir a fala com as irmãs de cor, ultrapassando a questão fenóptica, que muitas vezes me foi imposta, para construir alianças entre mulheres que foram caladas pela história.

A luta pela ancestralidade é uma luta de resistência. Senti o chamado da terra e apesar de iniciar a caminhada sozinha, sabia que o caminho não seria assim. Agradeço aos encantados pelo encontro com Guayumi, que tanto me ensina. Caminhar na fronteira não é fácil. Ser “cor de papel” não é fácil. Assumir uma identidade para o mundo que lhe nega a memória não é fácil.

Não elaborar sua experiência racial é um privilégio de pessoas brancas. Ao preencher uma ficha onde consta a pergunta “cor/raça”, o sujeito branco não é convidado a refletir sobre as implicações de sua resposta, se alguém duvidará de sua auto declaração, ou se, de fato, sua resposta corresponde às suas possíveis leituras sociais. Para pessoas de pele parda, a pergunta de sua auto declaração é sempre seguida de uma série de outras perguntas, que buscam invalidar sua identidade.

Em um contexto de colonialidade e racismo, pessoas pardas, em geral, estabelecem uma relação ambígua e alienante com sua racialização. Se por um lado a sociedade as faz temer assumirem-se enquanto negras ou indígenas-descendentes, também as convida constantemente a se identificarem com o que nunca serão: brancas (Kilomba, 2020). A passabilidade conferida, no caso de pessoas pardas com fenótipo ambíguo, atua também enquanto um produtor de sofrimento psicológico, visto que o sujeito compreende que seus acessos são conferidos por conta de uma invisibilização de fatores constituintes da sua identidade. Esse sujeito é mais aceito por ter as características da negritude ou de povos indígenas mais brandas, características que fogem à norma e o fazem singular. Este é o nível de violência da lógica racista que opera em nossa sociedade (Lago, Montibeler & Miguel, 2023).

Viver aclamando lares. Com o peito fatigado de doer, em busca de minhas raízes. Não é fácil. Mas me assumir indígena por que tenho “cara de índia” nunca foi uma opção. Mas os tensionamentos me levaram a buscar de onde vem esses olhos negros puxados e pele cor de terra. Ao conversar com minha família, compreendi processos migratórios pelos quais passaram e a velha história violenta da índia pega à laço.

As transformações causadas por esse processo produziram uma nova consciência em relação ao meu modo de vida, meus valores e traços presentes da minha ancestralidade na vida cotidiana: com os alimentos, com as plantas, pequenos hábitos, a forma de se vestir, temperamento, com a espiritualidade, com meu corpo-território.

Em uma virada de ano, eu e um grande amigo decidimos ir até o território de onde supostamente seria minha bisavó. Lá resistem muitas aldeias, mesmo sendo à beira do mar e já ter sofrido com mais de 500 anos de violência colonial. Não tinha a intenção de encontrar minha família, mas de estar em conexão com aquele território, com sua história, sua energia e potência. Estar em contato com pistas sobre pertencer.

Há alguns anos sofro de enxaquecas fortíssimas, e em uma noite doía muito. Meu amigo decidiu então me levar ao Pajé. Foi um encontro forte. Ele nos falou dos encantados, fez algumas orações, me ensinou uma defumação. Me perguntou sobre minha família, lhe disse que eles eram conhecidos como “Os Rosa” e vinham do povo Potyguara daquele território. Ele disse que de cabeça não lembrava, mas que eu tinha as aparências de uma pessoa de uma aldeia vizinha. Terminei o encontro muito mais leve da cabeça. Me convidou para ir no outro dia na oca que talvez houvesse um toré. Fui, dançamos, conversamos mais e ele me ensinou sobre alguns grafismos. Esse foi meu primeiro encontro com a terra dos meus antepassados.

Desde então tive muitos ensinamentos através de livros, entrevistas, filmes, intelectuais, amigos, clientes e influenciadoras indígenas. Por muito tempo permaneci confusa, por muitas vezes me senti uma impostora. Há um enorme debate sobre identidade e reconhecimento de pessoas indígenas. Que ao mesmo tempo reivindica a autodeclaração de pardos, como indígenas, e afasta algumas pessoas que estão em processo de autorreconhecimento mas não sabem sua etnia específica por conta de violências coloniais como sequestro de indígenas de seus territórios, mudanças de nome, ou negação do direito ao nome originário.

Quando conheci Guayumi me senti mais acolhida. Logo que lhe contei a minha história ela começou a me chamar de parente e assim foi em todos os momentos em que estive no Catu. Sinto que apesar de ser um trabalho interno, o autorreconhecimento vem muito do outro, da sensação de casa que eles podem lhe proporcionar. Me sinto em casa no Catu.

Como nos ensina Glória Anzaldúa, a ferida colonial nunca fecha e nunca deixa de doer. Ainda clamo por lares. O caminho de volta só é possível de se trilhar porque não se finda. Se perceber fluxo, passagem, criação. Perceber que identidade não é algo que se encontra, mas que se cria, se pari. Nada melhor do que ser fêmea e ser feita para parir.

Crescer apartada da nossa ancestralidade e se encontrar com ela no meio da vida é uma ferida que não fecha. Durante o mestrado fui diagnosticada com Transtorno de Personalidade Boderline. Por muito tempo não fez sentido, não dei sentido. Hoje não me assusta, pois como me ensina mais uma vez Glózia Anzaldúa “Eu sou a Fronteira”. Engraçado que o diagnóstico border veio nesse momento em que decidi andar na fronteira. Eu o aceito, quando aceito que não preciso mudar para fazer parte desse corpo-território, partilhar da minha ancestralidade indígena. Vou estar eternamente na fronteira e essa é minha identidade. A força que eu construí me fez resgatar a memória e meu pertencimento. Me tornando ainda mais forte. Desfazendo qualquer tipo de dualidade e opressão e assumindo o poder da contradição na identidade. O poder de confluir ancestralidades. Nos ensina Nego Bispo:

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio. Ao contrário: ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente (Santos, 2023).

Acredito que é aí que meu encontro com Guayumi, e com tantas outras mulheres-de-cor, hoje tem tanto sentido. Sem saber, mas não inesperado, temos muito em comum. Convivemos com pais que faziam uso abusivo do álcool, mães que foram vítimas de violência doméstica. Assim como ela, vivi a infância presenciando brigas e fugindo com minha mãe para casa dos meus avós.

Onde estão as melhores lembranças da minha infância. Assim como pra mim, o ato de sentir também já lhe foi demasiado e desejamos o fim da própria vida. Crescemos com o sonho de estudar e graças aos encantados estamos nesse caminho. Enfim, essa é a história de duas de nós, mas acredito que diz muito de muitas mulheres que habitam tantas outras fronteiras.

Não estou curada do ato de sentir. Nascida em uma cultura imposta. Posicionada entre quantas outras? O abrir dos olhos proporcionado pelo conhecimento às vezes é um tanto demais. Sempre brinco com minha terapeuta sobre o desejo de se alienar como saída para a dor desse mundo doente.

No entanto, sinto que o encontro com a ancestralidade, assim como o encontro com Guayumi, é uma bússola que aponta o caminho. Aprendi muito ao me voltar à sabedoria das intelectuais indígenas e negras. E assim como Ailton Krenak, acredito que a saída para essa desilusão com a macropolítica seja a micropolítica. Acreditar no poder de fazer dos nossos corpos, das nossas práticas e das nossas histórias instrumentos de mudança. Por isso, acredito que o resgate da nossa ancestralidade indígena e negra é um instrumento de reposicionamento em relação ao mundo, à natureza, às pessoas e produz novos possíveis. E esse é o lugar das nossas histórias de reexistência: produzir alianças afetivas para novos confluir novos possíveis para nós mulheres-de-cor.

Referências:

Anzaldúa, Gloria (2005). La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. *Estudos Feministas*, 13(3), 704-719. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>

Kilomba, G. (2020). *Memórias Da Plantação*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó.

Krenak, A. (2020). *Ideias para adiar o fim do mundo (1ªed.)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lago, M. C., da Silva Montibeler, D. P., & Pinto Miguel, R. de B. (2023). Pardismo, Colorism and the “Brazilian Woman”: production of racial identity of light-skinned Black women. *Revista Estudos Feministas*, 31(2), 1-15. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n283015>

Longhini, D. G. N. (2021). Da cor da terra: etnocídio e resistência indígena. *Revista Tecnologia & Cultura*. 65-73.

Lugones, M. (2019). Rumo a um feminismo decolonial. IN H. B. Hollanda (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. (pp.357-377). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Potiguara, Eliane (2004). *Metade cara, metade máscara* (1ª ed.). Global.

Santos, Antônio B. (2023) *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA.



A todas nós

Marcela Costa

A palavra escrita corta a carne. E a cada linha que é lâmina revela a dor. A dor que provocaram, que é vivenciada, encarnada na pele e no corpo.

Escrevo essa carta para todas nós, para aquelas que vieram antes e fizeram o caminho com cada passo dado, para aquelas que estão aqui conosco, lado a lado, caminhando juntas o caminho traçado e traçando outros para aquelas que estão por vir.

Escrever não é fácil, é como parir. Parir ideias, pensamentos, saberes, experiências, vidas. Mas precisamos escrever, precisamos parir.

Nos negaram o lugar de saber e disseram que o que escrevemos não tem valor. E como dói saber que por vezes acreditamos nisso, que o que escrevemos ninguém vai ler, que não serve. Mas precisamos lembrar todos os dias que a nossa escrita não serve para eles. Sim, como vai servir se o que escrevemos escancara o que são e rompe com a lógica racista, fissura e move essa estrutura cruel, esse moedor de gente.

Quando uma mulher negra escreve eterniza sua história e nutre os seus. Encarna suas palavras, dá cor ao saber, enegrece o conhecimento. Quando uma de nós se atreve a pôr em palavras nossas experiências vivenciadas, enchemos de corpo e de vida os campos dos saberes. Eu sei, você está se perguntando sobre o que escrever e até dizendo que não tem o que escrever. Mas tem, acredite, você tem muito o que escrever.

Escreva sobre tudo e qualquer coisa. Escreva sobre amores vividos, perdidos, escreva sobre seus afetos, escreva sobre suas heranças e memórias, escreva sobre você, mas escreva, você tem muito a dizer! Lembra que iniciei dizendo que a palavra escrita corta a carne? Então, a lâmina pode ser mirada para um outro lado. Então construa lâminas, tome posse das espadas. Não se entra numa luta desarmada e nessas disputas de saber você tomará posse do seu lugar.

Na minha história, a escrita era temida. Porque escrever é pôr para fora, é aparecer no mundo. Eu desejava o anonimato, não ser vista, escapar, sumir. Mas minha cor não me escapa, não escapa ao outro. E isso que não escapa é o que fortalece, é o que pulsa, que vem de dentro, de longe e de perto, é origem, é ancestral. A pele, essa que me cobre e que por vezes rasga, é o que me protege, o que me faz gente.

Escrevendo aprendi que é possível construir mundos-territórios, transformar a realidade, buscar potência, honrar o Orí de nossas ancestrais. Aprendi que nesse caminho eu não estava sozinha. Na minha experiência, gastei muitas ideias e pensamentos, li mulheres que tinha muito a dizer e eu precisava ouvir. E a cada escrita negra que eu lia, um turbilhão de palavras-sentimentos tomavam conta de mim e eu não podia guardar, esconder, engolir tão somente para mim. Foi preciso transbordar.

E sigo transbordando em águas e ventos. Por vezes tempestades, por vezes calma. Na força de um búfalo, na sutileza de uma borboleta, assim como Oyá, que guia os nossos caminhos.

Nas batalhas da vida e na disputa do saber seremos palavras-lâminas. Cortando com a nossa escrita todas as amarras que um dia ousaram nos parar. Seguiremos encarnando os saberes, dando corpo e cor ao conhecimento e espalharemos nossas palavras pelo mundo.

Acredite, somos uma e somos todas nós.

Entre cartas e artigos: um afeto agroecológico entre orientadora e orientanda

Maria Leticia de Oliveira Bianchini e Dolores Cristina Gomes Galindo

16 de maio de 2024

Querida Maria Leticia,

Talvez deva iniciar essa carta dizendo que eu não sabia ser de uma origem rural ou que o mundo se dividia entre ruralidades e urbanidades. Isso, eu fui aprendendo com o tempo. Talvez eu tenha aprendido não necessariamente a diferença entre urbanidades e ruralidades, mas as hierarquizações.

Ao passar a residir na casa da estudante universitária em Recife, em 1995, eu pude entender o que era ser uma alteridade para as outras estudantes. Eu percebia que, de um lado, elas de alguma maneira me olhavam diferente por ser uma daquelas meninas que viviam na residência. De outro, que elas não percebiam inteiramente os abismos que nos separavam. Na residência, estavam as jovens universitárias de outros municípios.

Esses dias, numa banca de doutorado, onde estava uma colega de graduação, ela comentava que, nos tempos da graduação, sentava comigo no corredor, que nós éramos as alunas que mais anotávamos durante a aula. E que passávamos toda a tarde discutindo textos, eu nada lembrava a respeito disto.

Ao contrário, esse período era marcado, para mim, pelos momentos nas bibliotecas, para leitura, pelos momentos no grupo de pesquisa voltado às mulheres na literatura, por uma sala que eu ocupava quase sozinha como bolsista de permanência estudantil e por uma certeza inabalável de que eu traçaria uma vida como intelectual em que pesem as dificuldades de me manter com a bolsa de permanência e, posteriormente, também com a bolsa de iniciação científica.

Assim, a fissura mais expressiva entre ruralidade, universidade e formação se deu quando ingressei no sistema de assistência estudantil da Universidade Federal de Pernambuco, em Recife. Lembro do momento da entrevista para ingressar na casa do estudante. É o momento no qual eu deveria, então, comprovar a minha origem rural, comprovar o meu status financeiro.

E todas as estudantes na época estavam muito apreensivas para viver em esse processo. E como eu refiro a outras estudantes na mesma condição? Porque nessa época nós morávamos como residentes fantasmas na casa da estudante de Pernambuco, ou seja, informais, nós éramos recebidas por outras estudantes e ali trocávamos experiências, impressões.

Lembro que uma das estudantes que na época era a presidente da casa me disse assim, “olha, você vai bem desarrumada para entrevista, viu? Não passa ferro na roupa, vai bem desarrumada para a entrevista”. Daí, eu me preparei desse jeito, bem desarrumada. O curioso é que eu não sabia que mesmo que eu colocasse a minha melhor roupa na época, possivelmente eu estaria aparentemente desarrumada, quando contrastada às outras estudantes do curso integral de psicologia, quase todas de camadas médias e urbanas. Há enquadres e idealizações sobre ruralidades.

Eu não nasci uma mulher que me entendi como tendo uma origem rural, uma acadêmica que entendia ter uma origem rural. Eu sabia apenas que parte da minha vida não deveria ser dita, que eu não precisava falar com as minhas colegas da universidade sobre as conversas a respeito de vacas, a respeito de capim búfalo, a respeito de como montar, por exemplo, um espaço para porcos ripado e aproveitar o que os porcos deixam cair para as galinhas. Nada disso era necessário dizer.

O que aprendi, talvez, bem posteriormente, muitos anos depois, é que esse silêncio que me acompanhava era um impedimento e uma estratégia de sobrevivência na universidade.

Pois bem, a minha formação inicial na graduação em Psicologia se deu entre dois mundos, o mundo com a minha família e o mundo na universidade e esses mundos então não conversavam entre si.

Curioso perceber que o rural ingressa na minha vida universitária pelo silêncio, pelo silenciamento e por uma cisão entre o que seria o mundo familiar e o mundo acadêmico, e uma nitidez de que eu caminharia entre mundos.

No início da graduação, de verdade, eu imaginava que seria possível deixar tudo que era rural para trás, que eu precisaria deixar para trás toda uma formação de saberes rurais, que nada disso me serviria e que isso era algo que me puxava para trás, como se me puxasse justamente no sentido contrário ao que eu desejava viver como acadêmica. Contrário ao que eu queria traçar, que era uma vida universitária.

Foram muitos anos para que isso mudasse. Talvez esta carta escrita a você, que oriento no doutorado, aos meus 47 anos, como professora e pesquisadora, seja um indício que o tempo do silêncio teve seu término. Porém, o que seremos quando dissermos de nossa ruralidade, sem idealizações, na universidade? Alteridades para o deleite alheio? Eu me recuso.

Um grande abraço,
Dolores.

18 de maio de 2024.

Querida Dolores, Recebi sua carta com muito carinho e me emocionei ao ler suas palavras. Não foi difícil de lhe imaginar lá na casa da estudante universitária porque, mesmo que em 1995 eu ainda não era nascida, 20 anos depois eu me encontrava chegando na universidade com sensações parecidas às suas.

Durante os três primeiros anos de graduação deixei de lado a minha vida rural e só havia espaço para a vida na “cidade grande”, contudo, não foi um processo que precisei pensar para fazer essa escolha, era como se só houvesse essa possibilidade, ao viajar 2 horas para estudar era minha obrigação aproveitar a oportunidade que a vida me dava e diante de uma grade voltada para a vida urbana, recebi a confirmação que era isso mesmo.

No quarto ano eu tive um estralar dos olhos para perceber o que realmente fazia sentido para mim, o desejo pelo mestrado ganhou materialidade quando percebi que havia espaço para falar sobre as ruralidades, palavra que ainda não conhecia, mas que hoje vejo que ela resume os meus pensamentos da época, quando revelei o tema do meu projeto, recebi conselhos para aceitar se me propusessem troca de tema na entrevista, neste momento, percebi o abismo entre as ruralidades e urbanidades, se havia linhas de pesquisa sobre trabalho na Unesp porque o meu tema não chamaria atenção? Aí eu entendi que não se tratava do trabalho, entretanto, de onde eu falava.

Lembro de estar muito nervosa na entrevista para o mestrado porque eu não sabia o que poderia me aguardar, gostava do meu projeto, não queria abdicar dele, entretanto, você realmente se interessou por ele, e eu fiz o caminho de volta para Ourinhos comentando com minha mãe sobre a surpresa do seu interesse. Não fui só eu que pensei assim, as mesmas pessoas que me aconselharam aceitar mudanças responderam o mesmo: “Que sorte!”.

Ter vivido um mestrado onde pude experimentar o mundo da minha família e o mundo na universidade se atravessando me fez perceber que o silêncio que você sentiu, eu também senti na graduação, mas não nos demos conta na época do quanto era violento renunciar aos nossos saberes, nossa ancestralidade para conquistar a graduação, quantas outras de nós compartilham esta experiência?

Que bom que nos encontramos!

Um abraço,
Maria Letícia.

21 de maio de 2024

Li a sua carta e ela me fez pensar sobre quando e como se daria o reconhecimento de uma existência de um percurso acadêmico de uma mulher de origem rural que se coloca no mundo como pesquisadora. Seriam as bolsas? Seriam os concursos para ingresso nas universidades? Afinal de contas quando mulheres de segmentos minorizados, rurais, negras, quilombolas, indígenas, chegam “lá” em suas trajetórias acadêmicas? O que é esse “lá” que se busca? Talvez seja um ponto da trajetória no qual de alguma maneira me parece que nós nos olháramos e diríamos que conseguimos, mas o que é esse “lá” que nós buscamos? Uma aluna me contou que sempre acha que tudo que construiu academicamente pode desmoronar, que esta sensação não passa. Hoje a minha carta é curta e toca num tema difícil. Você pensa nisto?

Um abraço,
Dolores.

27 de maio de 2024

Início essa carta pedindo desculpas por lhe deixar esperando. Você me enviou uma carta há sete dias e eu não li. Algo fez com que eu esquecesse, mesmo tendo um fluxo de respostas, eu me esqueci. E agora que li sua carta, vejo o quanto ela fez sentido com que eu venho tentando lidar nesses últimos 27 dias.

Desde que recebi a minha bolsa CNPq no dia 1º de maio, tenho tentado entender quem é a Maria Letícia, pesquisadora que também é bolsista. Porque parece que algo mudou. Eu não sei dizer bem, mas a frase da sua aluna contempla grande parte do que estou sentindo. É como se agora eu tivesse medo, não é uma pressão, uma cobrança de produtividade. Não é isso, é uma pressão diferente. É uma pressão que me toca como se eu tivesse alcançado algo muito extraordinário e frágil e que eu posso derrubar a qualquer momento e aquilo tudo vai quebrar. Então, estou anestesiada nesses últimos dias. Os momentos de estudo são tomados por um nível de adrenalina que fazia tempo que não me aparecia. Talvez seja a minha inclinação em pesquisar sobre os nossos espaços na academia e, vendo as informações que tenho encontrado, tem me causado uma estranheza, porque parece que esse “lá” ainda é muito abstrato. Qual é esse “lá” que eu estou indo? Esse “lá” é possível aqui no sul? Porque parece que eu sou um peixe fora d’água. Parece que as pesquisas não conversam com as minhas. É estranho, é bem estranho. Mas talvez esse “lá” que almejamos alcançar comece a fazer sentido quando o cá de onde saímos seja uma das possibilidades de escolha.

Até onde nós queremos ir, onde fica esse lá, e de uma maneira segura, de uma maneira concreta, que não vai fazer com que a gente perca tudo o que construímos, eu ainda não consigo responder. Só sei que sua carta me deixou reflexiva, acho que pensarei ainda mais sobre tudo que li. Por hoje, é isso que consigo escrever.

Um abraço,
Maria.

09 de julho de 2024.

Olá, Leticia. Desta vez, eu demorei bastante para responder a sua carta. As demandas da universidade me absorveram. Li o seu relato sobre o medo ao se tornar bolsista, o receio de, efetivamente, fazer parte do sistema de fomento nas universidades, sobretudo, o seu receio a respeito de uma possível inserção futura como docente considerando a baixa representatividade de mulheres camponesas nas universidades.

Hoje, respondo num cenário bastante animador. Um momento no qual você recebeu não apenas a bolsa de doutorado no Brasil, mas a bolsa de doutorado no exterior. Eu acredito, Letícia, que podemos visualizar as brechas e as fissuras ainda que sintamos medo. Como sente esta convocação a rastrear as grietas, como propõe Catherine Walsh? Em que pese a baixa representatividade de mulheres camponesas e de famílias rurais, a sua geração abrirá espaços e possíveis. De certa maneira, a minha geração e de muitas outras contemporâneas e que me sucederam também vem abrindo esses espaços.

Em diferentes espaços, como este que criamos por meio das cartas, nós diremos os nossos nomes e talvez você já não se sentirá tão sozinha e verá que, mesmo poucas, estamos espalhadas, como docentes e pesquisadoras, em diferentes universidades brasileiras ainda que permaneçamos nas fronteiras, isto é, nas zonas limiares e férteis, como nos ensinou Gloria Anzaldúa.

Um beijo,
Professora Dolores.

08 de julho de 2024

Olá, Dolores. Sua carta chega em um momento muito interessante, talvez seja nossa conexão (rs). Você fala de Glória Anzaldúa, justo quando estou lendo suas cartas no texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, as palavras dela mexem comigo porque ela faz as mesmas perguntas que eu também me faço e já lhe contei nas cartas anteriores, mas retomo: Por que ainda sinto este deslocamento? Por que esse receio de alcançar algo que é tão sonhado pelas pesquisadoras? Talvez seja por conta do lugar da fronteira, de sentir que ao atravessar a linha eu serei imigrante dentro do meio acadêmico.

Mas, Glória Anzaldúa em suas cartas e você com esta que acabo de receber, me fazem olhar para as razões pelo qual escrevo, como diz Glória Anzaldúa, “escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você”. A sua carta me motiva, me anima junto com todas as outras coisas que têm acontecido nesse momento, me sinto convocada a continuar escrevendo mesmo me sentindo estrangeira, a continuar seguindo para abrir portas para as outras que estão vindo, portas que você abriu para mim.

Acho esta carta muito simbólica, você datou como dia 09 de julho de 2024, mas para mim ainda é dia 08 de julho de 2024, há um oceano e um fuso horário de distância entre nós, você me espera no futuro para construirmos um momento e tanto: Daqui 60 dias estaremos juntas, duas mulheres camponesas e pesquisadoras, levando as terras que já tonalizaram nossos pés com sua cor para fazer pesquisa com nossos saberes agroecológicos em Barcelona/Espanha. Que bela ocupação, não é?

Um beijo,
Maria Letícia

Por que estas cartas possuem afetos agroecológicos?

Cabe começar esta parte da escrita contando sobre como o conceito de agroecologia dos afetos foi construído. Ao longo da redação da dissertação de mestrado me deparo com uma questão conceitual: As palavras “cuidado” e “afeto” não davam conta de explicar o que eu gostaria de transmitir no texto sobre a relação entre as mulheres camponesas/agricultoras familiares e as espécies companheiras, sejam os animais ou as plantas.

Eu queria transmitir, ao menos um pouco, do que sentia em minha pele como mulher camponesa e o que observava entre as mulheres camponesas do meu convívio, havia diálogos que apenas nós, que vivíamos na roça, entendíamos, e não era apenas em relação as técnicas de trabalho, mas sobre observações da vida e das relações interespecies que eram compreendidas por uma linguagem camponesa específica que foi e é construída pela vivência nos mundos rurais.

A linguagem aqui se faz muito importante porque não trago apenas a fala, mas uma linguagem que abrange todo o corpo, falar sobre a suspeita da chuva não era baseada em previsões meteorológicas vistas na televisão ou na internet, contudo sobre um saber localizado no corpo e no território que permite conhecer a sensação que o “vento de chuva” causa no corpo.

Logo, para escrever sobre estas relações era necessário encontrar palavras que transmitissem o conceito evitando armadilhas interpretativas, ainda mais em um país onde os mundos rurais são tão diversos. Diante disto, a palavra cuidado abrangia até certo ponto o que gostaria de falar sobre as formas de contato que observava destas mulheres, mas alinhada com Maria Puig de la Bellacasa et al. (2023, p. 109):

Cuidado significa todas essas coisas e coisas diferentes para pessoas diferentes, em situações diferentes. Assim, embora as formas de cuidado possam ser identificadas, pesquisadas e compreendidas concreta e empiricamente, o cuidado permanece ambivalente em seu significado e ontologia.

Ao mesmo tempo que a palavra cuidado poderia explicar sobre as trocas presentes na culinária, nos chás medicinais, na ancestralidade passada nas tradições, no trabalho na roça com os animais e plantas, também havia um outro lado onde as mulheres não tiveram escolha a não ser estar neste lugar de cuidado.

Construí a pesquisa de mestrado no auge da pandemia e observei muitas mulheres camponesas no meu convívio ou até mesmo dos dados estatísticos que foram publicados nos anos pandêmicos, uma sobrecarga ainda maior sobre estas mulheres devido as demandas de cuidado que aumentaram, sem as escolas funcionando, os filhos permaneceram mais tempo em casa, as pessoas idosas que dependiam de cuidados não emergentes foram suspensos, como terapias no geral ou atividades físicas, aumentando as demandas de alimentação, limpeza, atenção ao mesmo tempo que os trabalhos rurais não pararam devido a quarentena, isso sem mencionar aqueles que tiveram covid e no isolamento territorial dependeram completamente destas mulheres para os cuidados no momento do adoecimento.

Além das tarefas de cuidado, muitas das atividades que aumentaram fugiam do ramo de conhecimento destas mulheres como ser professoras das filhas e filhos enquanto algumas delas não haviam terminado seus estudos ou na realização de atividades de fisioterapia com as pessoas idosas de suas casas.

Todas as atividades foram centralizadas nos meios urbanos, como por exemplo, em Pinhalão-PR, cidade de uma das autoras, as atividades escolares eram impressas e os pais precisavam ir até a cidade para buscá-las para que suas filhas e filhos não reprovassem, junto com essas atividades eram entregadas cestas básicas que eram muitas pesadas e uma parcela destas pessoas iam apé, andando quilômetros de distância para pegá-las.

Diante deste contexto, mesmo sendo concordando com Bellacasa (ano, p.116) sobre “ao invés de desistir do cuidado porque ele é agenciado em propósitos que julgamos lamentáveis, precisamos debater seus significados, desembalando-os e reencenando-os de forma que seus compromissos respondam às demandas do presente”, debate-lo no texto não resolvia a questão de como transmitir as afetações rurais através das palavras, mas pelo contrário, nos trazia mais problemas porque “o termo ainda parte de um centro humano, para depois chegar “além” dele” (Bellacasa, ano, 109).

Utilizar um termo que parte do centro humano para depois ir além dele enquanto falávamos de agroecologia e agricultura familiar produzia atritos entre os objetivos propostos da pesquisa, pois as biointerações que compunham a escrita corriam risco de cair nas armadilhas da centralidade do humano.

Por um outro lado, mudar de cuidado para a palavra “afeto” sem estar acoplada a outra também não dava conta do conceito que queríamos propor porque não estávamos trazendo qualquer afeto, mas um afeto localizado no corpo e no território, logo, trazia consigo as potências e os percalços entre os afetos na roça e como eles afeavam a pesquisa.

Retomo o texto de Dolores Galindo e Daniele Milioli (2020, p. 65) para aprofundar na discussão de afeto, as autoras falam sobre o conto “Amor”, de Clarice Lispector ([1960]1998), onde se conta a história de Ana, que, sentada no banco do Jardim Botânico, é arrebatada pelo movimento de um gato. O susto faz com que ela se prenda às cambalhotas do gato e nem percebe a noite chegar, entretanto, já não havia como retornar para casa sendo a mesma mulher de antes do encontro com o gato. Indagam as autoras:²⁸⁷ “Quem se assustaria com um gato a ponto de perder-se? Quais afetos são acionados no corpo intensivo de Ana?” (GALINDO;

Este texto é fértil para pensar sobre os afetos porque não se trata de afetos felizes e idealizados, este em questão que brota em Ana, surge de um susto, este que foi capaz causar tamanho atravessamento nela onde já não era mais possível ser a mesma. É sobre estes impactos que nos interessa no afeto! Não há um significado que chega antes do termo, como o cuidado, não se aciona as necessidades humanas para depois ir além dele, sobre o que fala quando digo que fui afetada? A questão se abre ao indagar que tipo de afetação aconteceu, precisa-se de mais pistas para que se compreenda de qual afeto estamos falando.

Como o intuito era construir uma pesquisa que não fosse apenas científica, mas que também avançasse através dos saberes populares encontramos na palavra “agroecologia” um acoplamento no mesmo sentido da palavra afeto: não há algo que vem antes, há um cultivo mútuo. Assim, além de trazer a dimensão ecológica, o termo propunha “[...] novas categorias conceituais que permitam o desenho de um sistema de produção agrícola em que os seres humanos cultivam a terra sem degradá-la e sem degradar-se enquanto organizações sociais” (SILIPRANDI, 2015, p. 93).

Agroecologia chega na pesquisa para avançar no debate possibilitando uma pesquisa que rompa com as técnicas colonizadas/colonizadoras de escritas que subscrevem os seres marginalizados a partir de uma lógica eurocentrada e urbanizada. Pensar nos afetos agroecológicos nos ajudam a tensionar os lineares de uma vida que é atravessada por muita potência, porém também de enfrentamentos diante das dificuldades de permanência na roça e de permanência dos saberes da roça.

Por isso, ao escrevermos estas cartas, não somos apenas orientadora e orientanda, entretanto Dolores e Maria Letícia falando sobre como as vivências na roça produziram os corpos que caminham pela academia, suas histórias, suas linguagens rurais não ficaram na roça quando ambas saem do interior para estarem na universidade, com elas, toda sua ancestralidade veio junto.

No ano que Dolores inicia o segundo ano da graduação em Psicologia em Recife, Maria Letícia nasce no interior do Paraná, 20 anos separam as duas, porém ao falarem de suas experiências como universitárias muita coisa se atravessa. Mesmo tendo uma lacuna temporal significativa, os atravessamentos no mundo acadêmico se embaraçam ao tocar na fissura da estranheza de ocupar um lugar que não foi pensado para o rural.

Caminhar pelas fissuras cria um contexto que nenhuma escrita positivista e mecanicista da conta de abarcar sobre as inquietações que este lugar traz, estratégias de permanência foram adotadas por ambas as pesquisadoras para sustentarem a vida e os sonhos em um lugar que se apresenta cheio armadilhas para se fazer desistir.

Ao escrevermos queremos deixar registrado nossa existência, nossos afetos agroecológicos diante da academia que nasceu urbana, mas tem ficado marcada com nossos pés cheios de terra.

Referências

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, Florianópolis, 2000, p. 229-236. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 11 jul. 2024.

BIANCHINI, Maria Letícia de Oliveira. O trabalho das mulheres rurais e dos cachorros: Uma agroecologia dos afetos. Assis, 2023. 185 f. Dissertação de mestrado. UNESP.

GALINDO, Dolores; MILIOLI, Danielle. Psicologia e etologias: algumas contribuições de Deleuze, Haraway e Despret. *Revista Polis e Psique*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 63-84, 2020.

PUIG DE LA BELLACASA, Maria; BÖSCHEMEIER, Ana Gretel Echazú; ENGEL, Cíntia; GRECO, Lucrecia Raquel; FIETZ, Helena. O pensamento disruptivo do cuidado. *Anuário Antropológico*, [S. l.], v. 48, n. 1, p. 108-133, 2023. DOI: 10.4000/aa.10539. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/49154>. Acesso em: 12 jul. 2024.

PUIG DE LA BELLACASA, Maria; BÖSCHEMEIER, Ana Gretel Echazú; ENGEL, Cíntia; GRECO, Lucrecia Raquel; FIETZ, Helena. O pensamento disruptivo do cuidado. *Anuário Antropológico*, [S. l.], v. 48, n. 1, p. 108–133, 2023. DOI: 10.4000/aa.10539. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/49154>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SILIPRANDI, EMMA. *Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

My amygdala, se apresse e me salve

Barbara Buonaduce

12 de Dezembro de 2021

Sei que meus avós estão orgulhosos de ter uma neta super artista,
Mas não ter um livro meu na estante de livros do meu avô
ou uma foto gigantesca na parede da sala da minha avó...

ainda dói

Sei que minha mãe está vibrando de alegria por me ver com o
diploma que ela se arrependeu de não ter na mão
Mas não ter ela aqui para partilhar novas músicas,
espantar a tristeza na base da risada e pirraçar minha irmã em
conjunto...

ainda dói

Sei da infinitude da existência
Mas a ausência maltrata
Sei que estão comigo
Mas, em alguns momentos meu peito se quebra em dor de saudade

Me pergunto por vezes porque eu precisei
Sempre
Aprender com muita dor
Com muita falta
Com os oceanos do planeta correndo do meus olhos

Eu espero ver vocês 3 em meus sonhos sorrindo essa noite
Porque eu realmente só quero sentir o abraço de cada um de vocês
E sentar uns longos minutos falando sobre como é bom aqui às
vezes
Mas que sem vocês sempre vai ter um gostinho amargo no canto da
boca
Mesmo que eu saiba que em breve estaremos juntos

A eternidade é linda e longa
E brevidade da vida carnal é muito dura
Apenas gostaria de um pouco menos de choro, e um pouco mais
das minhas raízes afetivas para me lembrarem que está tudo bem,
e que não vai demorar para estar em casa de novo.

--

16 de janeiro de 2022

ouvindo [Labrinth - Jealous \(Official Video\) - YouTube](#)

Achei que depois desse tudo que houve entre nós, através dos anos
com delicadeza e dos últimos tempos como um verdadeiro furacão,
eu iria simplesmente não sentir mais nada. E sabe, ocasionalmente,
na distância, eu sentia sua falta de forma corriqueira. Como alguém
que está acostumado a sentir e aos poucos vai desaparecendo da
sensação.

Até hoje, quando te vi falando. Na distância de uma tela. É, até hoje
estava tudo bem.

Não que tudo tenha mudado agora, só por conta de 2 horas de
conversa indireta. Não mudou. Mas ficou óbvio o quanto eu ainda
sinto por você e como esses pensamentos intrusos eram apenas os
sinais de tamanho sentimento. E isso é, para mim neste exato
momento, ruim.

Ainda mora em mim a romântica sem cura, que aguarda você pelo andar dos dias. Que pode até se interessar por outras pessoas, mas que sempre verifica esse espaço vazio que você deixou sem nem mesmo querer ocupar o lugar que guardei para ti no peito. Eu ainda espero de forma estúpida que você perceba, que em algum canto desse seu coração você tenha um mísero espaço para mim.

Convenhamos, o título de amigos que carregamos é algo tão frágil e cortês que nem nós mesmos acreditamos. Amigos não somem, amigos se abrem para amigos, amigos são e estão conosco a todo momento, basta chamar. E nós sabemos que não podemos chamar um ao outro. Você pelas suas razões e eu porque preciso definitivamente me manter o máximo possível desconectada de ti. Porque ainda não consigo simplesmente mentir descaradamente dizendo que eu não te quero, que eu compreendo esse plano reencarnatório e que você não vai fazer parte dele de uma forma tão bonita como pinteí, e sim fará com que eu demonstre a pior parte de mim: que é a parte ingênua cheia de raiva quando descobre isso.

Agora, você sente suas dores, e compartilha com pessoas que você confia. De alguma forma segue feliz sua vida e aguarda pela garota que vai chegar com os sentimentos que aceitarás ter dentro de você.

E eu, vivo igualmente, apenas sem desejar que ninguém venha a mim com sentimentos. Ainda que eu me sinta só. Não quero viver dando migalhas de amor que eu sei que sou incapaz de dar.

Eu já falei a mesma coisa que aqui falo a você por outrem. Espero estar errada como estive em outro momento. Espero que você tenha sido só uma fogueira de paixão ilusionada que eu vivi mais uma vez.

Porque sendo assim, dia a mais ou a menos, eu me recupero.

O amor vai bater na porta e eu vou abrir.

E não sendo.

Viverei de um raso sentimental que jamais chegará nem sequer a um milésimo do que senti por ti.

E sabendo que meu olhar nunca vai ser tão compreendido como você compreende o meu, seguirei de meia alegria.

Com a certeza que, só não vivemos algo porque você acreditou que o plano não era esse.

E talvez não fosse.

Mas nunca saberemos.

A sua não permissão, tirou qualquer possibilidade.

E seu “controle emocional” sugou qualquer verdade.

Enfim, não quero mais as cartas. Elas são lindas, mas muito patéticas.

Porque só um sente no fim das contas

e sentimento nunca foi via única...

22 de abril de 2023, 01:44

Eu sei que você não espera uma mensagem dessas, e entendo perfeitamente o risco de sequer escrever isso. Mas eu preciso te dizer que eu sinto sua falta... Beijar bocas lembrando da sua que eu nunca beijei, ouvir risadas que não são as tuas... eu não posso dizer que eu estou apaixonada, mas não posso também dizer que eu não sinto nada.

Você chegou na minha vida ao acaso, em alguns poucos dias me fez lembrar que era possível alguém me respeitar pelo que eu era, você me fez sentir segura, me fez ver o quanto é bom achar " gente como a gente", e querendo ou não me fez até reacreditar em um amor normal... sem grandes dramas, sem ódio, sem coisas ruins que hoje fazem tanto mal a tanta gente que tenta e tenta se amar.

Eu me arrependo de ter fingido pra mim mesma que ia ficar tudo bem se eu apenas seguisse em frente, porque você estava em outra página e eu não podia mais ficar esperando eternamente alguém estar na mesma página que eu... porque eu sempre senti demais, de uma forma que nem todo mundo entende. Mas tentar ver a vida do jeito que eu vejo, nos braços de qualquer pessoa que não seja você tem parecido errado demais. Pode ser apenas o gosto do "e se?" Permeando minhas tentativas de ser amada, mas é um fato.

Eu sinceramente suporto de bom grado ficar meses sem a sua presença física, te vendo voar em mundos desconhecidos, deixando sua Dora Aventureira ser feliz pelo mundo, desde que de tempos em tempos eu tenha a tua foto sorrindo chegando no meu celular. Eu prefiro mil e uma vezes respeitar o teu tempo e espaço do que continuar nessa busca desgraçada e vazia por alguém que me faça sentir um pouco do que eu senti contigo...

Eu não quero só sexo com você, eu não quero te machucar, não quero te usar, não quero ser uma lição da vida pra você, não quero absolutamente nada que te machuque ou não te respeite... Sinceramente eu quero poder ser algo bom pra você como você é para mim. Eu sei que não tô na melhor fase da minha vida, que preciso de muita terapia e que tem parafusos soltos aqui dentro, mas eu quero tanto poder dar o melhor de mim por ti...

Me desculpa, eu deveria ao invés de ter mandados tickets, ter te escrito isso

Mas eu quis respeitar você

Eu quis e ainda quero que você fique confortável em virar a página ou trocar de capítulo

Eu quero uma garrafa de vinho, e um flerte quente demais, mensagens suas completamente bêbado e a certeza que eu vou acordar com um bom dia de voz cansada tua...

Enfim, eu gosto pra caralho de você

Duas cidades nunca me pareceram tão certas, ainda que no meio disso tudo haja um globo completo de km....

ps: eu chorei depois de escrever, porque eu sei que aqui se cruza uma linha que não tem volta para trás. E a culpa é minha por ter encontrado um mundo num bendito de 1,80cm que tem a porra do filme favorito igual sou meu e faz terapia também. Nem posso dizer que é culpa sua porque você só nasceu kk e a chances de você estar se recuperando de um antigo amor são enormes, o não pode vir certo, e a amizade pode ir minguando até acabar porque você pode achar que me machuca sendo meu amigo e eu posso no fim achar também que te machuco por sentir além da conta correta das coisas.

Que capricho da vida não é mesmo? A gente não pode falar o que sente pra não perder, mas também se não fala acaba perdendo, e tudo vira um adeus que nunca tem fim correto...

E o melhor de tudo? No olho no olho o máximo que ia sair era você perguntando as coisas e eu respondendo sim ou não com a cabeça totalmente aterrorizada.

PS2: eu tô com muito álcool na cabeça, mas isso é mais libertador do que você imagina. Eu tenho isso pra escrever a tantos dias... eu olho essa merda de cidade que eu nasci e não consigo entender o porquê todo mundo que sai daqui pra ir buscar tranquilidade tem que morar com um bixo endemoniado chamado solidão no meio do peito, com mil crises de ansiedade e sempre voltando pra cá e não conseguindo ficar porque a vida nessa cidade é insustentável

Ps3: um dia, se você puder, pode me dar um beijo? dando certo ou errado eu queria contar no meu futuro que independente do desfecho eu pude saber se tudo aquilo que a gente falou de beijo na prática é real...

Ps4: eu tô morrendo de saudade

Ps5: eu queria estar abraçada contigo agora, tá muito frio

Ps6: me desculpa, eu nunca tinha que ter ficado com aquele menino tão bosta... Eu não te falei o que eu queria na época porque ia soar errado... eu fiquei com aquele babaca por puto medo de não ser boa o suficiente pra você... uma completa idiotice, mas é a verdade. 7 anos sem beijar na boca, eu não queria fazer feio... beijei aquele merda o tempo todo pensando em você nesse caralho, igual a todo o cara que veio depois... porque veio depois? Nem eu sei velho, eu não ligo bem com meus sentimentos de amor, e no mínimo sinal de rejeição eu corro para longe, no mínimo sinal de que tô fazendo mal eu saio desesperada querendo esquecer e fingir que não existe... eu sou quebrada já falei... me desculpa

Ps7: você tem a risada mais gostosa que eu já ouvi em toda minha vida

Ps8: quero conhecer minha cidade natal e o mundo contigo!
Sempre que eu puder, queria viajar e ser sua fotógrafa... óbvio se
você quiser...

Ps9: sempre vai ser o que você quiser, não se sinta pressionado a
nada pelo amor de Hekate

Ps10: a única dor que eu vou sentir é saber que eu te perdi porque
eu não falei a verdade...

5 de Dezembro de 2023 - 14:32

minhas dores não são por culpa sua, então não se culpe.
essas feridas, melancolias, cicatrizes
eu carrego comigo a um tempo indefinido
e entenda, eu ia sentir dor de qualquer forma
sei exatamente onde minhas ações me condenam,
e quais foram os punhais que eu mesma coloquei em meu peito
aberto
quero apenas dizer que você não tem culpa disso,
mesmo que em algum instante tenha
você é tão quebrado quanto eu...
minha versão masculina perdida em um corpo oposto,
não sofra por isso
talvez, se tivéssemos nos encontrado em outras circunstâncias,
se você não tivesse brilhando aos meus olhos, ainda que por um
curto período de tempo
nunca saberemos
leia minhas palavras, sabendo que você não foi nenhum tipo de
combustível para minha dor,
mesmo que seja
eu não te considero assim
e se for preciso,
me pinte de louca, eu não tenho problemas com isso
se quiser se manter distante eu vou compreender,
já deixei de acreditar, a essa altura do campeonato,

que seja possível que eu faça apenas o bem para aqueles que me rodeiam
sou esse desconforto gigante,
e talvez até por isso eu tenho me permitido cada vez menos sonhar
ser menos humana me faz mais capaz de manter sentimentos distantes
amar, odiar, sofrer, sorrir
tudo fica bem longe
e te confesso que por enquanto isso tem sido melhor
ainda que eu acredite que somos universo
me sinto essa galáxia distante demais para o alcance
que tem planetas inóspitos a vida
com estrelas já em estado de esfriamento
e instabilidades gravitacionais demais
afastando tudo e a todos, e esperando apenas o dia do meu próprio cataclisma final
então, temos um trato
seja feliz, encontre um universo para fazer você sorrir
persiga seus sonhos,
não ligue para uma palavra daquilo que ninguém diga
e quando tirar uma foto bonita,
permita-se vagamente lembrar que um dia teve uma amiga que
gosta muito das suas fotografias
e só por esse breve momento,
que não vai se delongar além de poucos minutos
existirei novamente por perto de ti.

16 de junho de 2024 - 23:18

Eu queria destinar essas palavras, especialmente, a todos aqueles que me dispensaram alguma vez, seja lá o porque do motivo.

Caralho, porque? Assim de verdade qual foi o motivo?

E não me venham com aquelas historinhas superficiais por favor, vocês são pessoas adultas e podem ser melhores que isso.

Eu estou perguntando porque às vezes me custa acreditar no que parece ser mais provável.

Todos vocês parecem ter o mesmo motivo de base no fim das contas.

Vocês têm medo, não é?

Isso mesmo, medo

Medo porque eu não sou o estereótipo em nenhuma forma, seja estético, seja de personalidade ou de qualquer outra coisa

Eu sempre, em algum contexto, foi grande demais.

Quando era magra, as coxas eram grandes demais, a bunda era grande demais, o peito grande demais. E bom, quando fui gorda, é auto explicativo não é?

E convenhamos, vocês homens odeiam mulheres grandes demais.

Eu nunca fui romântica, ainda quando eu tentava. Eu não sou dos amorzinhos, das coisas fofas de casal, de ficar demonstrando em público e essas coisas frufuzentas absurdas que eu vejo casais de adolescente muitas vezes fazer. E bom, é importante acrescentar aqui o sentido do romantica mais para a doçura de personalidade, coisa que eu passo longe de ser.

Eu sou a mulher que foi criada por mulheres que sofreram pra caralho na mão de homens, e para melhorar o homem que deveria ter me criado simplesmente deu e dá as costas para qualquer mínima possibilidade de vínculo comigo. Eu não vou ser doce, nem que eu tente.

Eu sou, literalmente, a mulher que vai trabalhar com 40 graus de febre, porque tem deadline pra chegar, que vai falar palavrão demais, que não se importa nem um pouco em falar sobre coisas sexuais e nem coisas que vocês consideram masculinas demais, eu sou um humano porra, eu caguei grande para o tabu de vocês.

Inclusive preciso comentar aqui a fala que um dos meus amigos me falou uma vez, ele me disse que eu só não era um homem porque eu era uma mulher. Parece estranho né? Eu também achei. Isso tudo porque eu descrevi com riqueza de detalhes meus meios metódicos de ir gostando de alguém, e que eu não gosto de fazer isso depressa, e nem de perto sou o tipo que vocês chamam hoje em dia de “emocionada”. Eu não vou chamar você de amor, eu não vou falar eu te amo primeiro, eu vou demorar pra caralho pra te apresentar pra qualquer pessoa do meu ciclo e conhecer minha família só se a gente estiver já em um relacionamento a algum tempo. Eu detesto programas de casais, aliás, eu detesto ficar em público.

Em público, a única coisa que eu quero fazer é ficar de melação, e essas coisas. Ninguém é obrigado a ficar vendo o amor dos outros, e eu também não sou obrigada a ficar expondo meu amor por aí, ainda mais se é um amor que eu nem sei se eu to sentindo mesmo. Para melhorar ainda mais o medo de vocês, ah, eu sou inteligente. Eu sou muito inteligente, e eu gasto toda mínima hora que eu posso para ser ainda mais inteligente. Como as más línguas dizem “ah, você é culta demais”. Não, eu só sou completamente apaixonada em saber que existe a possibilidade de ter um lattes impecável, e eu adoro perseguir a sensação de ser referência na minha área, seja ela qual for.

Eu sou perfeccionista, então eu vou sempre procurar isso com todas as minhas vísceras, não me importa se você não quer isso. Adendo aqui: eu sou artista, existe um boato que homens acham mulheres artistas intensas e doidas demais, estou correta?

Enfim, vocês tiveram medo. Tiveram medo porque eu poderia simplesmente, só com o fato de existir, quebrar os ideais que vocês tiveram a vida inteira nas mãos um por um

Nenhum de vocês poderiam me controlar, nenhum de vocês poderiam me enganar, nenhum de vocês poderiam ser maiores do que eu (só em altura o que não é difícil né, eu sou um pigmeu).

Eu nunca vou dar o braço a torcer para afagar o seu ego, nem meu mapa astral permite isso

Eu nunca vou me adequar em ficar em casa tricotando ou fazendo as tarefas de casa insuportáveis, minha cabeça tá ocupada demais pensando em como melhorar o acesso de arte na cidade, ou em como fazer alguma coisa comunitária na cidade com literatura. (e eu odeio lavar louça).

Eu não estou nem aí se você vai me comprar flores, ou ficar me mimando, eu não ligo pra isso. Minha linguagem do amor inclusive é atos de serviço, pra mim a coisa mais romântica que você pode fazer é me ajudar a resolver alguma coisa no meu computador ou dar um jeito no meu celular.

Então assim, vocês tiveram medo pra caralho sabe? E foi bem bosta o que fizeram comigo, porque todos vocês, um por um, dia após dia, vocês me quebraram de forma desastrosa.

Me quebraram tanto que hoje eu não consigo sentir merda nenhuma por ninguém.

Literalmente ninguém.

Hoje pode aparecer o ser humano com todo o checklist de pessoas que seriam meu sonho de consumo que eu vou negar, simplesmente porque vocês me fuderam (e nem foi como eu queria)

Essa carta é pra mandar todos vocês a puta que pariu, sem exceção de nenhum. Com mais ou menos culpa, todos vocês devem ir a casa do caralho.

Vocês foram covardes, e eu fui trouxa.

E ainda assim a vida ajudou vocês todos e todos, sem exceção estão em relacionamento sérios, às vezes até formando família.

Irônico né? Eu também acho.

Mas espero que vocês sejam felizes.

E deixem genuinamente de serem covardes.

Porque eu ainda fico pensando, muitas vezes que o problema sou eu, porque vocês estão felizes demais para o passado que vocês tem.

Enquanto eu estou chafurdada em um limbo sentimental gigantesco, sem nenhuma previsão de mudança.

Mas, sei lá, vai dar certo, eu acho.

Se eu conseguir mesmo ficando sozinha para o resto dessa minha reencarnação apresentar um TedTalks, deixar meu Lattes bem bonito e ser uma bruxona dedicada, eu to feliz, sabe?

Já teve dias que eu odiava essa sensação de solidão e desdesejo.

Hoje eu já me acostumei, e preencho essas coisas escrevendo histórias, livros, projetos, tirando fotos... Casada com a arte e a cultura até o último suspiro.

Com a sinceridade genuína de um “vão para a casa do caralho”

A rejeitada de vocês.



Querida Cecília

Wesley Marques

14/03/2021

Querida Cecília,

Este dia de escrever-lhe chegou. Desde 2019 esse desejo existe, em uma folha em branco com o seu nome. Agora, palavras fazem morada, e esta folha não estará mais sozinha. E eu te escrevo sendo essa mistura de tempos que se traduzem no Agora.

Menina a quem tanto amo, quem é capaz de parar o curso de um rio?

Quem?

Querida Cecília

Quem é capaz de parar o curso de um rio?

Querida Cecilia

Quem?

É possível parar o curso de um rio?

Querida Cecília

É possível parar a órbita da terra?

Querida, segurar o que se deve – naturalmente – ir, é ser maltratada pelo que – naturalmente – é. O rio é maior do que nós.

O rio não é só nosso. No rio, moram peixes e ecossistemas que precisam desse movimento – natural – da vida.

A vida é movimento.

Querida Cecília

A vida é movimento.

A vida é puro movimento, e precisamos movimentar-nos também. O que congestionava, a vida não espera. Não por ser má, mas porquê – naturalmente – precisa ir.

Isso também me trouxe outra imagem. Aqui em casa, um moço veio podar a árvore, e fui ajuda-lo em um pedaço de tronco muito grosso que, após ser cortado, cairia em cima do muro e, por seu peso + velocidade, deitaria o muro ao chão. Para isso, amarramos o pedaço de tronco com uma corda, o moço na copa da árvore com a sua serra, e eu, distante da árvore, ao chão, segurando a outra ponta da corda. No exato momento em que o pedaço de madeira se soltasse por completo de sua parte, eu deveria puxa-lo e imediatamente soltar a corda que nos conectavam. Puxa-lo para ele desviar do muro com o impulso que lhe provoquei, e solta-lo, porquê o seu peso me arremessaria e machucaria. Não haveria outro movimento – natural – do pedaço de tronco que não fosse: cair. A minha interferência mudou o rumo mas não mudou o destino.

Ainda quero dizer que, se fosse possível parar o globo terrestre, e o fizéssemos por travessura, deixando o continente americano em direção ao sol. Seria permanentemente dia aqui no Brasil, e permanentemente noite na Europa, África, Ásia, etc. Perceba que desastre?

Querida, você precisa soltar a corda, você precisa deixar ir. Do contrário, é como ter uma brasa apertada dentro das mãos.

Querida Cecília

É como ter uma brasa apertada dentro das mãos.

Junto a isso. Quero lembrar-lhes da maneira única de amar que há em nós. De modo que, conseguem até se assemelhar, mas não se igualar ou comparar. É como perguntar quem é mais importante, o céu ou o mar? Ou ainda, quem é mais bonita, a aurora ou o crepúsculo? Digo, o nascer e o pôr do sol. Querida, essa coisa de se comparar é método do capitalismo. Que consegue fazer com eficiência, nos separar. É completo injusto com quem somos comparar o que essencialmente é. Há outras pessoas com o seu nome, mas nenhuma é você.

Só você é você e isso não pode ser menos do que importante, raro, especial. Como a rosa em o pequeno príncipe, é única pelo que cativou dele, e vice versa. É belo os questionamentos que ele traz com a frustração de encontrar rosas “iguais” a dele, até compreender que o amor a diferencia de todas as outras bilhões.

E se tratando de nós, humanos, isso é ainda mais raro. Nem mesmo as gotas de chuva são iguais, nem as folhas, nem as nuvens, nem o rio é o mesmo rio em si próprio.

Lamento que estejamos em um tempo do qual esse sistema social, com potência, faz com que duvidemos de nossa importância, e faz com que nos comparemos com tanta frequência. Lamento ainda mais pelos sensíveis - coisa que máquina não pode ser.

Cecília, é exaustivo ser forte o tempo inteiro, é pela vulnerabilidade que amamos e nos encontramos.

Você disse isso sobre saber do amor em uma conversa: “Sempre bom quando fica mais fácil lembrar, né?”, e foi por questões semelhantes a essa que percebi que o amor é - e precisa ser - repetitivo. Digo agora, e mais uma vez: eu amo você; e amo isso, amar você.

Querida Cecília

Você tem um charme, que é coisa ainda mais rara entre humanos. Uma coisa que é só sua, incopiável. Continue sendo com este charme. Continue se banhando no rio, que não se pode parar nem ser o mesmo. Continue em movimento. Livre e leve como as palavras de Manoel de Barros – inclusive, vamos ler mais do Manoel, pra aprender a ser mais vermelho e ter mais cheiro de azul.

Com amor,

Wesley

Ps01: Trago-lhe este trecho - de uma música:

“Ao meu passado
Eu devo o meu saber e a minha ignorância
As minhas necessidades, as minhas relações
A minha cultura e o meu corpo
Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje?
Não sou escrava dele”

Ps02: Peço que assista ao filme “A Vida em Si” e quando o fizer, me escreva a respeito.

Ps03: Esta é a maior carta que já escrevi. Gosto quando surge – fenomenologicamente – algo assim, e semelhante.

Ps04: Hoje é dia da poesia. Viva a poesia!

Querida Cecília

Te abraço,

Querida Cecília

com o rio seguindo,

Querida Cecília

com a terra girando,

Querida Cecília

com o tronco caindo,

Querida Cecília

com o amor amando,

Querida Cecília

com o canto do pássaro,


que passa.



Saída Criativa

Milena Cerqueira Porto

Gosto de champanhe
com preço de limonada
Mágico pechinheiro
da fantástica fábrica alienada
A menos que acredite em viagem no tempo
Permanecerei refém no labirinto do desenvolvimento
Onde invasores são pequenos desastres
E convidados os que mantêm minha mente ativa
Minha neurose é passageira
E minha esperança, obsessiva
Sonhar se torna perigoso
E fé uma palavra nociva
Seguidora da Ciência
outrora adorava Shiva
Significados fusionam confundindo toda expectativa
A cada fase um novo eu
Minha expressão torna-se figurativa
Minha fuga, saída criativa.



Escrevivências e a escrita de nós: narrativas de estudantes negras(os) no ambiente acadêmico

Luíza Helena de Sousa Boretos
Leonardo Cavalcante de Araújo Mello

As narrativas das(os) escreviventes trazidas neste texto são fruto de uma pesquisa de trabalho de conclusão final de curso de graduação em Psicologia. O contexto da pesquisa surgiu a partir de inquietações e reflexões partilhadas em um grupo de mulheres negras estudantes de Psicologia. O grupo se formou a partir da necessidade de busca por pertencimento e acolhimento a partir das vivências raciais perpassadas por dores, dificuldades, desafios mas também por irmandade, compreensão e troca de afetações.

O grupo buscava coesão a partir da identidade racial embora fôssemos completamente diferentes umas das outras. Eram partilhas ricas, repletas de nuances que não poderiam ficar entre nós apenas, me fascinava nossa conexão. Tínhamos voz e potência que poderia ressonar para além das quatro paredes das salas da universidade. E assim surgiu uma questão que se sobrepôs sobre mim nesse processo de narrar nossas vidas: “como abordar a trajetória de mulheres negras?” Têm um nível de amplitude e complexidade envolvida aí, da qual também compartilho, mas me parece que seria justo pensar a partir de trajetórias, porque são tantas nuances e intensidades envolvidas nesses caminhos que merecem ser visibilizadas, devem ganhar seu devido espaço através de uma escrita vívida, dinâmica, cuidadosa que é sobretudo afetiva.

Quase toda pesquisa, ou trabalho acadêmico nasce de uma inquietação... de algum incômodo que insiste em martelar a cabeça à procura de alguma resposta ou explicação para alguma lacuna que pressupomos não existir explicação/resposta. Por isso eu me fiz uma outra pergunta: “O que eu estou querendo dizer?”, para me nortear melhor essa inquietação. E a resposta foi: “Estou querendo dizer que, pretendo colocar no centro, as narrativas e vivências de mulheres negras acadêmicas, frente ao racismo nosso de cada dia”. Entendo claro, que nesses sistemas de opressão, o racismo se entrecruza profundamente com outros modos de opressão, como o heteropatriarcado, o classismo, a lógica capacitista.

Sigamos. Outras perguntas me permitiram abrir uma outra janela “Como fazer? Que ferramentas ou quais modos, recursos, lanço mão nessa investigação?” Pensei na escrevivência como um recurso dentro desta caixa de ferramentas, não procurando fazer um uso limitado de tal recurso para fixar o problema de pesquisa inicial. Neste ponto, penso na escrevivência como um instrumento que pode nos auxiliar a captar as nuances, as intensidades, os aspectos de uma vivência/realidade concreta.

Para defini-la melhor, a escrevivência, conceito concebido por Conceição Evaristo, significa fazer um resgate histórico em forma de escritura, das memórias, lembranças, olhares e afetos de vivências particulares, mas que tomam contornos mais amplos a partir de outras vivências, sendo estas particulares ou coletivas. Trata-se de uma escrita de nós em que a literatura de Conceição conversa e atravessa com sua poética do real, das vozes silenciadas que ganham contornos na medida em que narram em um movimento de criação e recriação da vida.

Para narrar tais trajetórias, nos organizamos em torno do grupo de Escrevíveis composto por quatro participantes que se encontravam mensalmente no modo online. Foram encontros que tinham principal força motriz a discussão afetiva disparada por questões que giravam em torno da infância e do tornar-se negra(o) como identidade que se faz no caminho à partir dos referenciais familiares e da entrada nos espaços sociais de convivência que determinam o seu ser e valores à partir da cor da pele origem social, histórias sobre relações amorosas e a dificuldade, dorridades, vivência no ambiente acadêmico como lugar que pode se estabelecer como excludente à diversidade a pertencas étnicos raciais e modos de vida que divergem a hegemonia racial e tantos outros assuntos que surgiam o curso do movimento de escrever, falar, relembrar histórias. Além de partilhar as escritas, criamos um movimento de aquilombamento, um sentimento de pertencimento forte e ancestral que nos enlaçou à partir do movimento de nos vermos nas histórias uns dos outros.

A escrevivência de Conceição Evaristo

eis que uma noite acordei com uma estranha
pergunta entalada em minha (Silva, 2020, p. 4)

Conceição Evaristo diz que, escrever uma vivência íntima, daquelas vivências empoeiradas e guardadas no fundo de uma gaveta que ninguém ousa procurar, são improváveis de serem compartilhadas com outros seres. No entanto, deslocá-las das bordas do desconhecimento para a narrativa central, é um ato que exige coragem. Escrever é, dizendo de uma maneira muito simples, escrever uma memória pulsante da vida, como um canal possível do corpo negro se expressar, trazendo para o texto literário, as suas vivências, mantendo um traço de autoria. Pode ser uma palavra real ou fantasiosa de alguém, mas que diz sobre nós. “Escrever é a escrita de nós” (Duarte & Nunes, 2020).

Mas... e quem são esses “nós?” As obras de Evaristo se caracterizam por dar ênfase à história, à memória e às experiências de pessoas e comunidades afro-brasileiras. O foco incide sobre a vivência da mulher negra e pobre com às penumbras e ecos da escravidão pairando sobre o presente. Evaristo declara que sua escrita se faz com base na subjetividade feminina e negra, direcionando o olhar e moldando o ponto de vista da narrativa. Este estilo de transportar tais marcas para a narrativa, vem também de traços biográficos como a pobreza material vivida na infância em Minas Gerais (Coser, 2015).

E no caso específico das escritoras negras, é um termo importante para o feminino negro, porque durante séculos a mulher negra têm sua voz silenciada, enquanto têm o seu corpo explorado ao excesso, com os encargos de trabalhos intensos desde a escravização. É um corpo que, de certa maneira, organiza todo o espaço em que ele se situa: o espaço social, o espaço da família, o espaço da linguagem, por exemplo. Esse corpo fala, mas a voz da mulher negra é silenciada. A ação de escrever é como uma estratégia de sobrevivência, como preservação da memória, bem como da exposição de sua experiência enquanto mulher negra.

Mas o que querem as vozes da escrevivência? O que podemos escutar no que está por vezes, entre o pensamento e a escrita? Que afetos, emoções, reflexões, intelecções emergem dessa escrita?

O que impulsiona a escrita para Conceição, é o entrelaçamento entre as marcas identitárias e o profundo enlace entre os familiares e ancestrais, da ligação visceral com as histórias ouvidas em família, que surgem com frequência nas personagens e nas suas tramas (Prates, 2010). Tanto que a autora declara: “a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo o que ouvi desde a infância. O acúmulo de palavras, das histórias que habitam em nossa casa e adjacências” (Evaristo 2005). E ainda enfatiza a centralidade da relação com sua mãe em seus escritos: “O primeiro romance que escrevi, nasceu de uma frase que escutei de minha mãe” (Evaristo, 2007). A literatura de mulheres negras extrapola o eu para abarcar diferentes experiências, tempos e espaços coletivos (Prates, 2010).

Para além desta extrapolação, a escrevivência também se trata, de acordo com Correia (2018), de uma poética do silêncio que está no desdobramento da invisibilidade histórica da população preta e pobre no projeto de nação brasileira. Assim, o silêncio transgressor traz a diversidade e a identidade junto dos seus conflitos para o espaço da escrita, que se caracteriza por ser um local da denúncia a partir do uso da experiência vivida como uma importante ferramenta que aponta uma possibilidade de leitura para o que foi negligenciado. A escrevivência alcança também as dimensões culturais e políticas como elementos que preservam a potência da realidade social na ficção.

Nesse sentido, as escrevivências possuem camadas de interpretações que parecem na superfície, como um silêncio que diz, mas não diretamente, ou àquele elemento que vem à tona mostrando nossas precariedades e lacunas pessoais, bem como no eixo sociopolítico. Ainda assim, há um outro aspecto importante na escrevivência: a relação com a linguagem e a narração. A autora cria seus próprios métodos de entender a língua, seja escrita ou oral, imprimindo nela sua própria experiência.

“[...] estas histórias não são totalmente minhas, mas me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento sem o menor pudor. Então as histórias são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecido e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. [...] Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar minhas escrevivência (Evaristo, 2016, p. 7)

A autoria de Conceição se faz quando a mesma “se funde na sua obra a se dilui para fortalecer o nós e a presença da verossimilhança que dialoga com a realidade assumidamente ficcionalizada” (Cortês, 2016, p.56). Desta maneira, a escrita ganha quando se perde na invenção. Há assunção e o reconhecimento de uma espécie de “delírio” na linguagem que transforma a realidade que está sendo narrada.

Para a escrita se concretizar, a autora se move por um manancial de emoções, afetos, seus estados de percepção consciente e inconsciente para fazer emergir estas vivências, “para extrair desse vivido, inéditas sensações a dar-lhes uma vida”. Isto é, tirando impressões e sensações do que foi vivido, ressignificando-os a partir de uma vida própria, que se abre para a coletividade para trazer um passado mais vivido à sua memória (Coser, 2015). Trata-se de uma união entre experiência e linguagem, em que “o seu discurso sabota o oficial porque cria um devir mais justo e coerente com o povo que quer representar” (Cortês, 2016, p 56).

E ainda, nem mesmo a escrevivência de Evaristo e tantas outras obras escrevíveis são linhas neutras e vazias de seu sentido político. Esta escrita coletiva é responsável por trazer em seu corpo esse outro Brasil que se pretende ocultar-se em mitos raciais, de gênero e nas disputas, no ódio aos pobres, realocando a história e a memória como demarcadores da alteridade.

Pode-se dizer que a obra evaristiana se aproxima da ficção pós-moderna, porque, de acordo com Hutcheon (1991), há um anseio por saber de quem são as verdades que se contam acerca dos discursos históricos e em nome de quais interesses, desafiando as hegemonias nos discursos, que estão condicionadas aos seus aspectos históricos, sociais e ideológicos.

Nesse sentido, há um perigo assinalado na história única contada e a escrevivência se faz na linha da transgressão, na criação de contra narrativas na sabotagem da língua instituída do discurso opressor, em sua dinâmica de coerção.

Assim, a escrevivência assume a própria transgressão de um papel estético, político e ético, pois como bem demarca a autora, “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande”; e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2007).

Uma carta ao meu avô: seus passos, sua história, nossas raízes

Maria Laís dos Santos Leite

Oi vô, bença?

Eu não sei se essa carta chegará até o senhor, mas mesmo assim eu queria poder escrever para mesmo que simbolicamente te enviar. Hoje é dia de finados e nesse dia penso e rezo por pessoas que amei e não estão mais por aqui.

Aí me dei conta que eu nunca tive a oportunidade de ver o senhor, mas escutei a vida inteira minha Mãe falar de suas histórias, por isso é como se eu conhecesse desde sempre e me identificasse com muito do que me contaram ao seu respeito.

É bem difícil começar, porque têm tantas coisas que eu queria poder te dizer e te perguntar, ainda mais que eu acho que o senhor nem me conhece - não deu tempo eu nascer antes que partisse - e mesmo sem nunca ter tido a oportunidade de vê-lo

Vi muitas vezes minha Mãe chorar por sua falta e pela forma que o senhor foi assassinado, por defender sua irmã da violência doméstica - esse é o nome que deram para este tipo de violência que o senhor combateu - e por mais que as mulheres - e bons homens - tenham lutado muito e conquistado alguns direitos isso continua sendo muito frequente, acredita Vô?

Também ouvi falar muito de seu amor pela cultura, de sua participação em um grupo de reisado, de sua generosidade e de como gostava de receber as pessoas e festejar. Ouvi sobre seu trabalho no engenho, suas idas à feira no Crato, sobre seus amigos de Arajara... e até que o senhor voltava pé no mato, pé no caminho (risos). Essas e muitas outras histórias me fizeram amar o senhor mesmo sem ter recebido sua benção...

Eu não sei em que momento essas histórias foram se remexendo em mim, mas agora elas são tão presentes na minha vida que eu precisava falar pro senhor o quanto tenho orgulho de ser sua neta, da história da nossa família e que eu queria poder registrá-la para que ela não se perdesse - assim como aconteceu com a da sua Mãe, de quem eu sei menos ainda -.

Eu acredito muito pouco no que é sobrenatural, mas às vezes olho para trás e não sei como eu vim parar aqui... estudando agricultura familiar, os contextos rurais da Região do Cariri, as feiras, os saberes do nosso povo... buscando apoiar e registrar isso nos livros, nas fotos, na televisão e no computador que agora a gente também consegue fazer coisas para passar lá...

Penso que nesse movimento eu era movida pela curiosidade, eu procurava conhecer nossas raízes, eu desvendava sentidos para minha própria vida... e por alguns momentos tudo parece ter se encaixado que eu nem consigo pensar como seria não fazer isso... e quando tudo o que é racional é insuficiente para explicar porque isso é tão importante para mim, eu lembro que isso também é uma busca pela nossa história que como tantas outras ficou meio embaralhada pelo caminho...

Espero que o futuro da nossa família seja melhor, acho que já tem sido na verdade, nossa família teve mais oportunidades para estudar e peense num povo trabalhador e inteligente, armaria! -. Parte das suas filhas e dos seus filhos não puderam ou não quiseram estudar, mas trabalharam muito e conseguiram construir casas, manter suas famílias.

A maioria incentivou os filhos a estudarem e trabalharem, têm até doutoras já, das de verdade que estudaram bem muito, sem ser só de nome ou por que tem muito dinheiro. Têm pedagogas, administradora, enfermeira e enfermeiro, historiadora, padre, economista, mecânico e inventei de ser psicóloga social..

Tem mais um monte que não fez ensino superior/faculdade/ terceiro normal, não sei se o senhor já ouviu falar desse negócio... no tempo que o senhor andava por aqui a gente nem ouvia muito sobre isso, mas os filhos ou filhas dos patrões podem ter ido estudar em Recife, Fortaleza ou outra capital e o senhor pode ter ficado sabendo.

Agora por aqui também tem Universidades, são tipo escolas pra quem quer continuar estudando por mais um tempo e ter uma profissão que possa ser mais valorizada, que possa ganhar mais ou porque gosta de continuar aprendendo ou deseja ensinar para quem também vai querer seguir uma carreira parecida. Ficou meio confusa essa parte né, mas eu poderia explicar pro senhor, ir lendo e explicando os pedacinhos que não entendesse..

Então, Vô eu trabalho em uma chamada Universidade Federal do Cariri, que é uma universidade pública tem prédios por aqui em Barbalha, Juazeiro, Crato e até em Brejo Santo, legal né?

Eu não estudei nessa Universidade no começo, até hoje lá não tem o curso que eu sonhava em fazer. Por aqui só tinha numa faculdade que pagava para poder estudar e minha Mãe e meu pai não podiam pagar, mas fiz uma prova que quem tirasse nota boa poderia ir lá estudar que o Governo pagava - com o dinheiro de todo mundo na verdade, né -.

No primeiro ano eu não consegui porque só era uma pessoa que eles se responsabilizavam no curso que eu queria, mas eu tentei outra vez e aí deu certo.

As pessoas criticam muito este negócio que inventaram porque apoia e investe em coisa de empresário rico, ao invés da Universidade Pública, e é verdade né vô, mas também é uma chance e tanto para as pessoas que assim como nossa família não conseguiam pagar e nem morar longe da família... isso foi em 2008 né, vejo que ainda tem tido mais possibilidades agora...

Nos últimos anos tem até gente que não é branca e nem rica estudando, o senhor acredita? Pessoas com deficiência também. Alguns problemas têm sido vencidos pela força do povo, Vô, outros ainda estão longe de acabar, mas pelo menos as pessoas têm lutado para diminuir.

Pois então, tem gente que vem de outros estados do Brasil estudar aqui na nossa terra, aí mistura com os daqui e fica melhor ainda né? Vem gente de fora trabalhar aqui também, de São Paulo, do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul e até de outros países. Tem caririenses, são poucos ainda, mas têm e têm sido mais a cada dia.

Tem gente pobre, descendente de negros e índios, que nem nós trabalhando nesses lugares, Vô. Mesmo sendo poucas pessoas, já tem feito muita diferença, sabe? A gente tem falado de muita coisa que as filhas e filhos dos patrões não falavam, que nem percebiam... ou que achavam melhor deixar como estava, porque era bom para eles, né!

Desculpa vô, eu sei que falo e escrevo muito, mas eu tenho um monte de coisas para contar ao senhor... mas o que mais queria, era dizer que depois de tantos anos eu voltei à Arajara, não apenas para visitar como quando eu ia com minha Mãe com as estradas ruins e que a roupa ficava cheia de terra, voltei para trabalhar junto e para o povo.

Fui até a comunidade que o senhor morou e comecei a fazer projetos em parceria com a associação que os(as) moradores criaram, S. Novo, D. Socorro e até sua irmã, Maria do Socorro, participaram de atividades lá conosco, desde 2014 temos feito um bocado de coisa boa.

Eu faço muitas outras atividades lá no meu trabalho, mas acho que isso é o mais importante de tudo. Aprender com as pessoas daqui, registrar essa história, falar dos problemas e também das soluções que as pessoas criaram juntas.

Eu fico mais forte e feliz quando encontro essas pessoas, quando posso partilhar com elas um pouco do que pude aprender na Universidade e também mostrar lá na Universidade - para quem ainda não conhece o povo daqui ou não sabe o tanto de sabedoria que tem - que isso é a maior riqueza desse lugar.

Espero que essa carta tenha chegado até aí, que o senhor esteja bem... que possa me ler, me ouvir.

Eita vô, só mais uma coisa!

O senhor se importa se eu mostrar nossa carta à nossa família e também para umas(uns) colegas que podem gostar de saber o que estamos conversando aqui?

Eu estou achando muito legal contar isso pro senhor - comecei no dia de finados, porque estava lembrando muito do senhor e das minhas avós e avôs - todos já estão aí por cima... é em cima ou embaixo? nem sei se é por aqui... nem como é, mas eu prefiro acreditar que o senhor consegue nos ver e nos ouvir, porque a gente ainda não aprendeu muito a não sofrer por quem não está mais por aqui... eu sou bem ruim nisso, na verdade...

Vô, te peço pra contar sobre essa carta, porque acho que se outras pessoas puderem ler isso, elas poderão te conhecer um pouco e te admirar também, assim como sua esposa e suas filhas. Talvez possam admirar seus avôs e suas avós, conversar mais com elas(es) e escrever sobre elas(es) também.

Até logo, S. José Raimundo dos Santos. Outro dia eu escrevo outra carta, tá certo?

Te amo, Vô. Abraços.



Histórias para cuidar das nossas mortas

Maria da Graça

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
(Conceição Evaristo, 2017).



Querida avó,

Ensaiei incontáveis vezes escrever esta carta. Durante muitos anos achei que essa história não me pertencia, que não deveria conta-la pois ela poderia ferir quem ficou. No entanto, ao compartilhar da nossa história com outras mulheres não apenas entendi que contava uma história coletiva, mas também que narra-la não seria uma violência, mas sim uma forma de cura. Escrevo esta carta que é ao mesmo tempo minha, mas também de muitas outras vozes-mulheres (Evaristo, 1990) que me habitam.

Falo aqui de uma história larga, mas que para mim tem início por volta dos meus 18 anos de idade, quando mainha me contou, em uma tarde qualquer, que aquela a quem eu havia conhecido durante toda a minha vida como avó materna não era minha avó “de verdade”, em outras palavras não era minha avó biológica. Essa notícia não chegou a despertar fortes emoções em mim naquele momento. Vó Maria era uma senhorinha simpática, mas não éramos próximas e havia um quê de indiferença e um certo estranhamento naquela relação.

Sentei na cama e pedi que ela contasse o porquê daquela mentira. Até aquele momento considerava minha mãe uma mulher dura, por muitos anos achava que ela era seca de lágrimas, porque nunca a vi chorando. É também uma mulher de poucas palavras. Para mim, sempre chorona e cheia de palavras, ela sempre me parecerá um enigma. Ao ver seus olhos inundados entendi.

Mainha quase nunca falava (ou fala) do Assú. Ela me disse que andava sonhando muito com a terra dos poetas naquela época e que desde que saiu da cidade, aos 17 anos de idade, só havia retornado lá uma única vez, na ocasião do enterro do pai, que já havia partido quando eu nasci. Como um quebra-cabeça, fomos montando trechos da história. Ela me contou que lembrava da última vez que vocês se viram. Ela tinha entre 5 e 7 anos, ela não tem certeza. Vocês estavam na praça no Assú quando um carro passou e levou ela e seus dois irmãos menores. Ela diz lembrar do seu rosto se distanciando pela janela. Disso ela afirma ter uma memória muito forte. A parte que se segue penso ser importante narrar com mais alguns detalhes, pois não sei até que ponto a senhora a conhece, mesmo sabendo que serão necessárias muitas outras cartas para contar todas as histórias.

Mainha foi levada para morar em um convento de freiras na cidade onde foi alfabetizada, evangelizada e domesticada como uma boa moça até ser levada novamente, por cerca de 12 anos de idade, desta vez para morar no sítio onde vivia o pai com sua esposa e seus outros filhos para trabalhar como babá de seus irmãos legítimos e empregada doméstica da família. Seus outros irmãos ilegítimos foram morar na casa de um tio também no Assú. Ela morou no sítio em Assú até ser levada novamente, em um pau de arara, como ela costuma dizer, para trabalhar na casa de uma tia na capital. Em Natal, onde ela vive até hoje, ela estudou, casou, teve três filhos, uma filha, quatro netos e uma neta.

Meses após essa conversa, entusiasmada ela mostrou para mim uma foto no celular, uma 3x4 desgastada pelo tempo enviada por uma prima de segundo grau. Nela uma mulher nos encara com olhar sóbrio. Terezinha Pereira da Silva, de quem à minha mãe Iris não foi permitido herdar o sobrenome, mas de quem herdou os cabelos tão negros que brilham sob o sol, assim como os da minha mãe e os meus.

Um tio-avô contou que a senhora era costureira, assim como ela. Uma vizinha disse que a senhora era “índia”. Um comerciante local disse que a senhora era muito pobre. Um conhecido que tinha virado “da vida”. Outro que casou novamente e teve outros filhos. Alguém disse que a senhora havia enlouquecido, tendo sido internada em um hospital psiquiátrico. Do meu avô nunca saiu uma palavra. O silêncio.

Mainha confessou-me diversas vezes sobre as dores de habitar uma identidade fraturada. De viver em uma família que representava a separação forçada, que lhe retirou o direito à sua própria narrativa. Questionando o porquê desse roubo, ou seria abandono? Envolvida em dúvidas sobre a própria maternagem. Onde ela buscava informações só existia o silêncio violento.

São anos buscando reconstruir uma história de vida diante da memória apagada e de um luto negado à uma filha, uma mãe e uma neta. Buscas na internet, viagens, conversas com parentes, pesquisas em cartórios. Nessas buscas descobri que a senhora também compartilhava uma história parecida com sua própria mãe. O pai branco filho da casa grande que nunca lhe registrou, mas fez questão de seu trabalho doméstico. Silêncios que foram transmitidos de forma intergeracional. Um dia mainha fez questão de dizer "sua avó era cabocla, mas não foi pega no laço". Fico até sem jeito de falar sobre isso com a naturalidade com a qual mainha falou, veja, hoje em dia essa expressão nos remete a uma forma de violência terrível. Mas fiquei feliz de saber que apesar de tudo, a senhora pode ter algumas escolhas. Descobri também da sua partida, provavelmente em 1962, Eu nasceria mais de 20 anos depois.

Leda Maria Martins (2021) e Antonio Bispo dos Santos (2023), têm me acompanhado nessa arteficialidade das memórias. Para eles, a ancestralidade nos guia para temporalidades distintas para além do campo de conhecimento cronológico, da lógica linear. A percepção e concepção do tempo espiralar onde o tempo pode ser experimentado como simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências cosmológicas, dos tempos curvos da memória, permitidas pelo habitar da encruzilhada como modo de experienciar o mundo. A historiadora Saidiya Hartman (2020, p. 928), pergunta: "Como podemos entender o luto quando o evento ainda tem que terminar? Quando as feridas não apenas perduram, mas também são infligidas de novo? É possível lamentar o que ainda não parou de acontecer?". Hartman, uma mulher negra estadunidense, fala da sua própria busca pela reconstrução das histórias de pessoas escravizadas da diáspora africana, como uma forma ética de cuidar dos mortos. Mas entendo que as perguntas que ela faz também nos serve para pensar o contexto de re-traumatização constante de famílias racializadas, empobrecidas, atravessadas pela violência do apagamento no Brasil.

É essa curva do tempo e da memória que permite que, ao resgatar a nossa história, eu não esteja falando apenas de uma história individual, mas da história dos brasis e da constituição do projeto colonial e violento que é a criação do Brasil como Estado-nação.

Certa vez ensaiei falar sobre nós em uma sala de aula - esqueci de mencionar, hoje sou professora em uma universidade federal, mas a senhora já deve ter percebido pelo palavreado cheio de rococó - ao abrir o primeiro slide fui acometida por uma tosse incessante. Nele estavam suas fotos em preto e branco, sérias, e uma terceira foto colorida onde eu apareço sorridente por volta dos 6 anos de idade vestida em um vestido de São João vermelho costurado por mainha.

Em meio às tentativas de quebrar o possível embaraço da situação, alguém comenta: "é o engasgo colonial". A turma ri. Eu também. O silêncio que sustentava aquele engasgo aos poucos tomou forma de palavra. Criamos ali um conceito, pensei. O engasgo que surge diante da iminência da elaboração de um silêncio histórico.

Enquanto contava minha, sua história, nossa história, outras mulheres, de diferentes lugares da América Latina e que participavam do curso, foram se identificando. Muitas delas compartilhavam histórias semelhantes de memórias apagadas, invisibilizadas, histórias roubadas, mães, avós, bisavós. Histórias que remetem ao processo de miscigenação forçada, branqueamento como projeto e exploração dos corpos de mulheres racializadas e pobres do nosso povo. Tantas mulheres das nossas famílias tiveram suas histórias sistematicamente apagadas, seus corpos e seus nomes violados, e que foram consideradas loucas, internadas em hospitais psiquiátricos, medicalizadas pela constante violência da misoginia.

Leda Maria Martins (2021) e Antonio Bispo dos Santos (2023), têm me acompanhado nessa artesanaria das memórias. Para eles, a ancestralidade nos guia para temporalidades distintas para além do campo de conhecimento cronológico, da lógica linear. A percepção e concepção do tempo espiralar onde o tempo pode ser experimentado como simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências cosmológicas, dos tempos curvos da memória, permitidas pelo habitar da encruzilhada como modo de experienciar o mundo. A historiadora Saidiya Hartman (2020, p. 928), pergunta: “Como podemos entender o luto quando o evento ainda tem que terminar? Quando as feridas não apenas perduram, mas também são infligidas de novo? É possível lamentar o que ainda não parou de acontecer?”. Hartman, uma mulher negra estadunidense, fala da sua própria busca pela reconstrução das histórias de pessoas escravizadas da diáspora africana, como uma forma ética de cuidar dos mortos. Mas entendo que as perguntas que ela faz também nos serve para pensar o contexto de re-traumatização constante de famílias racializadas, empobrecidas, atravessadas pela violência do apagamento no Brasil.

Choramos, nos abraçamos, nomeamos o trauma colonial (Fanon, 2008). A violência irreparável do trauma colonial reside precisamente em todas as histórias que não podemos conhecer e que nunca serão recuperadas (Hartman, 2020). Foi necessário para nós por em palavras, elaborarmos o trauma, como uma forma de cura coletiva.

Diante da impossibilidade da reconstrução de uma história fiel aos acontecimentos além da narrativa do sofrimento e da perda, o que nos resta é fabular, extrapolar a historiografia, e imaginar passados/futuros. Me pergunto qual sua cor favorita, se gostava de dançar, sobre como conseguiu cuidar de seus filhos sozinha, como enfrentou todo o racismo e misoginia de uma cidade tão pequena nos anos de 1950, me pergunto se chegou mesmo que de longe a ver sua filha e seus filhos crescerem. Se viu o quanto sua filha era bonita. Me pergunto sobre como era o seu sorriso que nunca pude ver, mesmo que através de uma fotografia. Me pergunto se minha mãe conseguiria chorar, caso não tivesse aprendido tão cedo a segurar a lágrima como forma de sobrevivência. Me pergunto se a senhora teria orgulho de mim, de ter me tornado uma professora, uma mulher que fala e é ouvida por muitas pessoas.

Outro dia sonhei com a sua risada. A sua e a de minha mãe que há tanto tempo não ouvia. Diante da grata surpresa, gargalhei. Ostentávamos as três nossas gargalhadas sonoras, altas, escandalosas, plenas de vida. Materializamos o impossível e desengasgamos nossos silêncios.

Despeço-me com a promessa de uma nova carta em breve.

Com amor de sua neta,

Maria da Graça



Referências

- Evaristo, Conceição (2017). Vozes-mulheres. In Poemas de recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê.
- Fanon, Frantz (2008). Pele negra, máscaras brancas. Salvador: Edufba.
- Hartman, Saidiya (2020). Tempo da escravidão. Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, 10(3), 927-948.
- Martins, Leda Maria (2021). Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Santos, Antonio Bispo Dos. (2023). A terra quer a terra dá. Rio de Janeiro:cobogó.

Em memória da pequenina aprendiz de costureira do Delta Orinoco

Maria Clara Fernandes Araújo de Paiva

Natal, Rio Grande do Norte, 29 de maio de 2021

I.
Já era a segunda vez que, por ali, passava. Não conseguia ver o seu rosto: apenas a estória andarilha que a acompanhava através dos territórios, fazendo marca (profunda). Da beira dos rios frescos para a beira do mormaço acinzentado dos asfaltos. Do reconhecimento das matas, do idioma da fauna e da flora, para o desconhecido mundo de buzinas, cápsulas automóveis, vidros fechados e desencontros de olhares.

Eu não conseguia ver o seu rosto. Você estava, naquela calçada, tentando costurar o estrangeiro, resgatando o pouquinho que já lhe era registro, com aqueles pedaços miúdos de... Fios caídos. Emendava como quem clamava por ajuda "por favor, preciso reunir o que me resta". O que lhe resta?

Queria escutá-la, mas ainda não conseguia ver o seu rosto. As pequenas mãos passearam pela sua testa, afastando sua franja fina da pele indígena - eu vi, vi pela sombra do Sol das dez. Roupinhas frágeis. Pés descalços. E era tudo o que você me deixava ver, naqueles dois dias seguidos, ensolarados e fervilhantes de mormaço, enquanto o seu pai estava entre as cápsulas automóveis. O semáforo tornou ao verde. Em pulso de desperta-dor, tornei a mim.

As lágrimas correram, compulsivamente, pelo meu rosto ao imaginar o seu.



27 de outubro de 2022

II.

Pequena aprendiz de costureira Warao,

Este já é o segundo texto encarnado, ou começo-meio-começo daquele que não se encerrou, que escrevo pensando em você e, curiosamente, ontem estava a ler o primeiro deles.

Mas mais me parece, hoje, confesso, que era eu quem estava entre aqueles fiozinhos de cobre que você tentava reunir enquanto estava sentada naquela calçada cinza. Fiozinhos esquecidos, tornados restos no frenesi da Avenida Jaguarari. Só depois de algum tempo, do amadurecimento de um corpo-território que passei a reconhecer, entendendo que o Rio Grande do Norte é território indígena, atentei-me que aquela mesma rua se chamava, originariamente no tupi-guarani, “pequena onça”. Escrevendo, lendo e escutando essas mesmas palavras, esboço um sorriso.

Curioso que, mesmo não vendo o seu rosto, eu lhe via, ou talvez também me visse em você. É, eu me vi em você e vi muitas outras em nós, porque, no fim das contas, das sementes de açaí, dos entrançados das palhas de moriche, nós só queremos fazer laço - e, quem sabe, se possível for, fazer beleza com os restos.

Que território é esse que nos demarca tanto as fronteiras? Eu tinha os pés cheios de barro quando você ressurgiu no território da minha memória. Estava a correr sem direção, miúda - como você -, e me sentindo tão corpo, tão... inteira, terna, terra.

Mas me dói, no botão do meu peito, pequenina, porque naquele dia você estava, na altura do que me pareciam seus três anos de idade ocidentais, com os pés entre a ida e a morte, entre a esperança de ser e o risco de não conseguir. Ainda assim, você estava ali - e eu me pus, também ali, ao seu lado, sem que você sequer notasse minha presença, meu choro torrente, corrente, caño, delta.

Mesmo que você nunca venha a saber, estou - ou estive, considerando um tempo que circula por onde ainda não conhecemos - aqui por você, reunindo nossos restos e de todas as outras em nós, as crianças que também foram as nossas avós.

Yakera, pequenina.

Maria Clara



Um convite a (com)partilhar
cartas, memórias, textos,
sentimentos e emoções.



LABORATÓRIO DE ESTUDOS
EM POLÍTICAS PÚBLICAS,
TERRITORIALIDADE E DIFERENÇAS - UNÊ